

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ÂNGELA ESTEVES MODESTO

A temática de gênero na formação em psicologia sob a ótica de estudantes e recém-formadas(os)

SÃO PAULO

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Educação
Área de concentração: Ciências Sociais e Educação: Desigualdades e
Diferenças
Linha de pesquisa: Sociologia da Educação

ÂNGELA ESTEVES MODESTO

A temática de gênero na formação em psicologia sob a ótica de estudantes e recém-formadas(os)

Versão Corrigida

(versão original disponível na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho.

SÃO PAULO

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a) Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

-
- Et Esteves Modesto, Ângela
A temática de gênero na formação em psicologia sob a ótica de estudantes e recém-formadas(os) / Ângela Esteves Modesto; orientadora Marília Pinto de Carvalho. -- São Paulo, 2020.
104 p.; anexos; apêndices
- Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.
1. Gênero. 2. Formação em psicologia. 3. Ensino superior. 4. Estudantes de psicologia. 5. Psicólogos recém-formados. I. Pinto de Carvalho, Marília, orient. II. Título.
-

Nome: Ângela Esteves Modesto

Título: A temática de gênero na formação em Psicologia sob a ótica de estudantes e recém-formadas(os).

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovado em: ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

A todas as minhas alunas e alunos, que diariamente me ensinam a pensar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de esforços conjuntos para que investigação que o originou pudesse ser empreendida. Ao longo dos anos, tive a sorte de contar com a colaboração de pessoas sensíveis que se dispuseram a ajudar e que tornaram possível sua realização.

Meu muito obrigada a todos os coordenadores, coordenadoras, professores e professoras, psicólogos e psicólogas que atenderam às solicitações e gentilmente facilitaram o acesso às estudantes nas instituições onde trabalham.

Obrigada aos(às) participantes, que aceitaram se expor e fornecer informações para que algum conhecimento pudesse ser construído e compartilhado.

Agradeço à profissional que fez transcrições precisas das entrevistas.

Agradeço às professoras e professores de psicologia, parceiros(as) na instituição onde eu trabalho, pelo estímulo que me deram e pelo auxílio nas tarefas cotidianas. Agradeço também à coordenação de curso pela compreensão e respeito quanto às indisponibilidades surgidas devido ao processo de doutoramento.

Agradeço especialmente às minhas alunas e alunos, com quem aprendo substancialmente e que foram determinantes para que eu escolhesse essa temática para estudar.

Meus agradecimentos às cantoras, cantores e regência do coral que eu integro por fazerem dos ensaios um refúgio seguro e das apresentações um espaço catártico.

Obrigada à banca da qualificação por sinalizar os caminhos que eu viria a percorrer.

Meus agradecimentos ao grupo de pesquisa da pós-graduação pelo acolhimento, estudo coletivo e pelas contribuições fundamentais feitas ao meu trabalho.

Muito obrigada à minha orientadora, que tranquilamente me conduziu pelas trilhas que ela domina, respeitando minhas limitações e ritmo e fazendo com que eu me sentisse segura. Obrigada por tudo que me ensinou!

Agradeço a todos os amigos e amigas que me apoiaram, leram o que eu escrevi, me orientaram, me chamaram para passear, resolveram os problemas que eu não pude resolver, ofereceram café, comida e memes engraçados, permitindo que eu pudesse continuar mais leve.

Agradeço a meus familiares, principalmente meu companheiro, minha mãe e meu pai, que encerrou o percurso de sua vida há pouco mais de um ano, enquanto eu ainda trilhava os caminhos da minha. Obrigada pelo acolhimento durante todo o processo.

Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar.

Siba

RESUMO

MODESTO, Ângela Esteves. A temática de gênero na formação em psicologia sob a ótica de estudantes e recém-formadas(os). 2020. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabalho narra uma pesquisa desenvolvida para investigar a abordagem da temática de gênero na formação em psicologia a partir da visão de estudantes e recém-formadas(os) de faculdades públicas e privadas do estado de São Paulo. Além desse objetivo geral, intencionou-se especificamente levantar as concepções de gênero de estudantes e recém-formadas; identificar os espaços e processos de construção dessas concepções; e evidenciar as constatações e sugestões das participantes sobre a abordagem da temática de gênero na formação. Para alcançar os objetivos, além de levantamento bibliográfico foi conduzida uma pesquisa empírica com estudantes e recém-formadas em psicologia, composta de aplicação de questionário e realização de entrevistas. Foram realizadas vinte entrevistas, nas quais se buscou conhecer seu ponto de vista acerca da abordagem da temática de gênero ao longo da formação. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente trabalhadas por meio da análise temática de conteúdo. A análise dos dados permitiu compreender melhor as concepções de gênero que perpassam a formação de futuras psicólogas, assim como ficaram evidentes as negociações e concessões necessárias no sentido da conciliação de valores partilhados no âmbito da família, da religião e da psicologia como ciência e profissão. Apesar de o diálogo entre psicologia e gênero ser considerado incipiente no que tange à produção científica em psicologia, na esfera das relações sociais ele está em pleno andamento, pois o gênero é um elemento organizador da sociedade. A percepção de que a abordagem de gênero era escassa na formação se revelou estar mais associada à inserção intencional da temática de gênero ao currículo e não aos acontecimentos cotidianos de um curso de formação, que implicam, sim, questões de gênero. As participantes pareciam recorrer tanto a conceitos considerados corretos e partilhados pelo senso comum quanto a correntes teóricas validadas pela psicologia, além de pressupostos religiosos e políticos em alguns casos, o que denota a fluidez e multiplicidade dos sentidos de gênero, construídos cultural e historicamente, em ação e transformação contínua nas diferentes sociedades, instituições e subjetividades. Este estudo pode inspirar outras pesquisas acerca do tema que possam diversificar tanto a compreensão do gênero na psicologia quanto a compreensão da psicologia em meio às relações de gênero vigentes na sociedade.

Palavras-chave: Gênero; Formação em psicologia; Ensino superior; Estudantes de psicologia; Psicólogos recém-formados.

ABSTRACT

MODESTO, Ângela Esteves. Gender issues in psychology graduation from the perspective of students and recent graduates. 2020. Thesis (Doctoral). School of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

This work narrates a research developed to investigate the approach of the gender theme in psychology training from the view of students and recent graduates from public and private colleges in the state of São Paulo. In addition to this general objective, it was specifically intended to identify the gender concepts of students and recent graduates; to know the spaces and processes of construction of these concepts; and to highlight the findings and suggestions of the participants on the approach of the gender theme in graduation. In order to achieve the objectives, in addition to a bibliographic survey, an empirical survey was conducted with students and recent graduates in psychology, comprising the application of a questionnaire and interviews. Twenty interviews were conducted, in which it was sought to know their point of view about the approach of the gender theme throughout the training. The interviews were recorded, transcribed and later worked through thematic content analysis. The analysis of the data allowed us to better understand the conceptions of gender that permeate the graduation of future psychologists, as well as the necessary negotiations and concessions in the sense of reconciling shared values within the family, religion and psychology as science and profession were evident. Although the dialogue between psychology and gender is considered incipient with regard to scientific production in psychology, in the sphere of social relations it is in full swing, as gender is an organizing element of society. The perception that the gender approach was scarce in training proved to be more associated with the intentional insertion of gender into the curriculum and not with the everyday events of a graduation course, which do imply gender issues. The participants seemed to resort both to concepts considered correct and shared by common sense and to theoretical currents validated by psychology, in addition to religious and political assumptions in some cases, which denotes the fluidity and multiplicity of gender meanings, culturally and historically constructed, in action and continuous transformation in different societies, institutions and subjectivities. This study can inspire other research on the topic that can diversify both the understanding of gender in psychology and the understanding of psychology in the midst of gender relations in force in society.

Keywords: Gender; Psychology graduation; University education; Psychology students; Recent graduated psychologists.

RESUMEN

MODESTO, Ângela Esteves. El tema de género en la formación en psicología desde la perspectiva de los estudiantes y recién graduadas(os). 2020. Tesis (Doctorado) – Facultad de Educación, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2020.

Este trabajo narra una investigación desarrollada para investigar el enfoque del tema de género en la formación en psicología desde el punto de vista de estudiantes y recién graduados de universidades públicas y privadas en el estado de São Paulo. Además de este objetivo general, tenía la intención específica de identificar los conceptos de género de los estudiantes y recién graduados; conocer los espacios y procesos de construcción de estos conceptos; y destacar los hallazgos y sugerencias de los participantes sobre el enfoque del tema de género en la graduación. Para lograr los objetivos, además de una investigación bibliográfica, se realizó una investigación empírica con estudiantes y recién graduados en psicología, que incluyó la aplicación de un cuestionario y entrevistas. Se realizaron veinte entrevistas, en las cuales se buscó conocer su punto de vista sobre el enfoque del tema de género a lo largo del curso de graduación. Las entrevistas fueron grabadas, transcritas y luego trabajadas a través de análisis de contenido temático. El análisis de los datos nos permitió comprender mejor las concepciones de género que impregnan la graduación de futuros psicólogos, así como las negociaciones y concesiones necesarias en el sentido de conciliar los valores compartidos dentro de la familia, la religión y la psicología como ciencia y profesión. Aunque el diálogo entre psicología y género se considera incipiente con respecto a la producción científica en psicología, en el ámbito de las relaciones sociales está en pleno apogeo, ya que el género es un elemento organizador de la sociedad. La percepción de que el enfoque de género era escaso en la capacitación demostró estar más asociada con la inserción intencional de género en el currículo y no con los eventos cotidianos de un curso de graduación, lo que implica problemas de género. Los participantes parecían recurrir tanto a conceptos considerados correctos y compartidos por el sentido común como a corrientes teóricas validadas por la psicología, además de supuestos religiosos y políticos en algunos casos, que denotan la fluidez y multiplicidad de significados de género, cultural e históricamente construidos, en acción y transformación continua en diferentes sociedades, instituciones y subjetividades. Este estudio puede inspirar otras investigaciones sobre el tema que pueden diversificar tanto la comprensión del género en psicología como la comprensión de la psicología en medio de las relaciones de género vigentes en la sociedad.

Palabras clave: Género; Graduación en psicología; Enseñanza superior; Estudiantes de psicología; Psicólogos recién graduados.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de vezes que cada concepção de gênero foi assinalada, em ordem decrescente (total da amostra).....	60
Tabela 2 – Entrevistadas por IES e período.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – PERCURSO TEMÁTICO	18
1.1 COMO O GÊNERO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA SE TRANSFORMOU EM UMA QUESTÃO SOBRE A QUAL EU GOSTARIA DE SABER MAIS.....	18
1.2 A RELEVÂNCIA DE CONHECER E EXPLICITAR O PONTO DE VISTA DAS PSICÓLOGAS EM FORMAÇÃO NO QUE SE REFERE À TEMÁTICA DE GÊNERO NA PSICOLOGIA	19
1.3 OS PROPÓSITOS DA INVESTIGAÇÃO QUE FOI REALIZADA	21
CAPÍTULO II – PERCURSO TEÓRICO	23
2.1 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS ADOTADAS NESTE ESTUDO PARA FALAR SOBRE GÊNERO NA PSICOLOGIA	23
2.2 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM TORNO DA PSICOLOGIA E TEMÁTICAS DE GÊNERO PARA DEMARCAR O ESCOPO DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA	32
2.3 GÊNERO NO SISTEMA DE CONSELHOS DE PSICOLOGIA	38
CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO	43
3.1 DESCRIÇÃO DOS PASSOS DADOS, INSTRUMENTOS UTILIZADOS E PROCEDIMENTOS REALIZADOS NA PESQUISA EMPÍRICA	43
3.2 AS PARTICIPANTES DA PESQUISA E O CAMINHO TRILHADO ATÉ ELAS	48
CAPÍTULO IV – PERCURSO DESCRITIVO-ANALÍTICO	53
4.1 COMENTÁRIOS SOBRE AS ESTRUTURAS CURRICULARES VIGENTES NOS CURSOS DE PSICOLOGIA EM QUE ESTUDAVAM OU HAVIAM SE FORMADO AS PARTICIPANTES	53
4.2 PRIMEIRAS INFORMAÇÕES OBTIDAS POR MEIO DO QUESTIONÁRIO E COMENTÁRIOS SOBRE A EXPERIÊNCIA COM ESSA FERRAMENTA.....	57
4.3 APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS	66
4.3.1 Cristina, Iraci, Marta, Patrícia e Robson – instituição privada familiar.....	68
4.3.2 Catarina, Jéssica, Kátia e Maria Gabriela – instituição privada de rede internacional	71
4.3.3 Ana Clara, Ana Lia e Ludmila – instituição privada filantrópica	73
4.3.4 Elisangela, Maíra e Maurício – instituição pública do interior.....	75
4.3.5 Ângelo, Débora, Diane, Keila e Tatiana – instituição pública da capital.....	76
4.4 AS CONCEPÇÕES DE GÊNERO QUE SE PÔDE IDENTIFICAR	77
4.4.1 Papéis e performance	79
4.4.2 Uma escolha ou uma posição no mundo	83
4.4.3 Uma construção, um “caldo” em que se está imerso	88
4.4.4 Uma ótica	92
4.4.5 Desencontros entre as concepções das entrevistadas e as minhas	93
4.5 ESPAÇOS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	96

4.5.1 Teóricas “populares” entre as entrevistadas.....	97
4.5.2 Mulheres e homens em sala de aula.....	99
4.5.3 Conciliações entre pressupostos familiares, da psicologia, e de gênero.....	101
4.5.5 A formação oficial e a formação paralela	105
4.5.6 Coletivos feministas e outros grupos de ação e reflexão.....	107
4.6 CONSTATAÇÕES E SUGESTÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE A ABORDAGEM DA TEMÁTICA DE GÊNERO NA FORMAÇÃO.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICES.....	127
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO	127
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	132
APÊNDICE III – RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS E SEUS DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	134
APÊNDICE IV – RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS E INFORMAÇÕES SOBRE RENDA E ESCOLARIDADE DOS PAIS	136
APÊNDICE V – RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS, PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS OU COLETIVOS, AFINIDADES NA PSICOLOGIA E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR.....	138

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no relato de uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 2016 e 2019, realizada como parte dos requisitos necessários ao processo de doutoramento na área de Sociologia e Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

A pesquisa empreendida tinha por finalidade conhecer o ponto de vista de estudantes e recém-formados(as) em cursos de graduação em psicologia acerca da abordagem da temática de gênero ao longo da formação. Considerei, como autora da pesquisa, que seria importante dar voz ao alunado em uma questão que contemporaneamente tem ganhado ampla repercussão.

Por temática de gênero me refiro ao conjunto de temas que mais ou menos diretamente se referem ao tema central gênero, o que inclui desde características da identidade das pessoas até aspectos em níveis estruturais e simbólicos, que de alguma forma se fazem presentes durante o processo de formação de psicólogas e psicólogos. Um dos principais pressupostos deste trabalho é que as concepções de psicólogas e psicólogos impactam diretamente sua atuação, sendo importante, portanto, conhecê-las.

Conforme a pesquisa se desenrolava, a sociedade brasileira foi passando por uma série de acontecimentos que se pôde perceber refletidos nos dados obtidos.

Ao final do ano de 2015 uma forte pressão exercida por adeptos(as) do movimento intitulado Escola Sem Partido fez com que fossem retiradas dos planos nacional e regionais de educação quaisquer menções à temática de gênero. O movimento alegava que a discussão sobre sexualidade nas escolas, por exemplo, poderia estimular precocemente as crianças a terem relações sexuais.

No ano seguinte, 2016, quando eu ainda cursava as disciplinas obrigatórias para o doutorado, a primeira mulher a presidir o Brasil sofreu um processo de *impeachment*, sendo obrigada a deixar o cargo debaixo de acusações que, para além das irregularidades administrativas apontadas como causa de seu impedimento, miravam o fato de ela ser uma mulher dura, que não fazia concessões e nem acordos. Possivelmente, esses são aspectos que podem ter tanto influenciado positivamente sua eleição quanto negativamente seu impedimento, aspectos de gênero.

Os dados da pesquisa empírica foram coletados entre 2017 e 2018. Em 2017 visitaram o país e palestraram em diversas instituições as teóricas feministas Angela Davis e Judith Butler, que lotaram auditórios com seguidores de suas ideias de gênero e despertaram a fúria daqueles que viram em seus argumentos ameaças irreparáveis à organização da sociedade.

Em 2018 ocorreram eleições presidenciais. Meses antes do pleito, grupos de diversos setores da sociedade se articularam em torno de uma causa, infelizmente não alcançada, que era a não eleição do atual presidente do país. Entre tantos fatores que pesavam quanto à sua incapacidade de liderança estava o fato de discriminar grupos minoritários (como mulheres, pobres, negros, homossexuais), porém, foi exatamente a habilidade inconsequente de discriminar indiscriminadamente que parece ter conquistado o voto de uma porção de seus(uas) eleitores(as).

Um estudo sobre gênero realizado com a participação de pessoas que passaram por um processo de formação universitária durante esses anos certamente refletiria aspectos desse contexto, o que de fato ocorreu nesta investigação.

Para oferecer um panorama geral, posso dizer que este trabalho se organiza a partir de uma introdução e de quatro capítulos subsequentes seguidos de considerações finais. Inicialmente, no capítulo que chamei de Percurso temático, apresento como meu caminho acadêmico e profissional mobilizaram o interesse em pesquisar gênero na psicologia, o que antecede a explicitação do tema, justificativa e objetivos do estudo.

A seguir, o Capítulo II, chamado de Percurso Teórico, contém o embasamento teórico que sustenta o estudo e as análises; uma revisão de artigos cujos achados ajudam a situar as reflexões propostas a partir dos dados; e uma visão geral acerca das discussões sobre gênero no âmbito do sistema de conselhos da psicologia brasileira.

No Capítulo III, que narra o Percurso Metodológico, ofereço detalhes sobre as estratégias e instrumentos escolhidos para a coleta de informações e análise de dados e explico como foram definidas as instituições de ensino superior cujos(as) alunos(as) seriam acessados(as).

Finalmente, o Capítulo IV traz o percurso analítico-descritivo dos dados coletados, que começa com comentários sobre as estruturas curriculares dos cursos de psicologia onde estudavam ou haviam estudado os(as) entrevistados(as); a apresentação de informações obtidas por meio de questionário; a apresentação das

participantes entrevistadas; e a exposição das respostas e reflexões sobre o problema de pesquisa advindos das entrevistas, organizadas em três grandes eixos: concepções de gênero que se pôde apreender por meio do contato com o material empírico; espaços ou processos de construção dessas concepções; e caminhos sugeridos pelas participantes para a abordagem da temática de gênero.

Como fechamento, apresento minhas considerações finais, as referências, apêndices e anexos.

CAPÍTULO I – PERCURSO TEMÁTICO

1.1 COMO O GÊNERO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA SE TRANSFORMOU EM UMA QUESTÃO SOBRE A QUAL EU GOSTARIA DE SABER MAIS

Nestes parágrafos iniciais serão apresentados alguns aspectos pessoais e profissionais que me influenciaram a pensar o lugar da temática de gênero na formação em psicologia.

Sou uma professora de psicologia escolar e supervisora de estágio na mesma área em uma faculdade privada da cidade de São Paulo, onde vivo há alguns anos, vinda do interior do estado. Assim sendo, minha trajetória na academia está muito mais marcada pela experiência da docência e do contato direto com alunas e alunos e salas bastante numerosas do que com o trabalho solitário da escrita e da produção de artigos.

Como trabalhadora, levei um tempo para decidir fazer mestrado e só o fiz porque me deparei com uma questão prática no local onde trabalhava na época, um Centro de Referência à Saúde da Mulher: quais as concepções de gênero que pautavam os trabalhos educativos em um Centro de Referência como aquele e como essas concepções estariam impactando as vidas das mulheres usuárias desses serviços? Deparei-me com concepções distintas, muitas vezes opostas, em pleno movimento nas relações de gênero estabelecidas no local em que a pesquisa foi desenvolvida.

A docência para o ensino superior veio depois de terminado o mestrado, e foi aí que, ao comentar com as alunas e alunos sobre a temática de minha pesquisa, entendi que havia interesse por parte delas e deles em compreender questões relativas a gênero e que, novamente a partir da prática, eu tinha outras questões para tentar responder: o que esses(as) estudantes de psicologia pensam sobre gênero ou quais são suas concepções de gênero? Como a temática de gênero está sendo abordada na formação em psicologia? A partir dessas inquietações, escrevi meu projeto de pesquisa para o doutorado, que foi aprovado.

Os créditos obrigatórios para o processo de doutoramento foram cursados entre março de 2016 e novembro de 2017. Foram grandes os aprendizados que essas disciplinas me proporcionaram e também foi significativa a contribuição para o desenvolvimento de meu estudo. Além do conteúdo em si, considero de grande

importância a convivência com colegas pesquisadores(as) com quem preparei e apresentei seminários, discuti trabalhos e convivi semanalmente, tornando a atividade de pesquisa menos solitária e mais coletiva.

Em 2017, participando do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11, em Florianópolis, assisti a uma mesa cujo tema era Psicologia, Gênero e Saúde, que tinha como debatedoras Maria Luísa Pereira Oliveira, Valeska Zanello, Mônica Franch, Jorge Lyra e Anna Paula Uziel, esta última retomando um artigo escrito por Sandra Azerêdo chamado “Encrenca de Gênero” (2010) [o título faz referência ao livro *Gender Trouble*, de Judith Butler (2003)] para abordar as dificuldades na incorporação da temática de gênero pela psicologia. Ela chegou a mencionar que o tema gênero estaria ausente na formação das psicólogas¹ e que isso se deveria, entre outros fatores, à necessidade de transdisciplinaridade, o que é provocador para a disciplinar Psicologia, pois exigiria dessa ciência reflexão e reorganização acerca de sua área de conhecimento e de seu campo de atuação, aspectos ainda sem consenso do ponto de vista de Uziel (informação verbal). Finalmente, reconheceu a existência de dois fatores que possivelmente facilitariam a aproximação entre a temática de gênero e a Psicologia: os processos de subjetivação (ligados à discussão sobre identidades) e o caráter político da área, mais claramente manifesto por ações no nível dos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia.

Essas reflexões se juntaram a minhas inquietações como professora de uma faculdade privada em São Paulo e às discussões no âmbito do doutorado, dando corpo a essa pesquisa.

1.2 A RELEVÂNCIA DE CONHECER E EXPLICITAR O PONTO DE VISTA DAS PSICÓLOGAS EM FORMAÇÃO NO QUE SE REFERE À TEMÁTICA DE GÊNERO NA PSICOLOGIA

Este item se destina à contextualização geral do problema de pesquisa e apresentação de sua justificativa.

¹ Usarei o termo no feminino quando for me referir ao grupo de profissionais da área, pois de acordo com a publicação *A Psicologia Brasileira Apresentada em Números*, do CFP, as mulheres são maioria em todos os estados brasileiros. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 8 jan. 2020.

A temática de gênero tem aparecido com frequência na mídia e sido debatida pela população em geral. Essa temática pode ser abordada de modo intencional, tomando gênero como objeto, mas também se faz presente por meio de concepções, de modo não intencional e estrutural, organizando instituições valores, opiniões e posturas, o que será devidamente discutido adiante. Os estudos podem – e comumente o fazem – tomar essas expressões como objeto de estudo, buscando compreender as concepções de gênero em um determinado contexto, seus sentidos, consequências, reflexos na organização geral e na vida das pessoas.

A psicologia, como apontou Guirado (2009), é uma instituição:

Com o conceito de instituição com o qual trabalhamos, podemos considerar a Psicologia como instituição do conhecimento e da prática profissional. Como conceito de discurso como dispositivo-ato-instituição, podemos tomar o exercício da Psicologia como discurso que produz e reproduz verdades, num jogo de forças poder-resistência. Fazemos, portanto, desses termos, que não se estranham, o quadro referencial, a estratégia de pensamento, para dizer do que se faz quando se diz fazer psicologia. Pensar a Psicologia como instituição exige configurar-lhe um objeto, algo (imaterial, impalpável) em nome de que ela se exerce e sobre que reivindica monopólio de legitimidade. (GUIRADO, 2009, p.328)

Sendo uma instituição, a psicologia é dotada de certo regime de gênero (CONNELL, 2006), que está em constante renegociação. Entre os agentes institucionalizados estão as(os) estudantes de psicologia, que ao longo do curso de graduação podem ter suas concepções transformadas ou reforçadas. Na mesma proporção, são também agentes de transformação da psicologia como instituição. Essas concepções de gênero e as dinâmicas estabelecidas entre os(as) estudantes e destes para com a psicologia como instituição são o tema do estudo que aqui se apresenta.

A relevância do tema se deve a alguns fatores. Um deles é que o gênero tem sido cada vez mais recorrente na compreensão de fenômenos tradicionalmente abordados pela psicologia, sendo que em alguns trabalhos consultados, discutidos adiante, constatou-se que as áreas têm dialogado pouco de modo a produzir novos conhecimentos. Uma segunda justificativa, é que as concepções de gênero de profissionais da Psicologia impactam diretamente sua prática profissional, independentemente da área de atuação (clínica, escola, instituição, esporte, etc.). Um terceiro fator é que psicólogos(as) têm sido recrutados(as) para trabalhar com situações como a violência de gênero e doméstica, abuso e exploração sexual,

avaliação psicológica prévia à cirurgia de redesignação sexual em pessoas transexuais, questões familiares de toda a ordem, casos de adoção por casais do mesmo sexo, entre outras situações em que mais diretamente alguma abordagem de gênero é acionada.

A investigação sobre a abordagem do Gênero na formação em Psicologia poderia abrir caminho para o fortalecimento dessa área de interface, identificando brechas, conflitos e saídas úteis para uma possível revisão de currículo, de ênfases curriculares, de ementas, de propostas de intervenção e campos de estágio, entre outros. Como apontaram Oliveira e Souza (2006): “A Psicologia como área de conhecimento e como profissão é também um compromisso social e exige revisão constante de nossos valores, crenças e teorias” (p. 44).

A escolha da Psicologia como o curso de formação a ser investigado tem, é claro, razões pessoais. Como psicóloga e professora, tenho interesse em saber como tem se dado a abordagem do gênero na formação de futuros(as) profissionais da área. Em conversas informais com alunos(as) para quem leciono, tanto dos semestres iniciais quanto finais do curso, geralmente ao me apresentar e comentar sobre meu tema de pesquisa, costumo perguntar se houve algum momento da formação em que tenham trabalhado com o tema gênero ou discutido sobre ele. A maior parte das respostas é negativa. Algumas alunas se lembram desse tema na disciplina Psicologia Social, mas sem saber especificar de que se falou. Porém, isso não significa que as concepções de gênero não estejam presentes, pois, como já apontado, essas concepções aparecem implicitamente, sendo perceptíveis, por exemplo, nas falas das pessoas, na organização do ambiente e dos conteúdos, nas hierarquias, em posturas assumidas, em opiniões e em conflitos estabelecidos.

1.3 OS PROPÓSITOS DA INVESTIGAÇÃO QUE FOI REALIZADA

O objetivo geral do estudo que está detalhado neste trabalho foi conhecer e compreender a visão de estudantes acerca da abordagem da temática de gênero na formação em psicologia. Além dessa finalidade mais ampla, assinalam-se como objetivos específicos:

- Realizar levantamento bibliográfico e investigação teórica sobre tema da pesquisa;

- Conduzir pesquisa empírica com estudantes e recém-formadas em psicologia, composta de aplicação de questionário; realização de entrevistas; análise dos dados coletados;
- Levantar as concepções de gênero de estudantes e recém-formadas de cursos de psicologia;
- Identificar os espaços e processos de construção dessas concepções;
- Evidenciar as constatações e sugestões das participantes sobre a abordagem da temática de gênero na formação

CAPÍTULO II – PERCURSO TEÓRICO

2.1 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS ADOTADAS NESTE ESTUDO PARA FALAR SOBRE GÊNERO NA PSICOLOGIA

Discutirei neste item as ideias das autoras que pautaram o desenvolvimento da análise relatada neste trabalho. A discussão proposta visa principalmente a apresentar as diferentes dimensões do gênero e como podem ser utilizadas como ferramentas para interpretar a realidade social. Tenho também o objetivo de discutir algumas das autoras e ideias que se fizeram presentes entre os(as) participantes da investigação. Ao ensaiar estabelecer conexões entre as ideias abordadas por autoras psicólogas e não-psicólogas que abordaram temáticas de gênero, e em alguns casos sua relação com a psicologia, estou me movimentando no sentido de aproximar os campos de conhecimento.

A historiadora Joan Scott é autora de uma definição bastante difundida de gênero, segundo a qual “é a organização social da diferença sexual” (SCOTT, 1994, p.13). O gênero não implementa diferenças fixas entre os sexos, mas é “o saber que estabelece significados para as diferenças corporais” (SCOTT, 1994, p.13). Em seu texto, que apresenta o gênero como uma categoria de análise histórica, ela identifica como uma das abordagens utilizadas pelas feministas aquela inspirada nas “diferentes escolas de Psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito” (SCOTT, 1995, p.77), ou seja, aponta a teoria psicanalítica como uma das influências determinantes no pensamento feminista. O problema dessa utilização para a análise histórica dos processos seria, segundo a autora, que o conceito de gênero acabaria limitado à esfera da família e à experiência doméstica e pouco seria utilizado para compreender outros sistemas: sociais, políticos, econômicos ou de poder.

Contudo, esses sistemas, diriam muitas psicólogas e psicólogos, são igualmente caros à psicologia, que não se restringe à escola psicanalítica e tampouco endossa teorias que ao buscar compreender as pessoas ignoram seus contextos. Sendo assim, podemos assumir que a crítica de Scott é a mesma de algumas correntes ou grupos na psicologia brasileira, inclusive psicanalistas, que entendem que para compreender as complexas demandas que a sociedade apresenta é

necessário transpor a ideia de uma psicologia centrada no indivíduo e complexificar a análise das relações sociais.

Alguns estudos se dedicaram a buscar compreender como essa articulação entre os campos do gênero e da psicologia estava ocorrendo e chegaram a constatações importantes. Amâncio (2001) identifica a história dessa articulação nas psicologias europeias e americanas, que influenciaram em larga escala a psicologia brasileira, entre o que chamou de desencontros e rupturas. Para a autora, pautada na teoria das representações sociais de Moscovici (1981), a Psicologia seria resistente a uma mudança decorrente da apreensão do gênero enquanto sistema de conhecimento sobre o sexo, o que faria com que necessariamente o foco das investigações mudasse das pessoas (perfis individuais ou coletivos) para os processos. O gênero seria, então, tomado como aquilo que dá sentido às identidades sexuais, aos objetos e aos contextos sexuais e, assim, os próprios contextos experimentais seriam passíveis de interpretação à luz do gênero. A crítica de Amâncio parece conter o mesmo desejo de ampliação do emprego do gênero como categoria de análise que propunha Scott: “O que está faltando é uma forma de conceber a ‘realidade social’ em termos de gênero” (SCOTT, 1995, p.82).

Aqui seria bom dar passos atrás para avistar melhor os caminhos que se desenham e as críticas feitas e, para isso, apoio-me em Sandra Harding (1986), que explica três aspectos decorrentes de processos diferentes e complementares do gênero que podem ser utilizados para conceber a realidade social. De acordo com a autora, o primeiro aspecto é o simbolismo de gênero, resultado de um processo metafórico de atribuição de significados de gênero às dicotomias percebidas no mundo, tenham ou não a ver com as diferenças sexuais. Pensaríamos imediatamente na aleatoriedade dessas associações, mas para entender como isso funciona, concebamos uma situação hipotética: um grupo de pessoas, escolhidas aleatoriamente, que tivesse que associar os pares de palavras “guerra e paz” e “masculino e feminino” (uma associação que obviamente não faz sentido de imediato). Se tivéssemos que apostar em quais associações fariam, provavelmente, apostaríamos que o fariam em sua maioria associando “guerra” com “masculino” e “paz” com “feminino”, mesmo que a razão para essa aposta nos escape. Pois bem, a tendência em apostar que o grupo associaria “guerra” com “masculino” se deve em parte a serem homens os combatentes mais evidenciados desse tipo de conflito (apesar de as mulheres também estarem combatendo a fome, doenças em si e nos

filhos, a miséria, o estupro, enquanto homens combatem outros homens). Por outro lado, a aposta se deve também – e isto é menos evidenciado – ao fato de que a “guerra” é portadora de um sentido masculino, construído historicamente, independentemente do sexo de quem a pratique². Harding (1986) toma a ciência (como aqui tomei a guerra) como a instituição que pode ser analisada de forma generificada (a partir do gênero). Marília Carvalho (1999; 2018) toma o trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental como objeto de análise nessa perspectiva.

O segundo aspecto, a estrutura de gênero, diz respeito à consequência desse modo de organizar a sociedade com base no simbolismo de gênero: definem-se diferentes atividades sociais (laborais) para diferentes tipos de pessoas (por gênero³). O terceiro aspecto é o gênero individual, ou seja, o molde imperfeito das identidades socialmente construídas ao qual as pessoas mais ou menos correspondem, com os quais se relacionam e que transformam. Vamos a estes dois últimos aspectos.

Para compreender melhor o segundo aspecto, da estrutura de gênero, contaremos com Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), que recorrem à ideia de duas instâncias em interação, a estrutura (a sociedade, as instituições, as organizações) e os agentes (os grupos, os indivíduos), estabelecendo relações entre estruturas sociais de larga escala, ações coletivas e experiências pessoais. Baseadas em pesquisas anteriores (CONNELL, 2006), as autoras afirmam que é possível perceber padrões nos arranjos de gênero em diferentes instituições (escolas, exército, fábricas, etc.), isto é, evidencia-se uma certa tendência na forma como as pessoas (os agentes) se relacionam (se aproximam e se dividem). A esses arranjos, chamaram regimes de gênero. Tais relações de gênero estão constantemente em negociação, podem ser esquecidas, mantidas ou modificadas nas ações cotidianas. Voltando ao exemplo da aposta, seria como pensar que se a tendência do grupo em associar “masculino” com “guerra” e “feminino” com “paz” não fosse mais tão óbvia aos apostadores, seria porque houve uma mudança estrutural, nos padrões das relações de gênero, no regime de gênero da sociedade ou de uma instituição em específico (sociedade e instituições estão diretamente relacionadas e se influenciam

² Este exemplo foi baseado em uma atividade de sala de aula concebida e aplicada por Marília Carvalho, em que os(as) participantes deveriam associar vários pares de palavras como “guerra e paz” a “masculino e feminino”, “forte e fraco”. A atividade busca justamente apreender esses simbolismos de gênero que passam despercebidos no cotidiano.

³ Por gênero e também por raça, por classe, por nacionalidade, por idade, etc.

mutuamente). Com o avanço da luta feminista e com as mudanças nas relações sociais decorrentes disso, pode ser que um dia a tendência se modifique. É justamente essa mudança, de sentido estrutural, que Carvalho observa estar ocorrendo com o trabalho docente nas séries iniciais, que se antes era portador de um sentido feminino (ligado ao cuidado) hoje em dia está impregnado também de valores importados do mundo masculino dos negócios como empreendedorismo, capacidade de gestão, alcance de metas, produtividade, entre outros (CARVALHO *et al*, 2018), é bom lembrar, de forma independente do sexo do(a) docente.

Tal argumento é fundamental, pois atribui às pessoas status de agentes em relação com as estruturas. Connell e Pearse (2015) afirmam que uma estrutura de relações não “decide” como as pessoas ou grupos agem, mas

certamente define possibilidades para a ação e suas conseqüências. Em uma ordem de gênero fortemente patriarcal, as mulheres podem ser impedidas de ter acesso à educação e a liberdades pessoais enquanto os homens podem ser excluídos de estabelecer conexões emocionais com crianças.

(...) Nesse sentido, a estrutura social condiciona a prática. No entanto, estruturas não são anteriores à vida cotidiana. Estruturas sociais são atualizadas (tornadas ato) pela atividade humana ao longo do tempo e historicamente criadas. (...) Estrutura e mudança não são opostos, mas sim parte da mesma dinâmica de nossa vida social. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.157)

O terceiro aspecto, o do gênero individual, está relacionado a características da identidade das pessoas e como este é um assunto em que abundam e conflitam perspectivas tanto na psicologia como fora dela, creio ser interessante explicitar alguns pontos de vista como referências para as análises realizadas neste trabalho.

Uma das teorias é a dos papéis, em que a família, a escola e outras instituições – que sabemos ter regimes específicos de gênero – por meio de pequenas interações, repassam às crianças em desenvolvimento as expectativas de comportamento para meninas e meninos que seriam mais ou menos correspondidas pelas crianças. Nogueira (2012), analisando as interferências entre a psicologia social e as teorias feministas, afirma que no início do século XX os resultados inconsistentes de pesquisas com foco em levantar diferenças entre os sexos teriam levado cientistas a “medir atributos psicológicos de homens e mulheres a fim de revelar incongruências entre o sexo biológico e o sexo psicológico” (NOGUEIRA, 2012, p.51). De acordo com a autora, o conjunto desses estudos, frequentes no campo da sociologia e com grande

influência no campo da psicologia na metade do século, acabou por definir características típicas de homens e mulheres que com o tempo deixaram de ser características e ganharam status de estabilidade e norma, passando a ser entendidas como traços de personalidade, dando origem à compreensão de que existem diferenças “estáveis” e “normais” de personalidade entre homens e mulheres.

Assiste-se ao assumir de disposições individuais consistentes e estáveis, os traços, sendo as personalidades feminina e masculina tomadas a priori para justificar, por exemplo, a desigualdade no acesso a posições de chefia, supostamente requerendo traços instrumentais, logo masculinos. (NOGUEIRA, 2012, p.51)

Como ocorre com indicadores, aquilo que tinha a intenção de medir passa a classificar e finalmente se torna um padrão a ser seguido, um papel a ser cumprido.

Esse modelo, segundo Connell e Pearse (2015), se carregado de um olhar de passividade quanto às possibilidades de agência das pessoas em relação às normas, poderia consistir num determinismo social tão perigoso quanto o determinismo biológico (CONNELL; PEARSE, 2015). Além disso, esse “modelo da socialização”, como chamaram,

parece deixar escapar o prazer que é óbvio em boa parte do aprendizado de gênero, a resistência com que muitos jovens enfrentam as definições hegemônicas do gênero e a dificuldade em construir identidades e lidar com padrões de conduta em uma ordem de gênero marcada pelo poder, pela violência e por sexualidades alienadas. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.197)

O prazer no aprendizado de gênero, mencionado pelas autoras no excerto acima, constitui para elas num “prazer corporal, um prazer na aparência e na performance do corpo” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.199), cujas mudanças permanecem ambíguas ou incompreensíveis até serem simbolizadas de acordo com o simbolismo de gênero vigente na sociedade. Para compreender, portanto, como o gênero é adquirido não basta investigar somente a estrutura individual de gênero das pessoas ou agentes, mas é necessário também conhecer e saber como funcionam os diferentes regimes de gênero com os quais interagem para então perceber como se movimentam em relação a eles. A esses agentes as autoras chamam “aprendizes corporificados” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.200).

Vamos recorrer a mais um exemplo explicativo. Suponhamos uma jovem estudante, que vive nos dias de hoje, que ao completar 18 anos manifeste o desejo

de se casar, ter filhos e ser dona de casa. Dependendo do regime de gênero de sua família, a jovem pode estar correspondendo a um modelo de mulher e esposa perfeitamente compatível com sua situação e oportunidades. Por outro lado, se levamos em consideração a expectativa e o regime de gênero instituído em sua escola (e na sociedade, de forma mais geral), notaremos facilmente que a jovem não corresponderia, ao menos imediatamente, ao modelo esperado, de uma jovem que depois do ensino médio cursará uma faculdade, trabalhará, construirá uma carreira profissional e, depois, aventará ou não a possibilidade de casar e ter filhos. O desejo dessa jovem, então, corresponde ao regime de gênero da família, reforçando-o, ao mesmo tempo em que resiste a um regime de gênero que espera das mulheres jovens quererem extrapolar as atividades domésticas. A depender da rigidez do regime de gênero no âmbito familiar, essa jovem ao querer se casar pode estar inclusive buscando construir relações de gênero sob um regime menos rígido, conforme os valores de seu ou sua futuro(a) esposo(a), e neste caso o casamento poderia ser uma forma de resistir, burlar ou transformar um regime de gênero muito rígido.

Tal raciocínio nos permite uma visão mais ampla sobre como as pessoas se movimentam na vida interagindo em diferentes instituições, aprendendo e fazendo o gênero, assumindo que o desenvolvimento humano tem um caráter constantemente contraditório e não linear. Tal processo de feitura do gênero acaba configurando certas práticas de gênero na vida pessoal e a essas configurações, quando padronizadas em certo grau, chamamos masculinidade e feminilidade (CONNELL; PEARSE, 2015).

Tais dimensões ajudariam a psicologia a olhar para si mesma, como instituição, ciência e profissão, com lentes de gênero. É impossível não lembrar de Fúlvia Rosemberg (1984) ao explicar por que somos tantas psicólogas. Ela levou em consideração aspectos da realidade social, como a instabilidade no mercado de trabalho da época, que poderia conduzir mais mulheres que homens a escolher profissões assistenciais, educacionais ou paramédicas, como a Psicologia, para que o conhecimento adquirido na graduação não ficasse obsoleto caso as mulheres não se inserissem no mercado formal de trabalho ou perdessem o emprego. O conteúdo aprendido em cursos dessa natureza poderia ser útil na criação dos filhos ou no cuidado com idosos da família, tarefas em geral não remuneradas e historicamente realizadas por mulheres. Esse exemplo ajuda a ver que as pessoas são ativas em relação às estruturas com as quais precisam lidar cotidianamente. As mulheres psicólogas pesquisadas por Rosemberg nos anos oitenta agiam (escolhiam a

profissão) sob uma estrutura de gênero (que as direcionava ao trabalho doméstico) no sentido de beneficiar-se de algum modo dela, aprendendo uma profissão que lhes fosse útil na vida doméstica e ao mesmo tempo pudesse ser fonte de renda caso tivessem oportunidade ou necessidade de trabalhar.

Até aqui viemos discutindo o gênero, mas tomá-lo uma categoria analítica não significa desconhecer suas dimensões corporais ou tirar o corpo do foco dos estudos. Trata-se, entretanto, de compreender o corpo como instrumento das relações sociais estabelecidas segundo diferentes regimes de gênero, sendo, portanto, uma variável analisável à luz do gênero.

Henrietta Moore (1997), apoiada em estudos de Yanagisako e Collier (1987), afirma que na antropologia tanto os estudos de gênero quanto de parentesco pressupunham um modelo nativo ocidental da reprodução humana, que assumia como “natural” (biológica) a diferença entre homens e mulheres – o sexo. Assim, embora se possa pensar em construções sociais a partir dessa diferença, a diferença em si não é vista como uma construção social, tornando-se, portanto, uma dicotomia não explicada (MOORE, 1997). Assim como na antropologia, na psicologia o movimento parece ter sido similar e a dicotomia, ou o binarismo de gênero, permaneceu inquestionado, o que só reforçou o caráter “natural” do sexo.

A noção que considera que sexo seria relativo ao que é biologicamente dado, portanto imutável, e que gênero se referiria ao que é socialmente construído foi alvo de críticas entre teóricas feministas. Uma delas é Butler (2003), ao reconhecer que o esforço de agrupar todas as mulheres em uma categoria única devido às suas características biológicas comuns desconsiderava, por exemplo, dimensões como classe e raça, que diferenciavam as mulheres entre si.

A crítica de Nicholson (2000) vai no mesmo sentido. Para a autora, a assunção como norma de que todas as mulheres partilham entre si aspectos biológicos, comuns e imutáveis (o sexo) e que todos os homens partilham entre si aspectos também biológicos, comuns e imutáveis, porém, distintos dos aspectos das mulheres, torna menos visíveis as inúmeras diferenças existentes de uma mulher para a outra e de um homem para o outro, como a nacionalidade, a situação econômica, a raça, a idade, a religião, entre outras. Assim como há distintas estruturas e seus regimes de gênero, há inúmeras formas de se interpretar o corpo, atribuindo-lhe diferentes sentidos e importância, o que torna impossível estabelecer fatores universalmente comuns entre todas as mulheres ou entre todos os homens. Se considerarmos esse aspecto da

interpretação dos corpos, podemos tomá-los mais como variáveis do que como constantes (NICHOLSON, 2000).

A crítica dessas autoras converge por reivindicarem uma compreensão do sexo como uma característica que, assim como tantas outras, pode ser interpretada de formas variáveis, em contextos e momentos históricos distintos, ganhando sentidos diferentes:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem que designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2003, p. 25)

Do mesmo modo que o sexo é, portanto, interpretado à luz do gênero, a sexualidade – ora entendida como a conduta sexual, ora como um aspecto da identidade das pessoas – também é. Quando entendida como conduta sexual, a sexualidade está relacionada às práticas corporais para obtenção de prazer e à reprodução sexuada, podendo se tornar alvo de políticas de controle se forem equacionadas como um problema social, o que ocorre por exemplo com a gravidez em adolescentes (ALTMANN, 2003). Quando concebida como um aspecto da identidade é comumente chamada de orientação sexual. A orientação sexual pode ser entendida como um tipo de metáfora para a percepção de estabilização de uma determinada conduta sexual em uma estrutura específica, ou seja, significa que um conjunto de ações, provenientes de um grupo de pessoas e orientadas a outro grupo de pessoas, acabou estabelecendo um padrão, uma tendência, uma orientação. Júlio Simões e Regina Facchini (2009) afirmam que a noção de orientação sexual

[...]refere-se de forma bastante genérica ao sexo (ou, para alguns, ao gênero) que constitui o objeto de desejo de uma pessoa. A expressão não implica consciência nem intenção, tampouco descreve necessariamente uma 'condição'. Por conta disso, ela se presta a vários usos e interpretações. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p.29, [aspas originais]).

Apesar de não descrever necessariamente uma condição, porém, estar suscetível a interpretações distintas, a autora e o autor afirmam que se for assim compreendida a orientação sexual pode ser tomada como uma propriedade da personalidade e passar a ser assumida como um dos elementos que constitui uma

pessoa (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Quanto ao que define a orientação sexual de uma pessoa, os autores dizem que “do ponto de vista do conhecimento científico disponível, há pouca coisa que se possa dizer com segurança” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 31).

Antecipando um dos dados obtidos por meio da pesquisa aqui descrita, a filósofa estadunidense Judith Butler, já citada anteriormente, foi bastante mencionada pelas pessoas entrevistadas, especialmente quanto à noção desenvolvida por ela acerca da performatividade de gênero, embora com apreensões distintas de sentido, como veremos mais adiante. Para a autora, o gênero seria um conjunto de ações que se repetem em interação com normas muito rígidas, cujo efeito substantivo “é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (BUTLER, 2003, p.48). O gênero seria, assim, composto de expressões performadas, mas estas mesmas expressões são tomadas como resultados das normas gênero. Podemos afirmar, então, que a noção de performatividade de gênero da autora se refere à performance em si e não propriamente à pessoa que performa. Contudo, como performances demandam atores, a teórica ainda desenvolve ideias acerca dos sujeitos individuais e para isso recorre à psicanálise, o que talvez seja um dos fatores propulsores de sua aparente popularidade entre psicólogos(as).

A autora virou notícia na mídia brasileira no final do ano de 2017, pois veio a São Paulo fazer uma palestra e manifestantes que se entendiam como contrários às suas ideias, apesar de pouco familiarizados com elas, protestaram em frente ao local do evento. O tom bastante ofensivo do protesto fez com que grandes veículos de comunicação divulgassem o ocorrido e a autora, renomada entre os pesquisadores de gênero, ficou conhecida também entre muitos daqueles que nunca tinham ouvido falar dela. Os alvos da indignação dos(as) manifestantes eram suas teorias de gênero, e projetaram nela a personificação do que denominam “ideologia de gênero” (RODRIGUES, 2019), expressão que também apareceu em meio às entrevistas.

Considerada um neologismo para Junqueira (2018) e como um fantasma para Milkolci e Pereira (2018), “ideologia de gênero” foi o nome atribuído ao conjunto de pleitos dos movimentos sociais pelos direitos humanos por mudanças nas hierarquias de gênero por setores contrários a essas mudanças. O processo que envolve desde a organização de movimentos sociais em torno de uma reivindicação e o caminho percorrido até que alcance as instâncias de decisão pode ser lento e exigir uma série de articulações, como descreveu Carone (2018), por exemplo, acerca da atuação do

movimento feminista para a aprovação da Lei Maria da Penha, que tem como foco a violência doméstica. Contudo, a morosa diminuição das desigualdades de gênero, que seria uma das consequências das mudanças pleiteadas, parece ser justamente o que temem e/ou rechaçam aqueles que entendem se tratar de uma ideologia em vias de implementação.

A crença e o medo de que possa ser (ou que já esteja sendo) implementada a “ideologia de gênero” é a ideia em torno da qual se estrutura um certo ativismo religioso que agrega também grupos laicos em nível global, vide Cornejo-Valle e Pichardo (2017) que abordaram sua estruturação discursiva e política na Espanha. O alarde criado pelos ativistas em torno dessa crença impulsiona o pânico moral (MISKOLCI; CAMPANA, 2017) e dá visibilidade às pautas defendidas, como o fortalecimento das hierarquias sexuais, defesa da primazia da família na formação moral das crianças e promoção de um ideal de família altamente excludente, considerando-se a diversa realidade brasileira.

2.2 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM TORNO DA PSICOLOGIA E TEMÁTICAS DE GÊNERO PARA DEMARCAR O ESCOPO DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA

Dedico-me neste item a apresentar os principais resultados de algumas pesquisas no campo de intersecção entre a psicologia e o gênero que ajudarão a trilhar o caminho interpretativo dos dados analisados mais adiante, bem como a localizar esta pesquisa em meio ao conhecimento científico já produzido.

Gostaria de destacar a dificuldade para encontrar artigos que se de dedicassem à apropriação que a psicologia, suas profissionais ou estudantes, tem feito do conceito de gênero. Muitos estudos tomam o gênero como a classificação de participantes da pesquisa entre homens e mulheres, o que não implica necessariamente análises de gênero, considerando-se o ponto de vista já explicitado como referencial para esta investigação. Outros, por sua vez, recorrem às teorias de gênero para dar suporte a investigações sobre discriminação, preconceito e estigma, contudo não problematizam as noções de gênero nos aspectos simbólico e institucional, restringindo-se à sua utilização para descrever características individuais.

Assim, a partir de buscas em bases de dados pela combinação dos indexadores “gênero”, “psicologia” e “formação”, foram encontrados 26 artigos, dos quais foram selecionados oito, oriundos dos periódicos *Psicologia: Ciência e*

Profissão, Revista Psicologia & Sociedade, Revista de Psicologia Política e Revista PSICO, dedicadas a publicações em psicologia, e outros três da Revista de Estudos Feministas, cujo tema principal não é psicologia, mas os estudos feministas e de gênero, totalizando onze trabalhos. Entre eles há revisões de literatura que serão utilizadas para balizar a apresentação e discussão dos demais artigos sempre que possível.

Narvaz e Koller (2007) publicaram um artigo chamado “A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea”. Nesse estudo, alegam que a presença de estudos psicológicos nas principais revistas feministas do Brasil (Revista Estudos Feministas e Cadernos Pagu⁴) no período estudado era periférica. Alegam ainda que, no entanto, os discursos e a prática inscritos na produção da Psicologia não devem ser considerados neutros no que diz respeito aos discursos de gênero. As autoras afirmam a psicologia ainda estaria adotando concepções binárias, biologicistas, essencialistas, naturalizadas e cristalizadas de gênero, incômodo que se fez presente em outros trabalhos anteriormente mencionados nesta tese, como os produzidos pelo grupo do CRP da Bahia.

Uma busca mais recente na Revista de Estudos Feministas, uma das consultadas por Narvaz e Koller (2007) no estudo anterior, levou a três trabalhos que podem contribuir para adensar a problematização proposta aqui. Um deles foi escrito por Oliveira e pela já citada Amâncio (2006), em que se dedicam a compreender as contribuições das teorias feministas e das representações sociais de Moscovici para a psicologia social⁵. Em determinado ponto, a autora e o autor reconhecem um impasse em relação a se assumir a neutralidade do conhecimento científico (reificado) que, por estar baixo a mesma estrutura simbólica que o senso comum (conhecimento consensual), seria também originado numa lógica binária e valorativa das coisas. Afirmam:

⁴ Considere-se que as revistas de estudos feministas são referência para os estudos de gênero e congregam pesquisas em interface com diversas áreas, entre elas a Psicologia.

⁵ Para melhor situar a discussão, podemos assumir que as representações sociais são “entendidas como uma forma de conhecimento de senso comum socialmente partilhado, tem, em seu bojo, a ideia de um conhecimento construído por um sujeito ativo em íntima interação com um objeto culturalmente construído, que revela as marcas tanto do sujeito como do objeto, ambos inscritos social e historicamente” (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011, p. 102).

Aceitar o carácter situado do conhecimento implica, pois, rejeitar a proposta de Moscovici e Hewstone⁶ de uma oposição fundamental entre o conhecimento reificado e o conhecimento consensual. O conhecimento científico apresenta diferentes formas de legitimação do conhecimento do senso comum. Contudo, deve ser admitido como igualmente verdadeiro o modo como sistemas de crenças e de juízos de valor interferem no pensamento científico, como tem sido amplamente demonstrado pela teoria feminista. (OLIVEIRA, AMÂNCIO, 2006, p. 606)

Azerêdo (2010) faz referência o que para ela constitui um problema na teorização de gênero em psicologia. A “encrenca” de gênero, como diz, consistiria em ser a psicologia uma ciência disciplinar enquanto a complexidade do gênero exige “um discurso inter e pós-disciplinar para resistir à domesticação acadêmica” (AZERÊDO, 2010, p. 175). O recorrente uso na academia da definição de gênero de Scott (1995), que também dá base a este trabalho, seria para Azerêdo um dos efeitos dessa domesticação. Apesar de entender que a definição de Scott se refere às relações de poder, a autora alega que o problema é que ela “tem sido usada de modo a prescindir dos efeitos do poder na própria teorização” (AZERÊDO, 2010, p. 176), lacuna que já identificamos e que buscamos preencher no primeiro capítulo.

Um levantamento feito com base na análise de trabalhos de conclusão de curso (TCC) e dissertações de mestrado, respectivamente dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia de uma faculdade no estado de Goiás, foi realizado por Borges *et al* (2013). As autoras buscavam compreender, entre outros pontos, quais noções sobre gênero e sexualidade estavam presentes nos trabalhos acessados, publicados entre 1993 a 2008, apontado pelas autoras como período que marca a expansão dos estudos de gênero no Brasil (BORGES *et al*, 2013). Para situar os dados, as pesquisadoras ressaltam a configuração da matriz curricular do curso de graduação, que oferece 44 dos créditos obrigatórios indicando ênfase em psicologia social e processos culturais enquanto os demais 162 indicam ênfase em psicologia clínica, teorias da personalidade, avaliação psicológica, psicodiagnóstico e psicopatologia, o que poderia ter impacto sobre as áreas temáticas dos TCC e das dissertações. As produções acadêmicas, que foram encontradas por meio dos indexadores “gênero”, “sexualidade” e “homossexualidade”, concentravam-se nas áreas da psicologia clínica, da saúde e hospitalar e organizacional e em menor

⁶ MOSCOVICI, Serge; HEWSTONE, Milles. “De la science au sens commun”. In: MOSCOVICI, S. (Dir.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, 1984.

proporção na psicologia social. As autoras afirmam que “uma forte inclinação a práticas intervencionistas, com ênfase em referenciais teóricos da Psicologia clínica, médica e sexológica” (BORGES *et al*, 2013, p. 739) estava presente nos trabalhos, além de notar a constância de discussões que remontavam a aceções fixas sobre as identidades sexuais.

Carvalho (2014), historiadora e pesquisadora em educação e gênero, realizou um levantamento de teses e dissertações produzidas entre 1993 e 2007 sobre relações de gênero e desempenho escolar, analisando qualitativamente 41 desses trabalhos que se utilizavam de abordagens originárias da Psicologia, predominantes na amostra, sendo os(as) autores(as) psicólogos(as) ou não. Os trabalhos versavam sobre temas variados como desenvolvimento psicomotor, leitura e escrita, e a maioria deles coletou suas informações por meio da aplicação de testes. Sobre os trabalhos, a autora afirma:

Provenientes de áreas diversas, embora com predomínio da Psicologia, essas teses e dissertações partilham de escassos referenciais teóricos em comum e dialogam pouco entre si, raramente incorporando os resultados de uma pesquisa anterior às hipóteses e explicações da pesquisa seguinte, o que é desalentador em especial nos trabalhos sobre temas muito semelhantes ou orientados pelo/a mesmo/a professor/a. (CARVALHO, 2014, p. 17)

De forma geral, a autora identifica que as questões relativas às diferenças entre os resultados obtidos para meninos e meninas nesses estudos ficaram em aberto e, na maioria dos casos, os/as autores/as recorreram a elementos do senso comum para explicá-los, o que poderia ser decorrência da ausência de uma apropriação teórica do conceito de gênero e de falta de diálogo com a produção acumulada na área educacional e de gênero sobre diferenças de desempenho entre meninos e meninas.

Outro levantamento de trabalhos que ajuda a situar as discussões sobre gênero e psicologia foi realizado por quatro psicólogas e um cientista social (SANTOS *et al*, 2014) que se debruçaram sobre as publicações da revista *Psicologia & Sociedade*, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), entre os anos de 1996 a 2010. Nesse período, foram encontrados 36 artigos relacionados à questão de gênero e/ou da mulher, sendo que as publicações aumentaram, especialmente a partir de 2006. A maior parte dos trabalhos é resultado de pesquisas qualitativas e a produção está bastante concentrada nas regiões Sul e Sudeste. Acerca da análise qualitativa dos artigos, 72% deles tratavam gênero a partir de uma perspectiva de poder, 17%

trabalhavam com gênero como construção social de homens e mulheres e 11% o utilizavam para categorizar mulheres e homens na pesquisa, mas sem fazer referência a direta a gênero.

Esse trabalho traz uma revisão bastante ampla que antecede a apresentação da análise dos artigos, abordando autoras e autores que trabalham com Gênero, dentro e fora da psicologia. Além disso, chama atenção a justificativa para a escolha da revista da ABRAPSO, com a seguinte afirmação: “Dentro da Psicologia brasileira, é a Psicologia social que melhor acolherá as perspectivas de gênero e feministas.” (SANTOS *et al*, 2014, p. 590). Esta afirmação se sustenta, segundo os autores, pela ideia de que a psicologia social no Brasil foi marcada por uma insatisfação em relação a uma abordagem individualizante do ser humano e também por um desejo de se estabelecer como uma ciência não importada, movimento que coincide com a crítica que a chamada terceira onda do feminismo fez ao uso universal do gênero, desconsiderando as diferenças de classe, raça, nacionalidade, etc. (SANTOS *et al*, 2014). Há também uma ressalva ao final do texto:

Consideramos, entretanto, que reconhecer a pluralidade e localizar os referenciais e as perspectivas de gênero distintos que embasam as produções em Psicologia social é um exercício indispensável, pois exige que, ao falar-se de gênero, deva-se contemplar uma definição complexa e multidimensional e que lance mão de tantos termos explicativos quanto forem necessários. (SANTOS *et al*, 2014, p. 601)

O estudo de Melo e Barreto (2014) foi feito por meio de entrevistas com dezesseis estudantes de dois cursos de psicologia, um público e o outro privado, no estado do Paraná e buscou identificar os discursos produzidos, enquanto geradores de saberes e verdades, acerca da práxis a respeito da diferença sexual, identidades e sexualidades não heteronormativas. O autor e a autora mostram que no tocante ao aprendizado sobre a temática de gênero, os(as) entrevistados(as) ressaltaram o importante papel desempenhado pela mídia, além de terem percebido em alunos(as) do último ano de formação uma necessidade de recorrer a uma corrente teórico-metodológica da psicologia para justificar suas respostas, como que marcando o pertencimento a um lugar específico.

Já a revisão não-sistemática cuja análise dos artigos foi publicada por Saldanha e Nardi (2016) aponta para o fato de que as aproximações entre a psicologia e as teorias feministas e de gênero não se apresentou de forma tão explícita nem parece

ser legitimada institucionalmente, sendo presentes uma espécie de conservadorismo acadêmico de um lado e uma relativa aceitação de núcleos de estudos de gênero na pós-graduação do outro, o que as leva a crer que o gênero esteja sendo entendido na psicologia como uma temática de especialistas, mas pouco incorporado para a estruturação de uma possível psicologia feminista. As autoras, ademais, destacam como uma das razões da tensão entre psicologia e gênero a persistência da noção dicotômica de que somente o ativismo político produziria ações sociais que levariam a transformações na sociedade, processo para o qual as teorizações produzidas na academia trariam contribuições pequenas ou nulas.

Outro artigo interessante relata dados parciais de uma pesquisa de mestrado e foi escrito por Figueredo e Cruz (2017). A pesquisa, realizada em uma faculdade do estado de Pernambuco, tratava de compreender como os(as) estudantes do curso de psicologia entendiam a produção da noção de que a psicologia é uma profissão feminina. Participaram da etapa da pesquisa relatada no artigo sete alunas e alunos com os(as) quais foram desenvolvidas rodas de conversa em que poderiam expressar suas ideias acerca de dados que lhes eram apresentados como provocações iniciais, como por exemplo a pergunta “você sabem que 89% das pessoas que exercem a Psicologia no Brasil são mulheres?” (FIGUEREDO; CRUZ, 2017, p. 810). A partir de provocações deste teor, o grupo deveria produzir um desenho que congregasse o que pensavam sobre o assunto. A partir da análise de um dos desenhos, as autoras observaram os(as) estudantes pareciam estar ancorados em uma matriz biológica e normativa para falar sobre a feminilidade ou masculinidade da profissão, basicamente balizados pelos critérios das diferenças corporais que separam homens e mulheres. O desenho produzido a partir da reflexão sobre a feminilidade da profissão retratava uma pessoa, com traços físicos como nariz, unhas, barba e brincos, e foi batizada pelo grupo de “Freudita”, num encolhimento da expressão “hermafreadita” (trocadilho decorrente da junção das palavras “Freud” e “hermafrodita” que emergiu durante a realização da tarefa), revelando “de modo simbólico o sentido ampliado e polissêmico da palavra que é produtora dos sentidos do hibridismo que nos sugerem que pensamos em relação ao gênero na profissão” (FIGUEREDO; CRUZ, 2017, p. 813).

Mizael, Gomes e Marola (2019) analisaram mais de 80 respostas provenientes de um questionário eletrônico respondido por estudantes de graduação em psicologia em quase todas as regiões do país. As autoras objetivavam, entre outras coisas, acessar as concepções dos(as) participantes acerca de gênero e sexualidade e

mostraram que estas eram divergentes às normativas emitidas por instituições como o Conselho Federal de Psicologia, que devem pautar a atuação das profissionais. Essa é uma das razões que leva as autoras a defender uma abordagem intencional das temáticas de gênero e sexualidade na graduação, alegando que somente o interesse próprio de alunos(as) por elas não tem sido suficiente para que se apropriem das principais concepções correntes nessas áreas temáticas.

Chaves e Souza (2019), dois administradores, acompanharam uma vereadora para entender como o gênero era feito e desfeito por ela em sua atuação na câmara municipal. O artigo decorrente da pesquisa foi publicado na Revista Psicologia Política e é um exemplo interessante de estudo em que a observação e análise das ações de uma pessoa proporcionou a compreensão de características institucionais e simbólicas de um determinado contexto, a política. Apoiados em Butler (2003), os autores descrevem sua performance na política institucional, campo simbólica e historicamente considerado masculino, demonstrando que a masculinidade e a feminilidade não estão ligadas a questões anatômicas, mas são sim negociadas o tempo todo, a depender dos espaços que, paralelamente, ajudam a transformar. Acerca da atuação da vereadora, eles afirmam: “ela performava o masculino como uma estratégia de sobrevivência naquele espaço, fazendo com que ao mesmo tempo que subverte [sic] a performatividade, ela reiterava normas performativas de gênero que circulavam naquele ambiente” (CHAVES; SOUZA, 2019, p. 16).

A quase totalidade dos artigos encontrados, incluindo os que foram considerados para esta breve revisão, têm em Butler, especialmente no livro Problemas de Gênero (2003), um referencial comum e junto à Scott, mais precisamente seu texto Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995), como explicita Azerêdo (2010), parecem estar pautando a compreensão acerca do gênero na psicologia.

2.3 GÊNERO NO SISTEMA DE CONSELHOS DE PSICOLOGIA

A discussão a seguir se centra sobre como está institucionalizada a discussão sobre gênero nos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia a partir do levantamento de grupos de trabalho, comissões e de seus posicionamentos ético-políticos que impactam o trabalho das psicólogas.

No campo da psicologia, percebe-se uma movimentação no nível dos Conselhos Regionais (CRP) e Federal (CFP) acerca de questões de gênero que tocam o trabalho das psicólogas. Posicionamentos, resoluções e campanhas recentes em defesa da descriminalização do aborto, denunciando e deslegitimando terapias de conversão de pessoas homossexuais e reivindicando a não patologização de identidades transexuais foram divulgados em suas páginas na Internet⁷. Em outro sentido, o CFP também tem produzido materiais baseados em pesquisas sobre o perfil de profissionais da área. A publicação intitulada “Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres”, de 2013, é um deles. Abaixo, um trecho da Apresentação da publicação:

Na presente publicação, apresentamos uma produção que se propõe a dar conta de uma dimensão subjetiva da profissão perpassando as questões sobre o feminino dentro da categoria. Ela possibilita um avanço nas práticas profissionais a partir da reflexão sobre as questões de gênero, além da oportunidade de produzir debates sobre a Psicologia no Brasil na atualidade. Não há como se voltar para o cuidado de outras (os) sem que haja uma rigorosa contemplação de si, que inclua uma crítica sóciohistórica e uma profunda análise contextual de nossa inserção na sociedade. Podemos libertar e podemos oprimir, na medida em que aquilo que está em questão é a autonomia e o conceito de liberdade que subsidia nossas práticas. (CFP, 2013, [n.p.])

O texto explicita o vínculo com as questões de gênero e marca uma preocupação em relação às consequências do trabalho de profissionais da área: “podemos libertar e podemos oprimir” dependendo das concepções de liberdade por trás das práticas psicológicas adotadas. Em se tratando de uma publicação que aborda intencionalmente a psicologia em sua interface com o gênero, pode-se pensar que este esteja sendo diretamente relacionado às ideias de autonomia, liberdade e opressão.

O Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) mantém uma Comissão de Sexualidade e Gênero desde 2009, que explicita assim seus objetivos:

1) Promover a ampliação das discussões acerca da Sexualidade e dos Gêneros no âmbito do CRP SP, bem como a atuação política do mesmo junto às políticas públicas e ao movimento social envolvido com a temática dos direitos sexuais e direitos reprodutivos - DSDR.

⁷ Disponíveis em <http://site.cfp.org.br/>; <http://www.crp03.org.br/>; <http://www.crp03.org.br/>. Acessados em: 15 jan. 2017.

- 2) Fomentar junto a categoria discussões e produção de referência da atuação profissional frente a situações de violência contra mulher, incluindo o aborto inseguro.
- 3) Fomentar junto à categoria novas referências em relação a atuação profissional no campo da sexualidade, tendo em vista que a psicologia tem contribuído junto às políticas públicas para o encaminhamento das demandas de atenção às travestis e transexuais.
- 4) Continuar a contribuir com o enfrentamento da homofobia e do preconceito de gênero presente no âmbito da sociedade brasileira, destacando a defesa e a constante divulgação da Resolução CFP nº 01/99, que define a despatologização da orientação sexual e que a prática do psicólogo deve se pautar por essa diretriz. (CRP-SP⁸)

Tal apresentação aparentemente situa essa Comissão numa vertente mais voltada às questões do Movimento LGBTQIA+, o que se compreende tendo em vista a histórica dedicação da psicologia ao estudo de temas clássicos como identidade, preconceito e sexualidade, constantes em bandeiras levantadas por esse movimento.

Psicólogas do Conselho Regional de Psicologia da Bahia (CRP-03) têm dado grande atenção ao tema e publicaram recentemente um livro intitulado *Gênero na Psicologia: Articulações e Discussões* (ANDRADE; SANTOS, 2013), que tem

[...] o intuito de socializar experiências e reflexões acerca da Psicologia e das Relações de Gênero, o que o Conselho Regional de Psicologia da Bahia percebe como de extrema importância para a categoria assim como para a sociedade. Diversas perspectivas teóricas estão aqui reunidas, buscando equacionar críticas à Ciência tradicional, moderna e positivista, reconhecendo que, muito mais do que naturais, as diferenças entre os gêneros possuem um forte caráter cultural e cumprem, dessa forma, um papel importante na construção dos papéis sociais. (ANDRADE; SANTOS, 2013, p. 9-10)

Neste trecho se nota, além do destaque à importância da aproximação entre as duas áreas para a categoria de profissionais e para a sociedade, um certo recorte ao se referir às “relações de gênero” e aos papéis sociais. Aparece também no trecho a defesa do caráter cultural das “diferenças entre os gêneros” para além de diferenças naturais, o que somado à crítica feita à ciência tradicional e positivista soa como um apelo para que se olhe para as questões de gênero em termos mais culturais que naturais (biológicos).

Psicólogas participantes de um grupo de trabalho (GT) no CRP-03 apresentaram textos parecidos em dois eventos, em 2009 e 2010, respectivamente

⁸ Disponível em <http://www.crp.org.br/comissex/default.aspx>. Acesso em: 8 jan. 2020.

XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO (FAGUNDES *et al*, 2009) e Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos (ANDRADE, 2013), cujo título é “Gênero e Psicologia; um debate em construção no CRP-03”. Trata-se do relato da experiência de um GT no qual as autoras propõem trazer a temática do gênero para o campo da psicologia e atribuem a importância dessa aproximação ao fato de a Psicologia estar “contribuindo para essencializar e naturalizar as diferenças entre homens e mulheres e reforçar estigmas e estereótipos gendrados” (FAGUNDES *et al*, 2009, p.1). Ademais, as autoras afirmam:

A visibilidade destas questões tem sido uma preocupação deste GT, tanto a partir das demandas de atuação dos profissionais em contextos sociais e institucionais diversos, como na formatação da ciência psicológica que não trata das discussões sobre gênero. (FAGUNDES *et al*, 2009, p.1)

É interessante notar que para afirmarem que a Psicologia não trata das discussões sobre gênero as autoras possivelmente não tomaram a essencialização e a naturalização das diferenças entre homens e mulheres, cuja responsabilidade atribuem em parte à Psicologia, como sendo em si uma forma de abordar a temática de gênero. Isto pode significar que, para essas autoras, haveria um tipo de abordagem a ser preferencialmente adotada, enquanto outras abordagens não seriam sequer reconhecidas como tal e talvez devessem ser abolidas. Pode significar, ainda, que o apelo das autoras tem como finalidade a incorporação do gênero pela psicologia.

Santos (2016), em um levantamento acerca da institucionalização da discussão sobre gênero no sistema de conselhos de psicologia, resgata a penetração da temática pela via do compromisso com os direitos humanos e a criação de comissões específicas promovendo tal debate. Por outro lado, a autora destaca a timidez com que a temática de gênero tem aparecido em eventos e congressos de psicologia e diz, ainda, que é preciso considerar que as discussões de gênero na sociedade repercutem em padrões culturais e modos de subjetivação que demandam mudanças no fazer profissional de psicólogas e psicólogos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Psicologia (CNE/CES 5/2011) estimulavam o “reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação

do fenômeno psicológico” (p. 1), o que presumia abertura da Psicologia para dialogar com outras áreas, bem como motivava a construção do conhecimento a partir desse diálogo.

Recentemente, foi divulgado o Relatório Final de Revisão das Diretrizes (CRP, 2018), processo que resultou num documento que buscou oferecer respostas concretas a alguns dos incômodos e desacordos relativos aos distintos vieses da formação. A nova versão proposta, que substituiria o documento anterior, de 2011, traz como um dos fundamentos para a formação profissional o seguinte compromisso:

compreensão de diferentes contextos, considerando a desigualdade estrutural do Brasil (questões étnico-raciais, de classe, do patriarcado e de gênero), bem como as dimensões geracionais, da diversidade sexual, dos direitos das pessoas com deficiência, as necessidades sociais e os princípios da ética profissional, tendo em vista a defesa e a promoção da cidadania, assim como das condições de vida digna dos indivíduos, grupos, organizações, comunidades e movimentos sociais (CRP, 2018, p.115)

A revisão, que contou com participação de representantes das entidades de Psicologia, estudantes e profissionais, tornou explícita na minuta das novas diretrizes um movimento que já se fazia notar na formação de psicólogas e psicólogos no sentido de incorporar a temática de gênero, entre outras que marcam as desigualdades no Brasil.

CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 DESCRIÇÃO DOS PASSOS DADOS, INSTRUMENTOS UTILIZADOS E PROCEDIMENTOS REALIZADOS NA PESQUISA EMPÍRICA

Neste item serão explicados o processo de escolha e o emprego dos instrumentos para coletar informações na pesquisa empírica: questionário e entrevista. O projeto da pesquisa aqui apresentada, de caráter predominantemente qualitativo, foi submetido à avaliação e aprovado na Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo⁹. Todas as participantes consentiram que as informações obtidas fossem utilizadas neste estudo. Os termos de consentimento livre e esclarecido foram devidamente assinados pelas entrevistadas.

O questionário foi um recurso utilizado para identificar estudantes com características variadas que pudessem ser entrevistadas posteriormente e que não fossem necessariamente indicações de meu círculo próximo de contatos.

Com questões fechadas e abertas, o instrumento foi elaborado com vistas a obter informações sobre perfil (sexo, cor/raça, idade, formação complementar, área de interesse para atuação, etc.); envolvimento com coletivos e outros grupos ligados às causas de gênero ou outras causas; opiniões sobre a abordagem da temática de gênero no curso (concepções de gênero, se o tema foi abordado em algum momento, que momento foi esse, etc.); e, principalmente, contatos de estudantes que se dispusessem a participar da etapa de entrevistas.

Como os assuntos do questionário seriam aprofundados posteriormente nessas entrevistas, não houve preocupação de que esse instrumento apreendesse a complexidade da visão dessas estudantes sobre o curso de formação, mas sim que abrisse possibilidades para incluir como entrevistadas graduandas com experiências e vivências diversificadas no percurso de se tornar profissionais da psicologia e com posicionamentos diversos acerca da abordagem da temática de gênero na formação.

O questionário elaborado foi transferido para uma ferramenta gratuita para condução de pesquisas online¹⁰. Considerei a utilização da versão eletrônica do

⁹ CAAE 71459717.0.0000.5390, número do parecer: 2.238.615

¹⁰ Foi utilizado o Google Formulários (*Google Forms*).

questionário ao me deparar com resistências da coordenação dos cursos em ceder um tempo durante as aulas para que eu aplicasse o questionário presencialmente. O *link* de acesso ao questionário foi, então, enviado a alguns docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) para que o divulgassem entre suas alunas. O processo de definição das IES será detalhado no item seguinte. Em uma das IES a divulgação foi feita pela secretaria, por meio de correio eletrônico institucional. Walter (2016) aponta que há vantagens em optar pelo formulário eletrônico, entre as quais “menores custos, rapidez e a capacidade de atingir populações específicas. Do ponto de vista do respondente, é possível responder da maneira que lhe for mais conveniente, no tempo e local preferido” (WALTER, 2016, p. 4).

Apesar das facilidades e da popularização dessas ferramentas online no desenvolvimento de pesquisas com o advento das redes sociais, é preciso dizer que sua utilização impactou diretamente a configuração do grupo de respondentes e, conseqüentemente, as características dos dados obtidos. Inicialmente, a intenção era acessar estudantes dos últimos semestres (do oitavo ao décimo), pois já teriam cursado a maior parte das disciplinas e estágios. Como nem todos os docentes que divulgaram o questionário lecionavam para esses semestres, houve respondentes de semestres variados, inclusive dos iniciais.

Outro ponto a ser levantado em relação à escolha do instrumento de coleta de dados para esta fase da pesquisa diz respeito à elaboração das questões. Buscou-se deixar a maior parte delas fechadas, isto é, com respostas definidas previamente para a participante apenas assinalar (múltipla escolha), pois isto aumentaria a chance de concluir o questionário ao exigir-lhe menos esforço e tempo. Como consequência, algumas questões do instrumento refletem a priori minhas próprias organização, compreensão e concepções sobre os assuntos abordados e as respostas obtidas não deixam de ser a colocação da respondente diante deste meu posicionamento, expresso no instrumento elaborado. Esse jogo de posicionamentos, inerente a pesquisas deste tipo, foi incorporado às análises sempre que possível. O questionário pode ser consultado no Apêndice 1.

Entrevistar participantes desta pesquisa teve o objetivo de coletar informações mais detalhadas sobre sua visão acerca da abordagem da temática de gênero no ensino de Psicologia. Optou-se pela entrevista porque ela permite aprofundar questões e desenvolver temas a partir do diálogo entre entrevistadora e entrevistadas/os.

Quando da elaboração do roteiro de entrevista (Apêndice 2), a intenção era perguntar mais diretamente sobre questões abordadas superficialmente no questionário e o instrumento foi pensado de forma a permitir uma conversa mais fluida sobre o tema, de modo que a sequência das questões fosse algo secundário e funcionasse apenas para demarcar os assuntos a serem trazidos à tona, caso o próprio fluxo do diálogo não os tivesse contemplado.

A entrevista é um momento de tensão entre o eu e o outro que pode salientiar alguma compreensão partilhada entre as/os participantes (BRAGA, 2010). Nessa interação, mobilizam-se aspectos de memória que são enunciados porque houve uma interpelação, em geral feita pela/o entrevistadora/or. Esse conjunto de aspectos fazem da entrevista uma situação social de exceção (FERREIRA, 2014), isto é, trata-se de um evento provocado que pode ocasionar a explicitação pela/o(s) entrevistada/o(s) de conteúdo (re)organizado de acordo com uma demanda instituída pela entrevistadora (SZYMANSKI, 2001). Para amenizar a dureza dessa situação de exceção, busquei assumir diante das participantes o desafio de tornar as entrevistas mais próximas do tipo compreensivo que pressupõe, além de certo grau de improvisação,

[...] um saber-fazer mais pessoal que estandarizado, decorrente do próprio envolvimento do investigador no desenvolvimento da pesquisa num terreno concreto, havendo, contudo, lugar a um grau de formalização e de sistematização mais elevado que as técnicas etnográficas de recolha de informação. (FERREIRA, 2014, p.981).

Os itens abordados no roteiro da entrevista foram divididos em dois blocos, um com questões de identificação – as já presentes no questionário e algumas adicionais como local de nascimento, religião, filhos e profissão dos pais – que permitissem melhor caracterizar o grupo de entrevistadas. Do segundo bloco constam itens referentes ao curso de Psicologia e à abordagem da temática de gênero propriamente dita. Como uma das finalidades da entrevista era aprofundar itens já comentados no questionário de quem o havia respondido anteriormente, foram impressas as respostas de cada participante e anexadas ao roteiro de entrevista, para que fosse fácil tanto para a entrevistada quanto para mim retomar esses aspectos ao longo da conversa. Essa estratégia foi bastante positiva, especialmente quando se abordaram as questões que permitiam mais de uma resposta no questionário, das quais a pessoa

eventualmente não se recordava, e para que pudesse rever e/ou modificar alguma resposta dada anteriormente.

Parte das entrevistadas não havia respondido ao questionário. Isso ocorreu, pois elas foram indicações feitas posteriormente por docentes e colegas de curso. Nesses casos, as perguntas do questionário foram acrescentadas ao roteiro da entrevista e realizadas nesse momento.

Foi feita uma entrevista piloto para avaliar o roteiro. A entrevistada foi Catarina¹¹, ex-aluna de uma disciplina que ministrei na IES privada de rede internacional, que cursava à época o oitavo semestre. É uma aluna que demonstrou interesse pelas questões de gênero e que realizou estágios nessa área durante a graduação, ou seja, era familiarizada com termos e conteúdo desse campo. Após o piloto, não houve significativa mudança nas questões, mas sim uma reorganização do roteiro que permitiria maior flexibilidade para a conversa. Por não ter havido modificações de conteúdo, a entrevista de Catarina está entre as vinte analisadas. Basicamente, foi elaborada uma questão central sobre um tema e foram associadas a ela outras questões secundárias. Como exemplo, a questão 5: Para você faz/fez alguma diferença: ser aluno ou aluna no curso? Ter uma professora ou um professor? Estudar um autor ou uma autora da Psicologia?

A questão sobre autoras e autores estudados no curso foi sugestão de Catarina, que mandou horas após a entrevista o seguinte comentário, via aplicativo de mensagens. Considerei um sinal de que a entrevista tinha sido um momento que propiciou reflexão e, por isso mesmo, teve em certa medida um caráter formativo e informativo:

Catarina: Meu! Pensando na conversa e na entrevista, vindo pra casa pensei que talvez tenha faltado sobre a relação entre os teóricos, que são de minoria mulher e que a mais falada (Klein¹²) é muitas vezes vista como “louca” pelas suas interpretações e que outra é a Anna Freud que de alguma forma relacionam a importância por ter o pai Freud e que dessas duas é principalmente falado da rixa que tinham. Fora essas, agora eu não consigo pensar em mais nenhuma teórica, o que também é um sinal da relação de gênero em psico.

Foram realizadas no total vinte e uma entrevistas, uma delas descartada por se tratar de um aluno do quarto semestre. O grupo de entrevistadas foi, assim, composto

¹¹ Todos os nomes próprios são fictícios.

¹² Ela se refere à Melanie Klein, psicanalista austríaca.

de vinte pessoas. Quatro delas estudavam ou haviam se formado em uma IES privada que faz parte de uma rede internacional de instituições de ensino, cinco em uma IES privada de gestão familiar, três em uma privada filantrópica, cinco em uma IES pública da capital e três de uma IES pública do interior paulista.

Ao contatar as pessoas para convidar para a entrevista, dei preferência àquelas que deixaram o número de telefone no questionário, o que possibilitaria de pronto uma apresentação dialogada, sendo o envio de e-mail a segunda alternativa. No primeiro contato eu me apresentava, perguntava se a pessoa se lembrava de ter respondido a um questionário sobre gênero no ensino de psicologia e de ter fornecido seu contato, e a seguir a convidava para a entrevista, negociando o melhor horário e local sempre respeitando a logística da entrevistada.

Uma vez esgotados os contatos deixados no questionário, foi preciso também pedir indicações. Conteí com ajuda de professoras das IES envolvidas e com as próprias entrevistadas, que indicaram colegas para participar, estratégia conhecida como bola de neve (VINUTO, 2014).

Como a localidade de realização das entrevistas era sugerido pelas entrevistadas, conforme fosse mais cômodo e viável para elas, elas foram feitas em locais diversos: salas de aula (no intervalo entre aulas), cantinas, sala da biblioteca, jardim de entrada da IES e cafés. Todas foram gravadas com aplicativo de celular (Gravador de Voz), salvas em arquivo e enviadas para transcrição, todas para a mesma profissional.

O clima de todas as entrevistas foi tranquilo e as entrevistadas pareciam estar à vontade. Houve várias trocas interessantes, como uma das entrevistadas que me emprestou a apostila da disciplina optativa sobre relações de gênero que havia cursado e nomeou quais de seus professores(as) realizavam pesquisas afins, e o entrevistado que me pediu indicações de leitura sobre o tema. Além disso, fui indagada acerca de meu envolvimento com a psicologia, se tinha afinidade com algum referencial teórico, se teriam acesso ao meu trabalho quando publicado, entre outras coisas, informações que foram concedidas, entendendo que o encontro era propício para a troca de conhecimento e era também um indicativo da receptividade das participantes à temática de gênero. Para Bourdieu (1997), a existência de fatores comuns entre entrevistador(a) e entrevistado(a) pode ser positiva, ao proporcionar para situação da entrevista um pouco de familiaridade entre os(as) envolvidos(as).

A estratégia utilizada para a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas faz alusão a Bardin (1977). A partir de repetidas leituras das transcrições e audições das entrevistas gravadas, foi possível descobrir conexões entre os dados que parte das vezes eram mais frequentes entre as entrevistadas ou que haviam de algum modo transformado relações estabelecidas a partir da coerência interna de cada uma das entrevistas. O cruzamento desses dados permitiu a identificação de certos núcleos de sentido, que foram condensados em temas utilizados como norteadores para a apresentação e discussão dos dados. Em uma planilha, trechos das entrevistas foram recortados e agrupados de acordo com o tema ao qual se referiam, para que fosse mais fácil recorrer a eles sempre que necessário. O nome da entrevistada, autora da fala selecionada, foi mantido ao lado de cada trecho recortado e reagrupado por tema, de forma que fosse possível ter uma noção da temática preponderante ou mais significativa em cada entrevista.

Alguns dos trechos das entrevistas reproduzidos na análise de dados, como se verá mais adiante, mantêm minhas perguntas e colocações conforme se deram no momento da entrevista e foram apenas sutilmente ajustados para evitar repetidas marcas da oralidade como “né”, “tipo”, “assim” etc. A preservação da conversação original pode ajudar a revelar como algum saber foi produzido na interação entre duas agentes presentes, entrevistada e entrevistadora, no sentido de alcançar uma compreensão comum, não apenas uma informação colhida por uma participante ativa de uma participante passiva.

O modo como os dados estão apresentados decorre dos principais temas identificados e carrega, portanto, reflexos de minha forma de pensar como intérprete do material coletado no momento da análise. Assumida a não neutralidade, inerente a qualquer trabalho de interpretação, tenho a intenção de que as discussões propostas neste trabalho promovam reflexões acerca das interrelações entre a psicologia e a temática de gênero sob o ponto de vista das estudantes e recém-formadas de cursos de graduação em psicologia.

3.2 AS PARTICIPANTES DA PESQUISA E O CAMINHO TRILHADO ATÉ ELAS

Os parágrafos a seguir detalham o caminho percorrido para a definição das instituições de ensino superior (IES) e o acesso às suas estudantes e recém-formadas. As características das instituições que foram destacadas objetivam oferecer

uma noção geral de contexto a fim de situar as falas das entrevistadas, analisadas mais adiante.

Uma vez que o questionário foi adotado como estratégia inicial para encontrar possíveis entrevistadas, considerou-se importante pedir autorização às IES para aplicá-lo, via coordenação de curso ou secretaria de graduação. Tal recomendação de abordagem foi feita também pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Uma das IES acessadas foi a instituição onde trabalho, privada, que integra uma rede internacional de faculdades. Foi também onde realizei os pilotos do questionário e da entrevista. Solicitei autorização para aplicar o questionário diretamente à coordenação do curso de psicologia, a quem também apresentei o que chamei de “pacote de apresentação”: uma carta de apresentação da pesquisa (que continha resumidamente sua justificativa, objetivos e métodos), o parecer positivo do comitê de ética e uma cópia do instrumento. A coordenação prontamente autorizou e eu compartilhei o *link* do questionário com representantes de sala para que o espalhassem.

Foi um fator determinante para a inclusão de participantes dessa IES ela ter matriculadas no curso de Psicologia, segundo equipe de coordenação, aproximadamente quatro mil alunas (períodos matutino, vespertino e noturno), o que a posiciona como uma das que mais forma profissionais dessa área na cidade de São Paulo. O fato de eu ser professora dessa instituição é um aspecto sensível e que exige atenção especial, pois requer ora um afastamento necessário para a análise dos dados e ora a minha inclusão na análise como uma das possíveis variáveis. O grupo de graduandas dessa IES que respondeu ao questionário estudou em turmas variadas e duas das entrevistadas tinham sido minhas alunas nos semestres iniciais do curso.

Há outras características da instituição que se pode destacar, além do grande número de estudantes no curso de Psicologia. Algumas mudanças ocorreram desde 2008, como a diminuição do valor da mensalidade para que concorresse no mercado com IES voltadas à população com menos recursos financeiros, diferente do público que atraía em anos anteriores. Em 2013, ela foi comprada por uma rede global de instituições acadêmicas privadas com sede estadunidense e desde então tem sofrido mudanças significativas nos currículos de todos os cursos, infraestrutura e corpo docente. Será chamada, por essa razão, de “IES privada de rede internacional”. Consta em seu portal na Internet que o curso de psicologia ocorre na capital paulista, em modalidade presencial, com duração de 10 semestres e mensalidades que na

época das entrevistas iam de R\$ 998,00 a R\$ 1.090,00, dependendo do período (matutino, vespertino ou noturno).

Na segunda IES privada eu conhecia uma das coordenadoras do curso e alguns(umas) professores(as). Foi a IES de onde chegou o maior número de respostas ao questionário, 123, que representa 58% do total, mostrando que a adesão foi maior que nas demais instituições. Entre as IES participantes, essa é a que tinha o maior número de alunas matriculadas, aproximadamente seis mil, de acordo com a coordenação de curso, incluindo períodos matutino e noturno (informação verbal).

Houve grande receptividade ao questionário, proposto inicialmente à coordenação de curso, que recebeu o “pacote de apresentação”, e posteriormente concedeu autorização para que eu contatasse diretamente algumas/uns docentes e partilhasse com elas(es) o *link* do questionário. Em seguida, elas(es) o enviaram às alunas. Uma das causas da maior adesão ao questionário por estudantes dessa IES pode ter sido o fato de ela já adotar questionários eletrônicos para procedimentos corriqueiros da vida acadêmica como avaliações, consultas e votações. O prédio dispõe de internet sem fio e as alunas puderam responder ao questionário no celular, tão logo receberam o endereço eletrônico. Também foi um fator positivo o bom relacionamento que mantive com colegas quando trabalhei nessa IES, sendo muito acolhedores(as) quando pedi que me ajudassem. É interessante mencionar que após recente revisão de matriz curricular do curso de Psicologia dessa IES uma disciplina específica sobre gênero e sexualidade foi incluída, o que pode significar uma tendência a valorizar essas temáticas na formação das futuras psicólogas.

Essa instituição será chamada de “IES privada familiar” pois é uma instituição de gestão familiar que não foi incorporada a nenhuma rede estrangeira de instituições de ensino superior e que vem crescendo bastante, seja na capital ou no interior do estado de São Paulo, onde abriu quatro polos. Na capital há um centro de pós-graduação e cinco *campi*, sendo que todos oferecem curso de Psicologia na modalidade presencial. A duração do curso é de 10 semestres e a mensalidade girava em torno de R\$ 900,00 a R\$ 1.000,00¹³.

¹³ O valor da mensalidade dessa IES não estava disponível em seu website e por isso o valor informado é aproximado e foi obtido em conversas informais com docentes e com alunas que vieram transferidas para a IES onde eu leciono. O *link* que daria acesso ao valor da mensalidade em seu website leva a uma página de cadastro e as informações solicitadas sugerem que o valor pode ser personalizado e que existe oferta de bolsas de estudo, que poderiam baixar o preço.

Para a terceira IES privada, que é filantrópica, contatei por telefone a secretaria do curso, que me direcionou ao departamento responsável por pesquisas, a quem expliquei de que se tratava, e que aceitou divulgar o endereço eletrônico do questionário às alunas por meio do e-mail institucional. Como eu conhecia uma professora e um professor dessa instituição, informei-lhes sobre o convite para o questionário que chegaria ao e-mail das alunas e eles gentilmente não só pediram que as alunas respondessem como solicitaram o endereço eletrônico para que pudessem enviar a quem porventura não tivesse recebido ou não conseguisse localizar o convite para o questionário enviado pelo e-mail institucional. Graças a esse esforço recebi dessa IES 23 respostas, 11% do total. Chamei esta instituição de “IES privada filantrópica” ou, simplesmente, “IES filantrópica”. Ela se localiza na cidade de São Paulo, tendo também outros campi dentro e fora do estado. A duração do curso de Psicologia, em modalidade presencial, é de 10 semestres e a mensalidade, conforme seu portal na Internet, é a mais alta entre as IES deste estudo, correspondendo a mais que o triplo do valor das outras, com quem essa IES não compete no mercado. Suas estudantes de Psicologia, aproximadamente 900 (períodos matutino e noturno), de forma geral, pertencem a famílias significativamente mais ricas que as demais.

A quarta instituição é uma universidade pública, cujo curso de psicologia é oferecido em cidades do interior paulista. O campus que acessei para enviar o questionário foi onde pude contar com colegas docentes que me facilitaram o acesso às estudantes. Quando elaborei o projeto, não havia pensado em incluir IES de fora da capital paulista. Contudo, a facilidade de acesso pesou favoravelmente para que eu a considerasse e incluísse.

Enviei a documentação ao coordenador do curso e expliquei a finalidade do estudo em conversas por e-mail. O coordenador solicitou que eu fosse divulgar e explicar a pesquisa presencialmente e assim foi feito. No dia de minha visita, algumas salas de aula estavam vazias, soube posteriormente que os alunos estavam em atividades externas. Para as salas que estavam em aula, fui acompanhada de uma amiga, docente dessa IES e, após me apresentar e falar sobre a pesquisa, entreguei filipetas com o endereço eletrônico para o questionário. Apesar do trabalho de divulgação, não foram muitas as respostas recebidas: 13 (6% do total da amostra).

Não há uma disciplina específica sobre gênero e/ou sexualidade no curso de psicologia dessa IES, porém lá lecionam docentes que são pesquisadoras/es dessa

temática com produção acadêmica relevante. O curso tem duração de 10 semestres e aproximadamente 350 alunas (integral e noturno). Neste trabalho, essa instituição será chamada de “IES pública do interior”.

A quinta instituição é uma universidade pública, localizada na capital do estado de São Paulo, cujas alunas levei mais tempo para acessar. Inicialmente, enviei o “pacote de apresentação” via secretaria, com quem fiz contato telefônico, mas não obtive retorno. Enviei o *link* do questionário por meio de colegas que me indicaram pessoas de seu círculo de amizade que eram alunas do curso de psicologia dessa IES. Chegaram poucas respostas. Fui também presencialmente, munida de questionários impressos, em busca de alunas que estivessem no centro acadêmico ou nos corredores dos prédios, mas avaliei que não seria uma boa estratégia, pois infelizmente o horário de que eu dispunha para isso em consequência de meu trabalho era restrito e de pouca movimentação (horários de almoço ou no espaço entre aulas).

Contei com o muito bem-vindo apoio de minha orientadora, que escreveu para colegas docentes solicitando indicações. Prontamente as docentes me indicaram possíveis participantes. Um dos contatos fornecidos foi de uma ex-aluna, que foi membro de um coletivo feminista da instituição, que partilhou o questionário com colegas. Essa é a IES cujo grupo de respondentes é o que tem proporcionalmente mais mulheres de toda a amostra, possivelmente porque as colegas faziam parte do mesmo coletivo. Das 12 respostas fornecidas (6% da amostra), 4 são de pessoas que já concluíram a graduação.

O curso de Psicologia dessa IES, chamada aqui de “IES pública da capital”, tem duração de 10 semestres (com variações de um ano para mais ou para menos dependendo da titulação: bacharelado, licenciatura e formação de psicólogo) e aproximadamente 500 alunas.

CAPÍTULO IV – PERCURSO DESCRITIVO-ANALÍTICO

4.1 COMENTÁRIOS SOBRE AS ESTRUTURAS CURRICULARES VIGENTES NOS CURSOS DE PSICOLOGIA EM QUE ESTUDAVAM OU HAVIAM SE FORMADO AS PARTICIPANTES

A intenção é partilhar aqui informações acerca das estruturas curriculares para proporcionar alguma dimensão sobre as variadas ênfases da formação em psicologia, suas diferenças e aproximações a partir das quais também se construiu o ponto de vista das participantes deste estudo. Não entrarei em detalhes sobre as teorias psicológicas nem sobre o conteúdo das disciplinas mencionadas, apenas apresentarei um panorama geral dos currículos dos cursos de psicologia das IES cujas alunas e recém-formadas participaram desta pesquisa. Trata-se de uma visão parcial que pode oferecer insumos para a compreensão e contextualização das falas das entrevistadas, no mesmo sentido que propõem Melo e Barreto (2014, p.682):

as grades curriculares embasadas em sua matriz [...] não somente apresentam um campo teórico de conhecimento, mas direta ou indiretamente inferem na produção de subjetividade de um coletivo que traz consigo o engendramento de discursos sociais advindos de instituições como a família, a igreja, a escola e o campo de trabalho.

As participantes constantemente se referiram à estrutura curricular e as ementas das disciplinas oferecidas ao comentarem a abordagem da temática de gênero. Ademais, sabe-se que o conteúdo das ementas é formal e pode ser bastante variável a forma como é contemplado por diferentes docentes – caso partilhem a mesma ementa para uma disciplina, por exemplo – posicionando-se de modo a corroborar as ideias de autores da bibliografia ou se opor a elas, construindo críticas junto às graduandas no momento da aula. É comum que em IES pertencentes a uma mesma rede o plano de ensino e a ementa de disciplinas sejam os mesmos, sendo que as diversidades regionais podem se restringir ao momento da aula, onde ainda se preserva alguma autonomia para docentes. Em outras situações, a autonomia possibilita que a/o docente seja quem define o plano de ensino da disciplina que leciona, o que não impede o possível ajuste de conteúdo mediante a participação e interesse de alunas/os e/ou outras questões que se imponham.

Estavam disponíveis na internet os currículos de quatro dos cinco cursos de psicologia nos quais estudavam e se formaram as participantes da pesquisa: das duas IES públicas, da IES privada filantrópica e da IES privada de rede internacional, contudo, o currículo desta última não correspondia à vigente no período de formação das participantes (ele passou por ajustes). Assim, contei com ajuda de uma ex-aluna, contemporânea às entrevistadas, que me forneceu o currículo vigente no curso de psicologia da IES privada de rede internacional e com a gentileza de um ex-aluno da IES privada familiar, que compartilhou comigo seu histórico da graduação, já que este foi o único currículo que não estava acessível de outra forma.

As disciplinas obrigatórias das IES filantrópica e da pública do interior têm em comum já apresentarem às alunas desde o início (primeiro e segundo semestres) as principais correntes teóricas da psicologia, conteúdos que progridem ao longo dos semestres, como, por exemplo, Psicologia Comportamental I¹⁴, sucedida por Psicologia Comportamental II e Psicologia Comportamental III; ou no formato Fundamentos Epistemológicos da Psicanálise e que têm continuidade no semestre seguinte como Fenômenos e Processos Psicológicos: Teorias Psicanalíticas I, que antecedem Fenômenos e Processos Psicológicos: Teorias Psicanalíticas II. Aos poucos, vão aparecendo disciplinas que parecem mais voltadas à área de atuação, por exemplo, Clínica Psicanalítica e Psicologia Escolar, algumas também progredindo em I e II.

Como não houve observação das aulas, não é possível afirmar pelo nome se as ênfases de cada disciplina recaem sobre a teoria ou sobre a prática. Porém, a estrutura curricular da IES privada de rede internacional parece mais voltada à preparação profissional, com muitas disciplinas dedicadas à técnica, como Técnicas Psicológicas de Avaliação, que se repete entre os semestres, em cada um focando um tipo diferente de avaliação psicológica ou teste psicológico. Mesmo as disciplinas dedicadas à teoria vêm acompanhadas das técnicas: Teoria e Técnica Psicanalítica I, II, Teoria e Técnica Comportamental Cognitiva¹⁵ I, II, estas aparecendo a partir do

¹⁴ Psicologia Comportamental, Behaviorismo e Análise Experimental do Comportamento são, respectivamente, prática, teoria e método de uma abordagem da psicologia cujo pressuposto é que o comportamento, que pode ser aberto ou encoberto (como o pensamento) é controlado pelas consequências. Neste trabalho, devido à forma como aparecem nos currículos, serão tomadas como sinônimos.

¹⁵ Psicologia Comportamental Cognitiva ou Cognitivo-Comportamental é uma abordagem baseada nos pressupostos das teorias cognitivas, às quais as técnicas comportamentais são acopladas para promover mudanças nas cognições.

terceiro ano do curso. Nos primeiros semestres, há uma disciplina introdutória de abordagem mais ampla, chamada Teorias e Sistemas Psicológicos I e II.

Estão explícitas no currículo da IES filantrópica três abordagens teóricas da psicologia: psicologia comportamental, fenomenologia, psicologia analítica e psicanálise, sendo estas duas últimas as únicas com especificação de autores a cada semestre. Psicanálise tem módulos de I a VI, indo do primeiro ao sexto semestre. A IES pública do interior também apresenta as ênfases teóricas, sendo elas behaviorismo, teoria sistêmica, psicologia sócio histórica e psicanálise, sem quaisquer especificações de autores.

A IES privada familiar, de forma similar, também evidencia os enfoques teóricos do currículo, iniciando no primeiro semestre com Análise do Comportamento I, Psicanálise I e Psicologia Socio Histórica I, as três seguindo até o módulo IV, ao final do segundo ano de graduação. É o currículo que, entre os demais mencionados, mais tem disciplinas na interface entre a psicologia e a educação: Introdução à Psicologia da Educação, Psicologia Escolar e Psicologia e Práticas em Educação, oferecidas respectivamente no terceiro, quarto e quinto semestres. Apresenta também menos disciplinas que carregam a técnica no nome, apenas as que abordam técnicas de exame psicológico (testes), distribuídas entre os semestres.

A estrutura curricular da IES pública da capital apresenta, nos primeiros semestres, várias disciplinas de temáticas mais próximas às ciências biológicas, como Etologia, Neurociência e Genética, sendo que algumas destas foram mencionadas pelas entrevistadas nem sempre para se referir a uma abordagem positiva da temática de gênero. Quanto às correntes teóricas da psicologia, ficam explícitas apenas a Psicanálise e a Análise Experimental do Comportamento, sendo esta com progressão I e II, e aquela com especificação de autores abordados por semestre, assim como na IES filantrópica. É interessante notar a repetição dessa especificação de autores do campo da psicanálise, algo que não se repete entre as outras correntes teóricas. Isto, se considerado no contexto das falas das entrevistadas, parece sugerir uma maior atenção do programa dos cursos à psicanálise e, conseqüentemente, seu emprego mais recorrente, a atuação em clínica psicológica.

As disciplinas Filosofia, Antropologia e Sociologia estavam presentes nos currículos de todos esses cursos quando da formação das entrevistadas e eram oferecidas de forma presencial. Recentemente, sabe-se que ao menos em uma das

IES privadas (de rede internacional) essas disciplinas passaram a ser oferecidas no módulo Educação à Distância (EAD).

Há uma certa provisoriedade da estrutura curricular dos cursos, o que em parte se deve às frequentes revisões das diretrizes curriculares para os cursos de psicologia, a última datando de 2018. Essas revisões mobilizam as coordenações dos cursos a se adequar, e se devem também, especialmente nas IES privadas, ao enxugamento curricular de modo a diminuir o tempo de formação e investimento financeiro, o que pode atrair mais alunos.

Os cursos também oferecem disciplinas optativas ou eletivas, que podem variar conforme o enfoque curricular, a disponibilidade de professores e o interesse das alunas. Essas disciplinas não estavam listadas nos materiais consultados para este trabalho, no entanto algumas delas foram citadas pelas participantes como oportunidades que tiveram e que aproveitaram para aprender mais sobre gênero durante a formação.

Todos os currículos contemplam estágios oferecidos ao longo da formação. Conforme preveem as diretrizes curriculares nacionais, eles têm uma gradação de complexidade e requisitos distintos. Os estágios básicos, que proporcionam os primeiros contatos das estudantes com questões profissionais de forma supervisionada, ocorrem a partir do terceiro semestre nas IES privadas de rede internacional e familiar e na IES pública da capital. Na pública do interior o primeiro estágio básico é oferecido já no primeiro semestre e na privada filantrópica apenas no quinto (ou início do terceiro ano de formação). De modo similar ao que acontece com as disciplinas optativas e eletivas, as temáticas dos estágios básicos podem variar bastante entre as instituições.

Os estágios profissionalizantes, requisitos para a titulação Formação de Psicólogo¹⁶, concentram-se no penúltimo e último anos de graduação, período cursado por parte das entrevistadas. Trata-se do exercício de atividades supervisionadas mais próximas à prática profissional em psicologia, em diversas áreas, que por um lado são escolhidas pelas estudantes e por outro são ajustadas entre oferta e procura, o que acaba forçando algumas alunas a estagiarem em campos alheios ao seu interesse. A IES pública do interior especifica os campos de estágio,

¹⁶ As titulações possíveis para graduandas em Psicologia são Bacharelado e Formação de Psicólogo. A Licenciatura em Psicologia não é mais oferecida.

podendo ser em Psicologia Clínica, Psicologia e Educação, Psicologia e Trabalho, e Psicologia Social. A IES familiar define esses estágios em termos mais genéricos: Prevenção e Promoção de Saúde em Clínica, Prevenção e Promoção de Saúde em Instituições. As demais IES não especificam esses estágios finais nos currículos acessados (aparecendo, por exemplo, no formato genérico Estágio supervisionado I, II e assim por diante).

Esse olhar geral para os currículos permite situar comentários feitos por algumas entrevistadas, descontentes com o que entendem ser um maior espaço dedicado ao ensino de psicanálise e à atuação clínica na formação em detrimento de outras áreas, teorias e abordagens. De fato, a partir dos materiais acessados essa é a única corrente ou área de conhecimento e atuação para a qual se especificam autores e que se estende do início ao final do curso. Como comparativo, a Psicologia sócio histórica que figura nos módulos de I a IV na IES familiar e de I a III na IES pública do interior não informa qualquer autor de referência, tampouco a Psicologia Comportamental.

Quanto às áreas de atuação, que às vezes aparecem nos nomes das disciplinas, estão presentes nos currículos de todos os cursos, por exemplo, Psicologia Social (algumas em módulos I e II), Psicologia Escolar, Psicologia Hospitalar, entre outras, e, em apenas uma das IES, Psicologia do Esporte. Não é mencionada diretamente na mesma proporção que as outras áreas a Psicologia Clínica, mas não por demérito. Pelo contrário, é esse campo que comporta práticas de todas as abordagens teóricas já mencionadas anteriormente, sendo, portanto, preponderante na formação.

4.2 PRIMEIRAS INFORMAÇÕES OBTIDAS POR MEIO DO QUESTIONÁRIO E COMENTÁRIOS SOBRE A EXPERIÊNCIA COM ESSA FERRAMENTA

O questionário permitiu levantar informações interessantes sobre as graduandas em psicologia que participaram desta etapa da pesquisa, porém, não é possível generalizar os dados como características que correspondem às graduandas de forma geral, apenas ao grupo que respondeu ao questionário. Considera-se válido partilhar as informações coletadas, pois elas apontam, além dos dados destacados, possibilidades de novas investigações na interface entre os campos de estudos de gênero e da psicologia.

Foram 218 questionários respondidos, dos quais sete foram excluídos após a limpeza dos dados. As razões da exclusão foram conter respostas inválidas, terem sido respondidos pela mesma pessoa mais de uma vez ou terem sido respondidos por docentes. A amostra final foi, portanto, de 211 respondentes. A maior parte delas, 163, estudava em duas das instituições: na privada familiar e na privada que é parte de rede internacional. Da IES filantrópica vieram 23 respostas e das públicas, 25.

A maior concentração de respostas tomando como referência o período cursado está no terceiro semestre (93), porém, todas essas respostas são de uma única IES, a familiar. Somando-se os respondentes dos semestres finais do curso (oitavo, nono e décimo), público alvo inicial da pesquisa, foram 82 respostas distribuídas entre as IES. Há também quatro recém-formadas.

A idade das respondentes se concentra na faixa etária que vai dos 20 aos 25 anos e a maioria exerce trabalho remunerado, tendo aí sua principal fonte de renda. Um maior número de respondentes se declarou mulher, 82,2% de respostas delas (174) contra 17,8% dos que se declararam homens (37). Essa proporção guarda uma diferença de aproximadamente cinco pontos percentuais se comparada aos números para o estado de São Paulo registrados pelos Conselhos de Psicologia em 2017, quando as psicólogas eram 87,3% (80.935) do total de profissionais contra 12,7% (11.831) de psicólogos. Quanto à distribuição por cor/raça/etnia, a maior parte forma o grupo de brancos, com 146 participantes (69%), seguido do grupo de negros (soma dos que se autodeclararam pretos e pardos), com 60 participantes (28,4%). Amarelos e indígenas somaram 4 pessoas (1,9%) e uma não respondeu à questão. Os negros, maior grupo que compõe a população brasileira, ainda são minoria no ensino superior, apesar de estudos terem constatado um grande crescimento relativo de sua presença nesse segmento entre os anos de 2001 e 2010, especialmente entre mulheres negras (ARTES; RICOLDI, 2015).

Como já foi dito, o questionário não tinha a intenção de ser um instrumento de levantamento maciço do perfil de estudantes do curso de Psicologia, porém, mesmo não sendo este o foco da investigação a elaboração de algumas questões gerou controvérsia, pois se sabe que instrumentos de pesquisa podem ser disparadores de reflexões e ter alguma função educativa ao favorecer que pessoas entrem em contato com temas sobre os quais não haviam pensado antes. Mesmo sendo controversa, foi mantida a classificação de cor/raça do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE)¹⁷ para a questão sobre cor/raça (branca, preta, amarela, parda e indígena), pois isto permitiria correlacionar os dados às estatísticas nacionais. Acrescentei um campo “Outro”, caso a respondente quisesse incluir outra resposta. A participante que não respondeu a esta questão deixou um recado nesse campo, afirmando que perguntar pela cor/raça em uma pesquisa sobre gênero poderia sugerir alguma associação preconceituosa.

Em outra questão, optei pelas alternativas “Homem” e “Mulher”, além do campo aberto “Outro”, para estabelecer comparações às estatísticas do CFP, que apresenta números de “psicólogas” e “psicólogos” e para evitar separar sexo de gênero, imaginando que pessoas transexuais que respondessem ao questionário pudessem declarar o gênero com o qual se identificam, independentemente do definido ao nascimento. Contudo, nenhuma das participantes usou o campo “Outro” para se declarar “não-binária” ou “transexual”, o que pode ter ocorrido pela ausência dessas pessoas nos cursos de Psicologia acessados, ou porque o questionário não chegou até elas, ou ainda que tenham se declarado simplesmente “Mulher” ou “Homem”, conforme fora aventado. Versões dessa questão que incluíssem alternativas de resposta diferentes, como “Mulher cis”, “Mulher trans”, “Homem cis” e “Homem trans”¹⁸ foram aventadas e descartadas porque as participantes responderiam ao questionário na ausência da pesquisadora, que não teria a possibilidade de explicar esses termos a quem não tivesse familiaridade com eles, aumentando a chance de obter respostas equivocadas ou de desistências de participantes em concluir o questionário.

Com a intenção de acessar alguma noção que permitisse um mapeamento, ainda que vago, do sentido de gênero para as respondentes, o que seria fundamental para contextualizar as respostas às demais questões, foi elaborada a pergunta “Para você, Gênero se refere principalmente a: (Marque quantas alternativas quiser)”. As alternativas oferecidas buscaram englobar sentidos recorrentes na abordagem do gênero, seja no campo científico, seja no senso comum. Esta é uma das questões em que as respondentes avaliam suas concepções de gênero em relação a uma lista de

¹⁷ Disponível em

https://censo2010.ibge.gov.br/images/pdf/censo2010/questionarios/questionario_basico_cd2010.pdf.

Acesso: 2 de mai. 2019.

¹⁸ Os termos “cis” e “trans” são abreviações das expressões “cisgênero” e “transgênero”, utilizadas para especificar identidades de gênero. Para a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) pessoas trans apresentam uma identidade de gênero diferente da que foi designada ao nascimento. Pessoas cis têm a mesma identidade de gênero designada ao nascer.

itens pré-definidos pela pesquisadora. Para reduzir essa limitação, foi incluído o item “Outros”, em que a participante poderia acrescentar uma nova resposta além das fornecidas.

Como as concepções de gênero das participantes poderiam ser aprofundadas nas entrevistas posteriores, não havia preocupação em esgotar essa discussão no questionário, apenas fazer um levantamento inicial. As respostas pré-definidas e o número de vezes em que foram assinaladas pelas respondentes estão na tabela a seguir.

Tabela 1 - Número de vezes que cada concepção de gênero foi assinalada, em ordem decrescente (total da amostra).

Concepção de gênero	Número de vezes que foi assinalada
Questões de identidade	157
Diversidade	97
Sexualidade	91
População LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros)	68
Relações entre meninos, meninas, homens, mulheres	62
Desigualdade	57
Relações de poder	55
Papéis sexuais	52
Violência	34
Feminismo	31
Mulheres negras	13
Outros	1*

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

*O participante que assinalou este campo adicionou “Performance”.

O resultado, com “questões de identidade” sendo assinalada 60 vezes mais que o segundo colocado, não surpreende por si só, afinal a Psicologia se dedica ao estudo da construção da identidade e, ainda que algumas correntes a compreendam no contexto das relações sociais, em constante movimento e metamorfose (CIAMPA, 1984), chama a atenção se comparado ao menor número de vezes em que foram assinaladas outras opções, algumas delas mais ligadas às dimensões institucionais e estruturais de gênero, por exemplo, “Relações entre meninos, meninas, homens, mulheres” (62), “Desigualdade” (57), , “Relações de poder” (55), “Violência” (34). Ao que parece, a estrutura de relações sociais dentro da qual se produz a percepção acerca da temática de gênero na formação em psicologia tem conduzido à sua

circunscrição no campo das identidades individuais. Ângela Soligo (2015), analisando a formação em Psicologia no Brasil, constata o pouco espaço dado nos currículos a conteúdos de natureza filosófica, antropológica e sociológica, o que estaria favorecendo a construção de concepções que não levam em conta a história, a sociedade e a cultura, acarretando uma Psicologia que não enxerga as desigualdades raciais e nem de gênero (SOLIGO, 2015).

Foram 34 pessoas (16,1%) que declararam participar de movimentos sociais. Entre essas, 16 disseram se envolver em movimentos cujas reivindicações estão ligadas à causa feminista, conquista de igualdade ou equidade entre homens e mulheres e libertação da mulher, mas apenas cinco assinalaram na questão acima a alternativa “Feminismo” e apenas uma assinalou “Mulheres negras”. Isto, talvez, seja sinal de que apesar de estarem em contato com essas discussões em atividades paralelas ao currículo obrigatório, tais discussões não se façam notar ou sejam muito incipientes em meio ao conteúdo curricular formal do curso de Psicologia.

As respostas podem ter ficado circunscritas à percepção das alunas sobre suas atividades curriculares em detrimento das extracurriculares – que certamente fazem parte de qualquer processo de formação em nível superior e poderiam ter sido englobadas, já que o enunciado da questão enfatizava as atividades, de forma geral, do curso de Psicologia.

Desta amostra, 141 respondentes assinalaram a psicologia clínica como uma das áreas com que mais se identificam. Isto pode estar associado ao modelo de formação ofertado que, conforme constatou Espinha (2017) a partir da análise dos projetos político-pedagógicos de diferentes cursos de psicologia, estrutura-se em torno da clínica tradicional, também denominada ênfase em saúde. A área da saúde, conforme constatou o levantamento de Louise Lhullier (2013) é o campo de trabalho onde atua a maior parte das profissionais de psicologia brasileiras.

Soligo (2015) afirma que o interesse pela área clínica e pela possibilidade de se tornar uma profissional liberal é o que mobiliza o interesse pelo curso de formação em psicologia, atribuindo esse fato à formação básica brasileira pautada na meritocracia, que prioriza o desenvolvimento individual e despreza o coletivo (SOLIGO, 2015).

A maioria das respondentes afirmou ter havido alguma aula ou discussão em que o tema gênero tenha sido abordado ao longo de sua graduação em Psicologia, 142, que representam 67,3% do total. Pessoas que reconheceram não ter ocorrido

tal abordagem somam 55 (26,1%) e as que disseram não saber se houve ou não, 14 (6,6%). Quanto às características das pessoas que assinalaram “não”, elas estudam em quase todas as IES, cursam desde os semestres iniciais até os finais e uma já concluiu a graduação. Algumas dessas pessoas se manifestaram numa pergunta mais adiante, de resposta aberta e opcional, com sentenças que parecem ter certo tom de apelo quanto à presença de discussões de gênero, por exemplo: “Infelizmente não teve” ou “Ainda não assisti aulas que abordem esse tema”. Essas participantes parecem estar esperando que o assunto seja abordado, ou que seja abordado com maior ênfase.

No que se refere às situações em que houve algum tipo de abordagem da temática de gênero, as respostas se concentram em Disciplinas/matérias cursadas (128 respostas¹⁹) e é necessário considerar que o enunciado possa ter influenciado nisso, pois foi redigido assim: “Você saberia dizer em que momento ocorreu essa aula ou discussão?”, isto é, pode ter levado a associar imediatamente “aula” com “disciplinas”. O item “Congressos, seminários, simpósios e palestras”, que são atividades acadêmicas não necessariamente ligadas à IES de cada respondente e muitas vezes não obrigatórias, foi assinalado por 40 pessoas, mostrando que há motivação pessoal das estudantes para se informar sobre o tema. Esse componente de interesse pessoal está presente também quando se trata de Grupos de estudo (31) e Movimentos sociais/grupos militantes (21).

As respostas à questão aberta, que serão abordadas a seguir, demonstram esse movimento das alunas em buscarem se apropriar do tema em atividades paralelas às obrigatórias. Foram, em geral, atividades extracurriculares que, na visão das participantes, proporcionaram discussões mais significativas sobre a temática de gênero. Pode-se considerar que a apropriação pelas alunas de conceitos e concepções partilhados nesses espaços extracurriculares, que também compõem a formação da profissional psicóloga, sejam justamente o que propiciou uma visão crítica sobre o conteúdo curricular, ou seja, ao se apropriar das discussões sobre gênero fora do curso, elas puderam ser utilizadas para analisar a formação.

Os comentários à questão “Você poderia contar brevemente como foi essa aula ou discussão em que o tema Gênero foi abordado?” fornecem pistas para a

¹⁹ Era possível assinalar mais de uma resposta nessa questão, portanto são apresentados números absolutos e não porcentagens.

compreensão acerca do que pensam as alunas sobre as diferentes formas em que a temática de gênero tem sido abordada. As respostas a esta questão mostraram semelhanças entre o que pensam as alunas das diferentes IES sobre os acontecimentos de cada curso e houve comentários similares feitos tanto pelas alunas de semestres iniciais quanto finais do curso.

As respostas podem ser agrupadas como: descritivas, quando a respondente descreveu um acontecimento de sala de aula, mencionou o conteúdo de uma disciplina, apontou o tema de um grupo de discussão ou de uma palestra; avaliativa, quando houve algum tipo de juízo de valor acerca da situação presenciada, mesmo que a situação em si não tenha sido descrita, por exemplo, dizendo se uma aula foi boa, ruim, confusa ou que o(a) docente não estava preparado(a) para abordar o tema; descritiva e avaliativa, quando a resposta mesclou elementos de ambos. Esse agrupamento tem finalidade meramente organizativa e não classificatória e é claro que algumas respostas têm elementos que possibilitariam seu agrupamento de outra forma.

Foram mencionadas várias disciplinas em que algum conteúdo de gênero apareceu. Entre as que fazem parte do currículo obrigatório (considerando as particularidades de cada IES) estão Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social, Psicopatologia, Psicanálise, Linguagem e Pensamento, Antropologia, Análise Experimental do Comportamento e Genética. Foram lembradas também disciplinas optativas (ou eletivas) específicas sobre Gênero e Sexualidade.

Algumas respostas descritivas deixam mais evidente a relação estabelecida entre a temática específica da disciplina e a temática de gênero, quando houve algum diálogo entre ambas. Alguns exemplos desses relatos estão reproduzidos a seguir:

Foi em uma aula de quarto ano sobre a psicossociologia do trabalho. Abordamos a forma de inserção de pessoas trans no mercado, como acontece e o que acontece, situações de preconceito. (mulher, 10º semestre)

Foi passado um filme chamado “La Vie in Rose” e, após, discutimos sobre como começa a identificação do gênero no período do desenvolvimento infanto-juvenil. (mulher, 9º semestre)

Foi proposta em uma aula de psicopatologia infantil onde o professor promoveu um debate sobre a relação na interpretação como doença e o que isso implica no possível tratamento, incluindo no contexto positivo onde essas pessoas encontram o tratamento hormonal que buscam. (mulher, 8º semestre)

Foi em uma matéria, chamada Desenvolvimento Humano, que tinha como objetivo abordar as fases da vida e como em cada fase tem-se a evolução do ser humano como um todo. Dentro desta evolução, a questão de gênero se mostra como parte da descoberta e evolução, dentre conceitos e perspectivas diferentes de acordo com a história de cada um. (mulher, 8º semestre)

A aula a que me refiro foi uma ou duas da disciplina obrigatória de Psicologia Social II (...). Ela fala de gênero começando tal como é concebido na sociedade, pela moral judaico-cristã, e explica como essa categoria atravessa as relações de poder e desigualdade. (mulher, 10º semestre)

Se para as respondentes acima a relação estabelecida entre o conteúdo da aula ou disciplina e as questões de gênero foi elucidada, seja pelo(a) docente ou pelas alunas, houve quem demonstrasse uma compreensão diferente. Neste sentido, chamam a atenção sentenças como essas:

O tema é levantado com certa frequência por alunos, mas muito raramente focado no currículo oficial e ainda menos a partir de um viés teórico. Geralmente só aparece como crítica a alguma espécie de machismo que tenha aparecido na aula. (homem, 4º semestre)

[...]. Apareceu também em uma conversa com um professor que estava tentando se policiar para não ser machista e pediu a opinião das alunas para auxiliá-lo. (mulher, 8º semestre)

Não me recordo exatamente quando, nem em qual aula foi, lembro somente que a aula não tinha essa temática, mas acabou surgindo devido a um questionamento de um aluno e o professor falou brevemente. (mulher, 9º semestre)

Essa discussão não apareceu como tema central de alguma aula (que eu me lembre), no entanto tanto professoras quanto alunas(os) levantam essas questões no decorrer de algumas aulas. (mulher, 8º semestre)

Na disciplina de antropologia, até pela linha de pesquisa da professora ser nessas questões que abarcam a sexualidade e essa questão identitária do gênero, na verdade não ocorreu relacionada diretamente ao gênero, mas comentários dependendo do direcionamento da discussão pela multiplicidade do ser humano e de suas determinações, essa questão sobre o gênero foi trazida em questão. (mulher, 4º semestre)

Na visão dessas alunas, a temática de gênero apareceu quase que por acaso em sala de aula, frequentemente como consequência de alguma pergunta ou discussão que a tenha implicado. A questão foi trazida à tona ora pelas alunas, ora

pelos(as) professores(as). Um dos respondentes foi bastante específico, afirmando que o tema é raramente abordado no currículo oficial e ainda menos com o embasamento de algum referencial teórico. Assim como foi comentado anteriormente, estes relatos sugerem que o gênero está sendo trazido de fora para dentro da sala de aula ou mesmo para dentro do conteúdo curricular.

Bastante presente nos relatos foi a explicitação de que o tema esteve presente na formação por escolha de alunas em participar de atividades como seminários, trabalhos, pesquisas, disciplinas optativas e grupos de estudo, o que denota motivação pessoal ou grupal das estudantes no sentido de fazer alguma ponte entre o conteúdo ensinado e a temática de gênero. Essas alunas estariam, dessa forma, construindo ativamente sua formação profissional em vez de esperar que tudo provenha do curso, intercalando conhecimentos partilhados em outros espaços ao conteúdo curricular, matizando a graduação.

Na verdade, na aula de Desenvolvimento, mas por iniciativa de um grupo de alunos que escolheu este tema como proposta de apresentação de seminários. Desenvolvi um projeto para mulheres em situação de instabilidade na aula de Psicologia e Políticas Públicas e fiz uma iniciação científica cujo tema era a inserção de transexuais no mercado de trabalho. (mulher, 10º semestre)

Em supervisão, contando de casos em que a paciente era mulher, analisou-se o caso pela perspectiva de gênero. Em trabalhos de disciplina alguns tinham a temática de gênero, o que levou a comentários e discussões acerca do tema. (mulher, graduada)

Tive uma eletiva sobre gênero no terceiro ano e trabalhei com transexuais em um estágio, mas apenas porque corri atrás e por isso as discussões em sala de aula. (mulher, 10º semestre)

Grupos de alunos deveriam escolher um tema qualquer, desenvolver uma pesquisa e apresentar para a classe. Um grupo escolheu Gênero e foi muito bom. (mulher, 2º semestre).

Um grupo de estudo onde se discutia identidade de gênero na sociedade moderna e a Psicologia. (mulher, 9º semestre)

Foi interessante observar que algumas pessoas, além de atestar a presença ou não do tema e descrever quando e como foi, também explicitaram quando a abordagem foi ou não adequada de seu ponto de vista. Algumas avaliações se referem à forma como um tema foi abordado, outras ao preparo do(a) professor(a), outras expressam as consequências de ter aprendido ou debatido sobre um assunto,

o que também revela a riqueza e a diversidade da formação quando ela não é unívoca e restritiva. Abaixo, algumas respostas em que se emitiu algum tipo de juízo de valor:

Um tanto confusa, acho que os professores precisam aprofundar um pouco mais no assunto com as turmas. (mulher, 10º semestre)

Tranquila e esclarecedora. (mulher, 3º semestre)

(...) Por outro lado, me lembro também de disciplinas onde o tema foi, na minha opinião, inadequadamente abordado, utilizando supostas teorias psicológicas para ratificar as desigualdades de gênero historicamente construídas e naturalizar generalizações como “meninos gostam de carrinho e meninas de boneca”, “homens gostam de futebol e mulheres se importam mais com o amor”, etc. Para tal, vi sendo utilizadas desde etologia até uma leitura da teoria psicanalítica. (mulher, graduada)

Polêmico, porém muito bom. (mulher, 3º semestre)

Foi abordado dentro da disciplina de Desenvolvimento Humano, porém eu já fiz um trabalho de campo fora da faculdade com o tema e achei que o conteúdo dado na faculdade não foi tão claro, achei que a professora não estava preparada para diferenciar algumas informações importantes na definição de gênero. (homem, 8º semestre)

Extremamente interessante, ampliando nosso olhar com o objetivo de tentarmos mudar o olhar do outro em relação à identidade de gênero, quebrando o preconceito. (mulher, 8º semestre)

(...) houveram discussões em disciplinas teóricas do curso em grande parte por um viés superficial e até mesmo naturalizante de desigualdades e violência sofrida pelo público ao qual esse tema se refere. (mulher, 8º semestre)

Foi ruim. O professor usou muito [mais] a opinião dele para explicar do que fatos reais de gênero. (mulher, 3º semestre)

Bem interessante, falando sobre gravidez e pessoas de sexos diferentes. (mulher, 3º semestre)

4.3 APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS

Neste item será feita a apresentação do grupo de pessoas entrevistadas e a contextualização dele no cenário geral de profissionais da psicologia. Em seguida, será feita a apresentação das participantes por subgrupos, organizados por IES.

A tabela a seguir apresenta de forma resumida as vinte entrevistadas, com seus nomes fictícios. Tabelas com informações mais detalhadas sobre as participantes estão disponíveis nos apêndices III, IV e V.

Tabela 2 – Entrevistadas por IES e período

IES	Período	8º semestre	10 semestre	Recém-formadas
Privada de rede internacional		Catarina		Maria Gabriela, Jéssica e Kátia
Privada familiar			Cristina	Iraci, Robson, Patrícia e Marta
Privada filantrópica		Ana Lia, Ludmila	Ana Clara	
Pública da capital		Ângelo	Débora, Keila, Tatiana	Diane
Pública do interior				Elisangela, Maurício e Maíra

Nove entre essas pessoas cursavam os últimos semestres de graduação, sendo quatro o oitavo semestre e cinco o décimo. As outras onze participantes haviam se formado recentemente, sendo que Diane ainda cursava matérias para concluir a licenciatura, contudo já havia obtido o diploma em “Formação de Psicólogo”. Todas as recém-formadas haviam concluído a graduação até um ano antes da entrevista.

Três entrevistados são homens e 17 mulheres, o que guarda proporções parecidas quanto ao número de profissionais da psicologia do estado de São Paulo distribuídos por sexo (CRP, 2019). As idades variam de 21 a 58 anos; Iraci é a mais velha e a mais jovem é Ana Lia. São sete pessoas na faixa de 20 a 29 anos, duas de 30 a 39 anos, 1 de 40 a 49 anos e duas de 50 a 59 anos. Segundo Lhullier e Joslindo (2013), no Brasil o percentual de profissionais de psicologia com até 29 anos (17%) é mais que o dobro das que têm mais de 60 anos (6%). Porém, a maior concentração se dá na faixa etária de 30 a 59 anos (76%) e, sendo assim, pode-se dizer que as participantes deste estudo são em média mais jovens que as da pesquisa mencionada, o que era esperado por se tratar de estudantes e recém-formadas. Catorze pessoas compõem o grupo de brancos, três pessoas o de negros (Kátia se classificou como negra, Jéssica e Marta como pardas) e três pessoas o grupo de amarelas (Diane, Keila e Tatiana, todas da IES pública da capital, tinham ascendência oriental). Além

de mais jovem, esta amostra tem também mais orientais e menos negros que as médias nacionais (LHULLIER; JOSLINDO, 2013)²⁰.

4.3.1 Cristina, Iraci, Marta, Patrícia e Robson – instituição privada familiar

Três das cinco entrevistadas da IES privada familiar (Patrícia, Iraci e Robson) eram da mesma sala e bastante próximas. Robson foi indicado para ser entrevistado tanto pela professora da IES, que me ajudou sugerindo possíveis participantes, quanto pela colega Patrícia, após eu a ter entrevistado, ou seja, foi um participante duplamente recomendado.

O comportamento de Robson durante as aulas e supervisões foi comentado por Patrícia, Marta e Iraci nas entrevistas, que ressaltaram a postura conservadora e, por vezes, machista que ele costumava assumir em discussões, o que aparecia associado ao fato de ser militar. Não ficou claro se Marta também era da mesma sala ou se apenas fizeram estágio juntos. Alguns comentários evidenciam uma transformação nas atitudes de Robson ao longo do curso, conforme explicitam os trechos abaixo:

Iraci: (...) Ele falou que nunca atenderia um homossexual, ele é psicólogo; ele falou: “Não, imagina, eu não consigo aceitar. Então, eu não consigo atender”.

Entrevistadora: Como é que era a relação em sala de aula? Porque ele foi da sua turma, não é?

Iraci: Sim, ele é da minha turma. Não tinha problema não, porque a gente batia muito de frente, mas tudo na brincadeira, sabe?

Entrevistadora: Sim.

Iraci: Não tinha problema. Mas tinha, eu acho que seis pessoas homossexuais na minha sala, a conversa era normal, não tinha problemas. Mas ele tinha sempre um pé atrás.

Entrevistadora: Mas vocês questionavam ele?

Iraci: Oxe!

Entrevistadora: É?

Iraci: Todo dia.

Patrícia: (...)eu acho questão de ser uma ciência que é mais humana [a psicologia], que é mais compreensiva; eu acho que é tudo, nesse sentido. E aí a gente discutia... até tive vários amigos, assim, que chegaram com um pensamento, saíram com outro.

Entrevistadora: Ah, é?

Patrícia: Que eram muito homofóbicos, e que saíram, nossa, com a cabeça muito aberta.

²⁰ Na pesquisa nacional de Lhullier e Joslindo (2013), as porcentagens obtidas em relação a cor/raça no ano de 2013 foram: 67% brancas, 25% pardas, 3% pretas, 3% amarelas, 1% indígena e 1% não soube dizer.

Entrevistadora: Aí, então, conta um pouco, como foi isso.

Patrícia: Eu tenho um amigo, que ele é militar.

Entrevistadora: Ahn.

Patrícia: Ele é da Aeronáutica, ele é aposentado; então, ele era muito homofóbico, no começo; muito, assim, de ser muito; e aí eu brigava com ele, e tal. E agora a gente estava num congresso, ele estava conversando com as pessoas numa boa, estava até brincando, sabe? Então, ele falou: “Foi diferente, eu começar a conviver, eu começar a ver as pessoas, começar a pensar”; porque, às vezes, quando você está de fora, muita gente pensa como doença, como algo que você vai conversar e vai ser transmitido para você. Então, eu achei... é muito importante a pessoa conviver, conhecer, ver o lado; ver que aquilo não é: Ah, é sem vergonhice. Sabe, não é isso...

Marta: (...) no meu estágio de sexualidade tinha um homem, ele era ex-militar; e assim, agora eu descobri que ele é *bolsominior*²¹.

Entrevistadora: Ah.

Marta: E aí ele estava no curso, com a gente, de Sexualidade Feminina, super machista; então, meio que foi difícil para ele...

Entrevistadora: Ele fez o estágio?

Marta: Fez. Para ele, ele diz que conseguiu ter um novo olhar, né, naquela época. Não que eu estou vendo agora nas redes sociais dele; mas diz ele que sim. Então, a gente sempre falava umas coisas, ficava: “Ai, o Robson não vai entender isso”; até fazia um *bullyingzinho*, sabe, com ele. Imagina, a diferença.

Robson, por sua vez, ao iniciar a entrevista se posiciona ressaltando a importância de a psicologia dialogar com as questões de gênero, percepção que foi aparentemente catalisada por situações profissionais com as quais teve que lidar depois de formado:

Entrevistadora: (...) é só mais saber um pouco da sua visão, e tal. Então, a primeira pergunta, é: Se você acha que esse é um tema [gênero] relevante para Psicologia?

Robson: Com certeza, claramente.

Entrevistadora: Por quê?

Robson: Porque, eu, por exemplo, me graduei, esse ano.

Entrevistadora: Uhn.

Robson: Até agora, eu acho que eu tive treze pacientes.

Entrevistadora: Uhn.

Robson: Dos treze, três me trouxeram essa temática. Então, assim, é algo que está muito presente na sociedade, a Psicologia tem que lidar com isso, não pode fugir desse papel; e eu acho que é relevante, sim. A psicologia precisa se envolver com essas questões de gênero, estudar, responder. Eu mesmo, venho de uma formação muito... por eu ter 54 anos, não é, e sou militar; então, eu venho de uma formação muito machista; às vezes, eu me pego numas visões machistas. A graduação me ajudou muito a amenizar essa visão; mas eu tenho

²¹ “Bolsominion” é uma forma irônica de se referir aos eleitores do atual presidente Jair Bolsonaro, em geral utilizada por quem tem críticas negativas a ele e a seus eleitores.

muitas coisas que ainda são arraigadas; a gente vai mudando conforme dá. Então, eu acho, assim, é muito importante a psicologia se envolver e tratar disso; senão, para mim, ela perde a função, porque como é que a gente vai atender as pessoas, e algo que, para a psicologia, sei lá, seja tabu.

Entrevistadora: Aham.

Robson: Não dá.

Robson pode ter assumido diante de mim um discurso moderado ao expor suas visões machistas, como ele mesmo nomeia, justamente por saber qual era o assunto motivador da entrevista. Quando finalizei, perguntando se havia algo que ele gostaria de dizer, mas que eu não tivesse perguntado, ele disse que havia algo com que era resistente, a “ideologia de gênero”. Favorável à emergência da discussão de gênero na ciência e na definição de identidades e orientações sexuais, disse “ter um pé atrás” com a associação de uma ideologia a essa concepção. Eu perguntei se ele gostaria de ler algo sobre esse tema e, como a resposta foi positiva, enviei posteriormente artigos para leitura.

Cristina, a quinta participante, não tinha qualquer relação com as demais entrevistadas dessa instituição. Ela é também a única dessa IES que cursava o decimo semestre, as demais haviam concluído a graduação há aproximadamente seis meses. Ela relata suas dificuldades até encontrar um modo de conciliar sua religiosidade (católica) com a abertura que julgava necessária para ser uma psicóloga. De forma semelhante a Robson, a formação em psicologia pareceu impactar sua visão de mundo.

Cristina: No começo, nas primeiras aulas, assim, que eu tive, houve um pouco de conflito, não é; mas eu acho que eu consegui separar bem, porque eu coloquei na minha cabeça, pela quantidade... os meus primeiros professores serem ateus, e eles, às vezes, eles queriam trazer essa discussão sobre a religião; então, assim, eu comecei a falar: Se eu colocar o meu ponto de vista sobre a religião aqui dentro da sala, vai ser uma discussão que não vai levar a nada, e que sempre vai ficar nisso, porque o professor vai falar dele, eu vou falar o meu ponto, e ninguém vai entrar em um acordo, sempre vai ficar num debate, até que um vença, não é. Então, eu falei, assim: Dentro da sala, eu sou ateu; fora da sala, eu volto a ser a Cristina. Então, assim, eu, eu consegui conciliar isso.

Além de Cristina, Robson é católico. Iraci não tem religião, Marta é agnóstica e Paula kardecista. Robson tem outra formação, como militar da força aérea, por onde se aposentou. O impacto dessa formação militar em sua visão de mundo fica evidente em sua entrevista, sendo o próprio a justificar assim seus modos de pensar.

Depois de Iraci, Robson é o segundo mais velho entre os vinte participantes, com 54 anos de idade. Com exceção de Marta, que se classificou como parda, as demais se classificaram como brancas. Iraci é a única que não nasceu na capital, mas sim no interior do estado de São Paulo. Cristina é a única solteira e vive com a mãe e as primas. Ela e Marta não têm filhos, as demais, sim. Quando perguntadas sobre a participação em algum movimento social, Robson fala que participa da Pastoral da Igreja Católica e Marta diz que apesar de não participar de grupos ou coletivos, considera-se feminista.

Os pais dessas participantes são os de mais baixa escolaridade entre as vinte entrevistadas, o grau mais alto é Ensino Médio e muitos não concluíram o Ensino Fundamental, o que é notório para se entender a provável importância contida numa formação universitária para essas entrevistadas.

À exceção de Cristina, que vive da renda de familiares, todas exercem alguma atividade remunerada, o que pode estar relacionado ao fato de quase todas já serem formadas. Robson atende em clínica e recebe aposentadoria de militar. Patrícia também atende em clínica. Iraci dá aulas de pintura, atende em clínica e coordena um grupo de ajuda mútua para familiares de dependentes químicos, atividade que exerce há 13 anos. Marta recebe bolsa de estudos para Aprimoramento em neuropsicologia, que realiza num hospital.

4.3.2 Catarina, Jéssica, Kátia e Maria Gabriela – instituição privada de rede internacional

Maria Gabriela e Kátia são colegas de turma, a primeira se voluntariou para a entrevista e indicou a segunda. Kátia tem outra graduação, em História, e é funcionária pública. Entrevistei-a em um metrô, em seu horário de almoço, muito rapidamente se comparada às demais entrevistas. Com 31 anos de idade, Kátia é do litoral e vive na capital há oito anos.

Maria Gabriela e Catarina, com 28 e 22 anos respectivamente, foram entrevistadas na mesma cantina. Maria Gabriela trabalha semanalmente em um projeto social atendendo principalmente mulheres, e é Acompanhante Terapêutica (AT). Catarina vive de sua renda e da da mãe, faz pães de mel para vender e trabalha eventualmente, às noites, em um bar. Jéssica depende da renda de seu companheiro, da ajuda de familiares, e acompanha um idoso numa clínica de repouso (*home care*).

Dessa IES, ela é a única que tem uma filha. Catarina é a única que não vive com companheira(o), mas com sua mãe. Apesar de não eleger uma religião, ela se diz espiritualizada e acreditar em várias coisas, as demais não têm religião.

Parte dos pais e mães das participantes deste grupo concluiu o ensino médio e parte não chegou a concluir o ensino fundamental. Todavia, o pai de Maria Gabriela tem curso superior e a mãe de Catarina tem pós-graduação.

Quando perguntadas sobre a participação em movimentos sociais, Catarina se diz feminista e a despeito de não estar vinculada a um grupo específico apoia protestos que julga pertinentes. Maria Gabriela se refere ao trabalho que realiza no projeto social como o movimento do qual faz parte. Jéssica diz que participa do movimento “Ele Não²²” e Kátia não participa.

Catarina foi a participante da entrevista piloto. Ela se vê como uma provocadora de conflitos em sala de aula, pois faz perguntas sobre temas que considera sensíveis, como gênero e raça. Crê que esse seu comportamento incomoda as colegas, tanto quanto as colegas a incomodam.

Catarina: Olha, na minha sala, eu tenho uma faminha (sic) de problematizadora; então, às vezes, é mais difícil de ser levada a sério, sabe; porque: Ah, é esperado que essa pessoa faça esse tipo de comentário. Claro, que, muitas vezes, a gente promove a discussão; só que, geralmente, não são assuntos feministas, machistas, sabe; tipo, essa polaridade; são mais sobre coisas que não... sabe, que não gerem tanta, “ahhhh”.

Entrevistadora: Polêmica?

Catarina: Isso. Exatamente.

Entrevistadora: Aham.

Catarina: A minha sala não sabe lidar com polêmica; então...

Entrevistadora: Ah, não?

Catarina: Não. Não se pode falar de maconha, não se pode falar de feminismo, não pode se falar de homossexualidade, não se pode falar de raça, por exemplo. Tudo vira um atrito imenso, e: Ai, meu Deus. Sabe, eu me irrito muito.

Catarina fala a partir de situações concretas de sala de aula, mas não posso afirmar que a vi como causadora de conflitos quando fomos professora e aluna. Maria Gabriela, por sua vez, parecia ser do grupo que não é muito apoiador do tipo de conflito que Catarina afirma provocar:

²² Os protestos contra a eleição do atual presidente Jair Bolsonaro durante o período eleitoral ficaram conhecidos como “Ele Não”, grito entoado pelas(os) manifestantes.

Maria Gabriela: (...) porque eu estou certo e você está errado; virou aquela briga.

Entrevistadora: Ah, teve isso, então.

Maria Gabriela: Teve, também. Não sei se era a sala, em questão; porque aquela sala também era bem conflituosa. Eu assumo que eu fiquei quieta, porque eu detesto falar em público, então...

Entrevistadora: Não tomou partido nenhum na discussão.

Maria Gabriela: Não, eu só ficava pensando, falando: Não, não é possível isso; mas eu acabei não tomando partido.

Jéssica está fazendo um curso de extensão num hospital público sobre gênero e sexualidade. Ela e Kátia, assim como Robson da IES familiar, mencionaram a expressão “ideologia de gênero”, porém em sentido diferente. Elas não entendem se tratar de ideologia, invalidam sua concepção e problematizam sua utilização. Como foi comentado no item anterior, Robson valida a expressão, apenas não entende o sentido da palavra “ideologia”. Kátia sentiu um choque ao terminar a graduação devido à realidade política no ano de 2018, ano de eleições presidenciais e de polarização entre partidos e ideólogos de esquerda e de direita.

4.3.3 Ana Clara, Ana Lia e Ludmila – instituição privada filantrópica

Ana Clara e Ana Lia – duas das três mulheres brancas, solteiras e sem filhos entrevistadas dessa IES – têm, além dessas, outras características em comum, como idades próximas (22 e 21 anos) e pais com ensino superior e pós-graduação, com quem vivem, junto a seus irmãos.

Ludmila, com 47 anos, logo nas primeiras perguntas da entrevista conta a mim sua trajetória de vida, como alguém ávida por falar de si. Contou em detalhes sobre um problema que teve no coração que só foi resolvido graças à ajuda dos médicos. Ao contar suas histórias demarcou as dificuldades pelas quais passaram, ela, sua mãe e família, desde a saída do interior de Minas Gerais até se estabelecerem em São Paulo, capital. Relatou também os percalços de sua alfabetização, que foi tardia (aos 17 anos cursava a 7ª série do ensino fundamental) e uma série de violências verbais que sofreu na escola (foi chamada de burra, por exemplo). Em alguns momentos, sinto certo exagero nas histórias ou um tom fantasioso, até mesmo quando relata seu cotidiano acadêmico. A entrevista foi a mais longa de todas. Ela trabalha junto à coordenação de uma escola, além de fazer bolo e pão de mel para vender. Mora num

terreno que compartilha com os irmãos e é voluntária da Pastoral da Igreja Católica (tal qual Robson).

Ludmila e Ana Lia teceram elogios ao curso de psicologia da IES filantrópica (coisa que não foi feita por mais ninguém de forma tão explícita ao falarem de seus cursos de formação). É ressaltado por Ana Lia a capacidade em promover uma formação crítica e que ensina a pensar, bem como o desempenho de suas professoras e professores. Ela participa de diversos grupos e coletivos da IES voltados a causas feministas, raciais e LGBTQI+, e frequenta palestras que abordam essa temática. Ludmila, além dos aspectos de sala de aula, resalta o apoio que recebeu das colegas e das(os) docentes para concluir os trabalhos solicitados, sem o qual não teria alcançado este estágio da formação.

Ana Clara é mais comedida nos elogios ao curso e bem mais sucinta em suas respostas, o que talvez tenha sido influência do local da entrevista, na entrada da IES, em horário de movimento.

Ana Lia e Ana Clara expressam desconforto com discussões acaloradas que ocorrem em sala de aula, muitas delas ocorridas quando a temática em questão era de gênero. Ambas compreendem as razões que levam colegas feministas – das quais ela fala como um grupo distanciado dela, apesar de também participar de coletivos – a defender seus pontos de vista em sala de aula, porém criticam a forma agressiva com que em geral essa defesa é feita. neste ponto, parecem ter a mesma postura de Maria Gabriela e Kátia, da IES de rede internacional. Os trechos abaixo são exemplos disso:

Ana Lia: ...eu não sei direito, é... porque que elas se sentem assim. Nesse núcleo²³, que a gente está tendo; em geral, segunda-feira, a gente tem, ou palestra, ou um debate em sala; em geral, é bem essa estrutura. E tem algumas meninas que são LGBT, ou negras, e/ou negras, que elas sempre tentam puxar o debate com a sala; e eu acho que tem uma questão de... de violência, também, e agressividade; que, em geral, a gente agride, quando a gente se sente agredida, não é. Então, quando começa esse tipo de debate, em geral, elas já estão muito mexidas, e elas estão muito explosivas, assim; e as pessoas ficam com um pouco de receio de falar, de perguntar, porque têm... têm medo da reação; e eu vejo que elas estão muito envolvidas com aquilo.

²³ De acordo com a própria entrevistada, no quinto semestre algumas disciplinas são oferecidas em conjunto, segundo afinidade a uma grande temática comum, por exemplo, fenomenologia ou corpo. A esse grupo de disciplinas chamam Núcleo.

(...) E eu acho que eu sou mais tímida, assim, eu não falo tanto nos debates da sala; mas, nesse momento, eu vi que tinham vários posicionamentos, porque eu me sentia visibilizada e respeitada, e não silenciada pela turma; e eu... e eu penso um pouco diferente, porque eu não sinto a necessidade da sala inteira estar engajada com o assunto, para estar prestando atenção, para estar lá...

Ana Clara: Foram poucas vezes que eu participei de alguma discussão dentro de sala de aula. E uma... inclusive, esse semestre mesmo, eu faço um núcleo e a gente estava estudando um pouco de Gênero...

(...) E surgiu esse tema, e gerou um debate muito grande, porque a gente estava estudando os ritos de passagem em outras sociedades, assim; e aí surgiu esse tema do Gênero. Mas ainda é muito difícil, porque dentro da sala de aula tem pessoas que têm visões totalmente diferentes; então, eu lembro que tinha um menino que começou a falar algumas coisas sobre feminismo, e aí outras meninas ficaram totalmente revoltadas, e aí... e, mesmo assim, não é, mesmo pessoas da mesma idade têm visões totalmente diferentes, e às vezes as pessoas não conseguem ouvir muito bem; assim, gera uma... uma discussão mesmo.

4.3.4 Elisangela, Maíra e Maurício – instituição pública do interior

As três participantes da IES pública do interior foram entrevistadas em São Paulo. Maíra e Maurício haviam sido supervisionadas pelo mesmo professor de psicanálise, que mediante um pedido meu divulgou esta pesquisa a seus grupos. Elisangela foi indicada por Maurício. Elisangela e Maíra, com 23 e 24 anos, vivem na capital com suas famílias e Maurício, 24 anos, com amigos. São brancos, solteiros e sem filhos. Também não têm religião. As três são oriundas de diferentes cidades do interior paulista (cidades diferentes da que abrigava a IES) e a entrevista deixou evidente que contavam com ajuda de familiares para se manter, dar início à carreira profissional e se envolver em projetos com pouco retorno financeiro imediato, mas com boas oportunidades de aprendizado na capital.

As rendas familiares declaradas por Maíra e Elisangela foram altas em relação ao total de entrevistadas, acima de oito mil e acima de dez mil reais, respectivamente (Maurício não declarou renda familiar). Os três pais têm formação superior, uma das mães possui mestrado e as outras duas, que são donas de casa, ensino médio completo.

Maurício e Elisangela fizeram estágio na mesma área no último ano do curso, em sexualidade e educação. Ambos estavam atendendo em consultório, ela como parte de um coletivo de psicanalistas feministas, voltado ao atendimento de mulheres

a um baixo custo. Ele tentava ingressar em um projeto de atendimento a pessoas transexuais de um hospital. Maíra queria trabalhar com clínica e seguir carreira acadêmica, na época ela se preparava para tentar ingressar no mestrado pesquisando psicanálise e arte (ela havia iniciado um curso de design antes da psicologia, mas não concluiu).

Quando perguntadas sobre participação em algum movimento social ou coletivo, Elisângela indica o próprio coletivo onde clinicava, Maíra responde negativamente, acrescentando que foi apenas uma vez a uma reunião de um grupo feminista, e Maurício se declara “defensor das causas da educação sexual”, apesar de não integrar um grupo ou coletivo.

Uma professora que lecionou para as três participantes, psicanalista, foi mencionada por elas nas entrevistas e considerada responsável por conduzir discussões mais aprofundadas em sala de aula e em supervisão sobre gênero. Ela coordenava um projeto de extensão universitária de atendimento a pessoas transexuais na clínica escola da IES, projeto que Maurício integrou. Esse trabalho também estava associado a uma pesquisa de iniciação científica realizada pelo então estudante. Outra professora, de antropologia, também foi mencionada pelas entrevistadas por abordar questões de gênero em suas aulas. Esta professora, assim como a de psicanálise, pesquisam e publicam sobre a temática de gênero.

4.3.5 Ângelo, Débora, Diane, Keila e Tatiana – instituição pública da capital

As entrevistadas da IES pública da capital tinham características semelhantes, tornando esse grupo mais homogêneo internamente, como na IES pública do interior. As idades estão entre 22 e 25 anos, todas vivem com os familiares, exceto Ângelo, que vive com amigos. Todas são solteiras e sem filhos, todas nasceram na capital menos Diane, vinda do interior paulista. Quanto à religião, Diane se diz sincrética, Débora judaica e as demais não têm religião. Todas as mães e pais dessas participantes têm formação superior.

Todas nesse grupo contavam com ajuda financeira da família. As rendas familiares declaradas regulam com as das participantes da IES pública do interior (de 8 mil a mais de 10 mil reais), isto é, no universo deste estudo, são altas. Além do apoio financeiro da família, algumas tinham outra fonte de renda: Ângelo recebia uma bolsa de iniciação científica e Diane atendia em clínica e coordenava um grupo de

discussões políticas. Keila estava prestes a iniciar um estágio remunerado e disse estar “desesperada” para começar, referindo-se ao tempo que passou procurando trabalho.

Chegar às entrevistadas desse grupo demandou apoio de algumas pessoas, que se mobilizaram para convidar suas alunas e orientandas a participarem da pesquisa. Tatiana e Keila foram indicadas por uma supervisora de estágio da IES, Diane por uma professora e Ângelo por um colega que tínhamos em comum. O *link* do questionário foi inicialmente compartilhado por uma integrante do coletivo feminista do curso de psicologia com suas colegas e, entre as respondentes, uma das únicas que deixaram seu contato para conceder a entrevista foi Débora.

Entre as entrevistadas dessa IES, duas pessoas se declararam brancas (Ângelo e Débora) e as outras 3, amarelas (Diane, Keila e Tatiana). Segundo dados do anuário desta IES para o ano de 2018, apenas 6,86% do total de ingressantes matriculados se declararam amarelos, na frente somente de matriculados autodeclarados pretos (3,45%) e indígenas (0,13%). A origem oriental foi ressaltada na entrevista por Tatiana, que investigou os orientais como etnia num grupo de pesquisa em relações étnico-raciais durante a graduação. Quem também resgatou essa origem é Diane, referindo-se à própria família e às tradições japonesas quando recordou as primeiras vezes em que pensou nas desigualdades de gênero no cotidiano.

Uma característica que atravessa a fala dessas entrevistadas é a existência de um coletivo feminista composto por alunas e ex alunas do curso de psicologia desta IES – entre outros grupos e organizações estudantis – presente e atuante desde 2014, data que coincide com o ano de ingresso de algumas das entrevistadas no curso de psicologia. Pode ter sido isto que levou essas participantes a se referirem com mais frequência que nos grupos das outras IES às ações desse tipo de coletivo ao repensar a abordagem da temática de gênero em sua formação. Vale ressaltar que o coletivo opera desde então, já a partir do ingresso das calouras, no ritual conhecido como “trote”, conduzindo atividades de integração, reflexão e informação sobre respeito, direitos e segurança para mulheres no campus, entre outros assuntos.

4.4 AS CONCEPÇÕES DE GÊNERO QUE SE PÔDE IDENTIFICAR

Aqui serão discutidas as concepções de gênero abstraídas das falas das entrevistadas. O mapeamento dessas concepções é importante e antecede a discussão dos demais dados, pois revela certas tendências na compreensão do grupo sobre o assunto.

As entrevistas deixaram transparecer uma preponderância no tipo de concepção das estudantes e recém-formadas dos cursos de psicologia em questão. O que pôde ser apreendido mostra a noção de gênero, embora com nuances distintas, diretamente vinculada a uma característica da identidade dos indivíduos, em detrimento das dimensões estrutural e simbólica desse conceito que, apesar de presentes, foram menos constantes. Como resume a entrevistada Ana Clara, gênero “é o que você é”.

Essa ideia, que se convencionou a chamar de identidade de gênero, consta de uma nota informativa elaborada e divulgada pela Organizações das Nações Unidas no Brasil (ONU Brasil) (2017, n/p): “A identidade de gênero se refere à experiência de uma pessoa com o seu próprio gênero. Pessoas transgênero possuem uma identidade de gênero que é diferente do sexo que lhes foi designado no momento de seu nascimento”. Presente em textos científicos ou não, compartilhados pela população em geral, essa ideia parece difundida entre as participantes e às vezes se confunde ou é apresentada como sinônimo do que se conhece por orientação sexual, relativa ao desejo afetivo-sexual.

Foi possível notar que houve cuidado das entrevistadas com o linguajar utilizado para se referir às questões de gênero e elas buscaram adotar termos, expressões e conceitos considerados corretos, tal qual as recomendadas em manuais de comunicação como o elaborado por Jesus (2012) ou o organizado por Reis (2018)²⁴. Tais termos e expressões são frequentemente cunhados e defendidos dentro da militância LGBTQIA+ e feminista.

Às vezes, as entrevistadas demonstravam insegurança a respeito da adequação de um determinado termo ou conceito, dirigindo a mim um olhar que buscava aprovação ou confirmação. Isto revela que poderiam estar considerando o julgamento que eu pudesse fazer de suas falas ou, simplesmente, que estavam

²⁴ Vale salientar que nesses dois manuais é mantida a dicotomia já questionada neste trabalho, de que o sexo equivaleria ao que é biológico e o gênero ao que é cultural.

organizando suas ideias enquanto me falavam delas. Um bom exemplo disso é identificado no excerto abaixo, extraído da entrevista de Ana Clara:

Ana Clara: Eu lembro que no começo eu tinha muita dificuldade de entender a diferença de gênero... orientação sexual e gênero. Não. Gênero, orientação sexual... eu até esqueci o outro nome, agora; e eu me confundia muito. E aí eu fui até nessa palestra, que era com transexuais, e eles explicando: “eu só nasci num corpo de homem, me sinto mulher. E faço cirurgia”. Se eu me atrair por mulher, eu vou ser uma lésbica, e não um... Né? E aí isso me deu uma trava na cabeça, eu falei assim: Nossa, mas é verdade, porque se você se identifica com uma coisa, então se você é do mesmo gênero que é a outra pessoa, então você... Né? É muito confuso, ainda me perco um pouco, nessas situações.

4.4.1 Papéis e performance

Tal característica, reconhecida como um traço de identidade, – o gênero da pessoa – é explicada de formas diversas. Maíra fala de papéis e aponta que é uma característica ligada à ideia de masculinidade e feminilidade que remete quase a uma essência.

Entrevistadora: E o que é gênero? Gênero se refere, principalmente, a quê, para você? Você falou um pouco dos papéis lá no começo. É isso?

Maíra: Eu vejo mais como uma questão de papéis, mas eu acho que não é só isso, eu acho que tem algo a mais que... que eu não sei dizer o que é, mas que tem... é, quando você fala papel, parece que é uma coisa muito performática, assim. E eu não acho que seja só uma performance, eu acho que tem algo de um eu ali, que vai além do que é mostrado. Mas isso é completamente sem... isso é uma coisa, é achismo mesmo, assim, que parece para mim.

Maíra menciona os papéis masculino e feminino no início de sua entrevista e depois, neste trecho, explica que recorreu a essa ideia em contraposição à noção de que gênero seria apenas uma performance, termo que remete ao conceito trabalhado por Butler (2003). Para a entrevistada, atribuir gênero apenas à performance parece torná-la uma característica superficial da identidade dos indivíduos, porém, para ela seria uma característica de marca mais perene ou essencial, “um eu que vai além do que é mostrado”.

É possível que Maíra e Maurício tenham tido acesso a autoras e conceitos similares ao longo do curso, pois estudaram na mesma IES. Assim como Maíra, Maurício também recorre à noção de performance ao falar sobre gênero:

Maurício: (...) Eu acho que Gênero diz respeito a nossa própria formação, enquanto ser social, estamos numa sociedade, que, o tempo todo, escala a gente, enquanto algum gênero, como se a gente já tivesse nascido com o gênero, mas eu acho que sou bem Butler, assim, de que Gênero, na verdade, é uma performance, a gente atua em relação ao que as pessoas veem, enquanto um gênero. Então, Gênero, na verdade, ele é formado, ele é um ato performativo, diferente do sexo; a gente costuma explicar muito essa diferença entre sexo biológico e gênero, não é a mesma coisa, não é o que você nasceu, gênero você forma em si, é uma identidade, “eu me sinto com esse gênero”. Acho que o conceito diz respeito a isso, assim, para mim, de formar-se dentro daquele gênero, em consonância ou não, com aquele sexo biológico, nem por isso é um problema, mas o gênero... é uma reflexão interna que todo mundo deveria fazer: Qual é o meu papel dentro desse gênero que eu me identifico, então? É questão de identidade mesmo.

Para Maurício a noção de performance é o que permite conceber o gênero como uma característica que se forma em relação a expectativas, uma atuação em relação aos outros e aos padrões que para ele não se distingue de um papel a ser desempenhado, independentemente do sexo biológico com o qual se nasce. Uma característica sobre a qual se pode refletir, que se pode sentir. É interessante o entrevistado não seguir com Butler (2003) e tomar o sexo como algo definido ao nascimento, sem submeter o sexo à mesma possibilidade de construção e reflexão como ocorreria com o gênero.

Maria Gabriela também mencionou a separação entre sexo e gênero, associando o sexo à biologia e o gênero aos papéis masculino e feminino. Ela afirma que gênero se “refere a identificação da pessoa, ao feminino, ao masculino. (...) é além do biológico”.

Uma outra compreensão da noção de papéis sexuais é oferecida por Catarina. Segue o trecho de sua entrevista em que ela explica quais itens assinalou no questionário na questão “Para você gênero se refere principalmente a:” (essa é uma das participantes que respondeu o questionário e também concedeu entrevista):

Catarina: Eu não marquei Papéis Sexuais, porque aí mistura uma coisa na outra. E marquei Questões de Identidade, porque o gênero é essa identidade. Marquei Mulheres Negras, porque são mulheres, que ainda envolvem raça; então, pior a situação. Desigualdade, por tudo aquilo que a gente já falou sobre hierarquia do gênero, eu não sei se a gente abordou isso. E a Violência, porque é meio óbvio, que se você não tiver o gênero, que tenha sido desenvolvido pela biologia de homem, você, né...se fodeu.

Entrevistadora: O papel sexual, você falou que mistura, porque mistura uma ideia de papel com a sexualidade, é isso?

Catarina: Sim. Sim, porque se você fala em papel sexual, você não fala do gênero, e aí você confunde de novo a questão de gênero e sexualidade. Foi por isso que eu não marquei.

A compreensão a que chegamos de forma conjunta, a entrevistada e eu, para suas respostas traz a mesma noção da fixidez do sexo identificada anteriormente. Para Catarina, se o gênero de alguém não foi desenvolvido sobre uma “biologia de homem”, esse alguém está em desvantagem, mais propenso a sofrer violência. Essa é sua forma de conceber os privilégios de que desfrutam os homens na sociedade, onde as relações de poder são desiguais, o que ela chama de “hierarquia de gênero”. Minha intervenção na tentativa de entender por que ela descartou a ideia de papéis sexuais teve origem em outro trecho da entrevista, em que ela mencionara que colegas de sala confundiam a noção de sexualidade com a de gênero. Aparentemente, para Catarina o papel sexual está ligado às funções sexuais reprodutivas dos seres humanos, que ela distingue do gênero, relacionado por ela à identidade.

Além desses aspectos, Catarina é uma das poucas pessoas que na questão sobre gênero do questionário assinalaram a opção “mulheres negras”. Ao explicar sua resposta, Catarina expõe que considera as mulheres negras em pior situação que as demais mulheres devido à associação de sua condição de gênero à condição racial da negritude, o que em alguma medida demonstra um pensamento interseccional. Em outros momentos, Catarina se mostra bastante descontente com a falta de receptividade de suas colegas de sala quando alguma temática racial, entre outras, entrou em pauta:

Catarina: Não. Não se pode falar de maconha, não se pode falar de feminismo, não se pode falar de homossexualidade, não se pode falar de raça, por exemplo. Tudo vira um atrito imenso, e: Ai, meu Deus. Sabe, eu me irrito muito.

Entrevistadora: Você gostaria que tivesse mais?

Catarina: Sim, porque é o mundo, é a sociedade, você não vive aqui no seu mundinho; o mundo aqui fora, ali fora tem gente fumando maconha agora, e você não vai olhar para isso? Seja como um sintoma ou não, você não vai olhar? Tipo: “Ah, não. Não existe a droga”. É isso. Você não vai olhar, que até agora a gente teve um professor negro, e: “Ah, não. É porque, coitado, não teve Ensino Básico”. E daí? Sabe, não é falado. E isso, acredito eu, contribuiria bastante para a pessoa, até na clínica mesmo, se é [psicologia] clínica o que ela quer, porque é algo além do repertório da faculdade, que

poderia ser discutido e ampliado, porque só pode ser racismo; e aí você não vai falar, porque você é branco, porque você nunca pensou sobre. Não, porque se estuda e fala. Eu fui na Semana de Psico²⁵, eu fui na palestra que falava sobre o genocídio da...

Entrevistadora: Da juventude negra?

Catarina: Da juventude negra. Isso. E aí ela falava, que chegou uma pessoa no consultório dela, que passou pelo racismo, e queria abrir isso, e a psicóloga anterior falou que racismo não existe hoje. É uma pessoa que nem teve contato com isso, o mínimo, na faculdade.

Entrevistadora: Você acredita que a faculdade teria o poder, ou obrigação, de colocar esses temas em discussão?

Catarina: Eu acho que teria a obrigação, porque nem todo mundo se dá o direito de pensar algo além do que foi criado para pensar, sabe; como você lida com questões políticas, porque psicologia também é política, você poderia pensar sobre várias questões, porque você só tem o Freud; quando você tem um que te faz pensar um pouco mais do que é isso, é duas aulas, por semana, em quatro meses; sendo que Lacan, são quatro aulas; o comportamental, sei lá, dois, três semestres.

Fica evidente seu desconforto com a distribuição dos conteúdos trabalhados ao longo do curso, muito focado em autores e teorias e pouco dedicado a questões que, em sua visão, farão parte da rotina profissional de uma psicóloga, como problemas ou sofrimentos decorrentes do uso de drogas e do racismo, a título de exemplo. Para a entrevistada, os conteúdos priorizados no currículo e/ou nos planos de aula das(os) professoras(es) se apresentam como concorrentes desses outros assuntos, sobre os quais ela buscou conhecimento indo a uma palestra na semana de psicologia da IES.

Vale comentar mais um ponto que, apesar de não ser foco deste trabalho, foi destacado pela entrevistada, que é a presença conturbada da temática racial na formação de psicólogas, encontrando ainda menos espaço que a temática de gênero. Isto foi demonstrado pelo estudo de Silva e Schucman (2015) que entrevistaram e conduziram grupos focais com estudantes de psicologia e verificaram que é tímida a abordagem desse tema nas disciplinas de graduação e pós-graduação, ainda que a psicologia brasileira tenha tradição no estudo das relações raciais. Segundo o autor e a autora, os(as) participantes dessa pesquisa não estabeleciam uma associação direta da categoria raça com a compreensão das desigualdades, porém,

²⁵ Cursos de psicologia de diversas faculdades costumam organizar uma semana com palestras e apresentação de trabalhos geralmente em agosto, quando no dia 27 se comemora o dia do psicólogo.

consideravam o tema relevante para a formação por estabelecerem a cor da pele como um importante fator para a compreensão da subjetividade e da identidade.

Outra pesquisa sobre o assunto foi conduzida por Espinha (2017), que evidenciou que a temática racial é abordada de forma superficial, isolada, descontínua e esporádica em projetos político-pedagógicos (PPPs) de mais de trinta cursos de psicologia de todo o país. A pesquisadora revela a maior frequência com que os PPPs fazem menções ligadas à inclusão, etnia e diversidade em detrimento de termos (ou temas) mais reveladores de nossas contradições sociais, como exclusão, racismo e desigualdade, o que seria revelador de uma possível negação dos cursos de psicologia em lidar com as tensões e efeitos inerentes a tais problemáticas (ESPINHA, 2017).

4.4.2 Uma escolha ou uma posição no mundo

Outra concepção que veio à tona a partir da análise das entrevistas foi a que toma o gênero como uma posição no mundo. Kátia, para explicar essa posição, expressa dúvida quanto à sua origem, cogitando que possa ser determinada biologicamente ou ser uma escolha:

Kátia: Gênero, eu acho que é uma posição no mundo, é uma forma de ser; e eu penso no feminino e no masculino. Mas acho que penso, também, na questão de que pode ser uma escolha, também. É, sempre vem nessa dúvida de... não sei, ou é determinado por uma questão biológica. Mas eu penso muito numa posição mesmo.

Independentemente da origem, que é uma incógnita para Kátia, é possível pensar que uma posição assumida é sempre uma posição diante de algo ou em relação a algum referencial. Nesse sentido, talvez a entrevistada conceba a existência de alguma organização de gênero no mundo, diante da qual o indivíduo assumira uma posição, determinada por seu sexo biológico ou por vontade própria.

A explicação trazida por Iraci, logo abaixo, dá à ideia de posição algum aspecto reflexivo. Ao afirmar que quando pensa em gênero a primeira coisa que vem à cabeça é “como a pessoa se vê na sociedade” ela não só adere à figura da posição como inclui a possibilidade de a pessoa se ver de fora, isto é, pensar sobre sua posição e a modificar, caso seja essa sua determinação, definida ao nascer.

Iraci: Sim, eu acho que é como a pessoa se vê na sociedade. Outro dia, eu e o meu marido, estava falando desse negócio do “Ele Não” aí, sabe.

Entrevistadora: Sim.

Iraci: A gente estava discutindo, e ele é bem machista; então, ele falava: “Imagina, a filha da Gretchen”²⁶ - a gente estava discutindo – “que ela era uma mulher linda, não sei o que, agora ficou esse macho”. Eu falei: “Mas ela se vê macho”. Aí: “Ela é vagabunda”. Aquelas conversas de homem machista, né. Daí eu falei: “Agora, imagina, você, com um bilau no meio das pernas, e se achar mulher, como é que seria para você?” – “Isso não existe, Iraci; é só na tua cabeça de psicóloga, que inventa essas coisas”. Então, é difícil de entender; se não tiver um estudo mesmo, a gente não entende, né? A maioria das pessoas fala: “Ah, é sem vergonha”. Mas a pessoa nasce assim. Eu não escolhi gostar de homem, eu nasci assim. Eu estou falando para ele: “Você escolheu gostar de mulher? Não. Você nasceu assim, você gosta de mulher, e poderia até gostar de homem.” – “Eu não, não sei o que”. E acho que a gente tem que... nós, da psicologia, temos que quebrar um pouco isso, né.

Para Iraci a orientação sexual não é um aspecto distinto da identidade de gênero: se Thammy Miranda fez a transição e hoje se identifica como homem, então logicamente ele se sentirá atraído por mulheres, pois é este o padrão estabelecido. Não é possível afirmar se a entrevistada concebe que ele poderia ser um homem homossexual, pois não disse nada a respeito. A discussão narrada no excerto sugere que seria a orientação sexual, determinada ao nascer, que conduziria o sujeito a mudar a identidade de gênero. Nesse processo de se ver na sociedade, Iraci confere importância às psicólogas, que deveriam quebrar as visões deterministas como a de seu marido. Entretanto, acaba por cair ela mesma num argumento combativo, porém, igualmente determinista.

Jéssica é direta: quando pensa em gênero, pensa em identidade, em quem se é. Assim como Iraci, sua concepção implica uma reflexão sobre como a pessoa se percebe no mundo. Ao fazer ela mesma essa reflexão, pensou nas mulheres, como ela:

Jéssica: Eu penso em identidade, e como que eu me coloco no mundo, como eu me percebo no mundo. Penso muito em mulheres, também; dessa opressão, dessa cultura patriarcal que a gente tem. Penso nessa identidade mesmo, identidade de: Quem eu sou? De... É, identidade, eu penso, em gênero.

²⁶ A entrevistada se refere a Thammy Miranda, ator, repórter e modelo brasileiro, filho da conhecida cantora Gretchen, que é um homem transexual.

Na entrevista, Jéssica partilhou incômodos acerca da situação das mulheres no bairro onde mora, na periferia de São Paulo, mencionando especialmente a vulnerabilidade das mulheres negras, homossexuais e transexuais. Ademais, ela cuidava da filha pequena desde que havia se graduado e mencionou com perplexidade a existência maciça de brinquedos e roupas cor-de-rosa para meninas, em oposição a brinquedos mais criativos e coloridos na seção destinada aos meninos nas lojas especializadas em artigos infantis. Em que pese o foco sobre a identidade que Jéssica apura ao falar de gênero, certamente suas concepções deixam evidentes também sua apreensão de aspectos simbólicos e estruturais do conceito.

Se houve dúvidas expressas por algumas, este não é o caso de Patrícia. Ela é cirúrgica ao falar de gênero:

Entrevistadora: Quando você pensa em gênero... gênero, para você, se refere, principalmente, a quê?

Patrícia: Uma escolha. Uma escolha de vida, não é? Uma escolha, como qualquer outra escolha. Ah, eu quero casar. Eu não vou casar, eu vou comprar uma bicicleta. Então, uma escolha, como todas da vida.

Tentar compreender sua fala fora do contexto de sua entrevista poderia conduzir a equívocos. Assim como Irene, sua colega de turma, Patrícia parece não distinguir identidade de gênero de orientação sexual e quando eu perguntei mais adiante na entrevista a que se referia tal escolha, ela diz “Uma escolha de um modo de ser feliz”. Ela conta histórias de convivência contínua com amigos homossexuais ao longo do curso e reconhece que suas concepções foram impactadas por esse convívio. Baseando-se exclusivamente em sua concepção, de um total poder de escolha, poder-se-ia afirmar que a psicologia teria um papel bastante importante em auxiliar os indivíduos a escolher e assumir esse caminho para ser feliz.

A importância dos referenciais de gênero da psicologia ficou evidente quando Robson apresentou sua visão. Esse entrevistado reconhece que ao longo da vida acabou assumindo posturas conservadoras, alinhadas aos preceitos militares e religiosos. Sem abrir mão desses preceitos, ele diz que no consultório, onde atua como psicólogo clínico, suspende suas crenças e age em consonância com a psicologia, cujo sentido, entretanto, não fica evidente, mas apenas sugerido como sendo o gênero uma “opção”:

Entrevistadora: Para você... a gente está falando de gênero aqui, né? Gênero, para você, se refere, principalmente, a quê?

Robson: Olha, eu estou lendo muito para isso; porque, gênero, para mim, já significou sexo, assim, é... o sexo da pessoa.

Entrevistadora: Sim.

Robson: E é algo que estou tentan... que eu estou procurando desconstruir, mas eu tenho muita resistência ainda. Mas, por exemplo, quando estou atendendo, e isso achei algo muito legal, que foi uma ferramenta que a graduação me deu, as professoras falavam: “Olha, quando você fecha a porta, ali você é psicólogo, ali você fala com a psicologia, você e suas crenças ficam lá fora”; e eu, literalmente, eu sigo isso. Então, quando eu estou atendendo, e para isso eu tenho que me instrumentalizar, porque não é uma crença natural, não é uma experiência natural, em mim; aí eu procuro direcionar meu atendimento, e ver gênero como uma opção da pessoa, e trato assim; e acho que a maneira como a Psicologia vem tratando, e procuro não fugir desse script, eu deixo os meus preconceitos, as minhas questões, lá fora.

Robson disse buscar compreender o gênero como uma opção da pessoa, numa compreensão similar à de Patrícia. Quanto ao script estabelecido pela psicologia, não se pode afirmar que exista uma diretriz para a atuação para além do Código de Ética do Psicólogo e das resoluções dos conselhos de psicologia, que contam com múltiplas concepções e definições de gênero. Assim sendo, talvez Robson esteja falando de valores e preceitos com os quais teve contato ao longo da formação e que generalizou para a psicologia de modo geral. Vale lembrar que ele é um dos entrevistados que fala bastante de sua mudança ao longo do curso e é a pessoa de quem as colegas de sala reclamaram, o que leva a crer que sua visão tenha sido constantemente confrontada e posta em xeque durante a graduação. Pode ser que ele esteja assumindo a existência de alguma organização de gênero na psicologia que foi apreendida por ele com a qual seus valores entram em conflito, demandando ajustes para que se sinta habilitado exercer a profissão de psicólogo. Por seu relato, esse ajustamento tem sido bem-sucedido.

A maioria das entrevistadas fez em algum momento referência às pessoas do grupo LGBTQIA+, especialmente às homossexuais (lésbicas e gays) e transexuais, em geral ao abordarem o fato de serem discriminadas e sobre a necessidade de a psicologia as acolher e incluir. Ludmila ao longo de sua entrevista fala quase que exclusivamente desse grupo quando aborda questões de gênero, porém com um tom distinto:

Ludmila: As pessoas veem aquela coisa de homem com homem, mulher com mulher ou, sei lá. Ou então, eu quero ser mulher... Não, eu quero ser homem, mas me visto de mulher; e eu quero ser mulher, mas me visto de homem. Assim, eu penso que a gente não deve se admirar com isso, porque eu penso que as pessoas são livres para elas decidirem o que elas gostam. Eu só questiono uma coisa: Está feliz, assim? “- Estou”. Ponto. Eu sempre falei isso, eu falo sempre: Eu prefiro ter um filho que era homem e agora ele quer ser mulher, do que ter um filho que eu tenho que visitar ele na cadeia, que eu tenho que buscar ele na Cracolândia; porque uma pessoa que tem, ou alguém, dentro de casa, que é dependente químico, não sabe contar como é difícil; se a pessoa não tiver, não sabe contar. Então, eu acho assim, a vida é de cada um, não é? Cada um cuida de si. Mas se você está feliz assim, nenhum problema. (...) Sabe, as pessoas vivem o que elas gostam, o que elas se sentem bem. Não está me prejudicando? Toca a sua vida.

Ludmila deixa transparecer um afastamento seu do grupo das pessoas LGBTQIA+. Para ela, assim como para Patrícia, o indivíduo que decide acerca de sua orientação sexual ou sua identidade de gênero faz uma escolha em direção à felicidade. Ela aceita essa escolha, contanto que não a prejudique, portanto, é uma aceitação com ressalvas. No exemplo oferecido pela entrevistada para explicar sua posição ela faz uma comparação que traz à tona o sentimento negativo que nutre pelas pessoas desse grupo: entre ter um filho que não corresponde aos padrões de gênero estabelecidos e ter um filho com dependência química ou que foi para a cadeia, ela prefere a primeira opção, atestando que as três são ruins. A mesma lógica aparece quando ela afirma, em outro trecho: “Eu achei ótima essa ideia de homossexual poder adotar as crianças. Gente, é melhor ter uma família assim, do que ficar na rua”.

Outra pista que nos leva a entender as concepções de Ludmila se encontra no trecho abaixo:

Ludmila: (...) eu já fiz trabalho com várias pessoas, né, nessa área. Nossa, como eles são inteligentes, são inteligentes demais; eu falo: Gente, que inteligente esse povo é, é muito inteligente. Eu conheci uma menina, que ela me ajudou a fazer uma prova, ela falou: “Ó, se você quiser, eu te ajudo”. Eu fiquei mais apaixonada ainda, eu falei: “Nossa, obrigada, viu”. Eu nem conversava com ela.

Entrevistadora: O “povo dessa área”, que você fala é o povo LGBT?

Ludmila: Isso, LGBT. Sabe, eu falei: Nossa, obrigada. A gente nem se fala muito”. Ela falou: “Não, Ludmila, eu percebi que a gente não se fala muito, mas eu vi que você está precisando de ajuda”. Eu falei: “Obrigada”. Não é? Porque, também, com esse negócio de eu fazer poucas matérias, eu faço em algumas salas; então, eu não faço muita amizade, não é.

Além da comparação a situações prejudiciais como a dependência química e a privação de liberdade, Ludmila se espanta ao perceber que a colega de sala, possivelmente lésbica ou transexual, era inteligente, solícita e se aproximou dela para a ajudar numa prova. Se o espanto se deve à positividade das características identificadas na colega de sala, então é porque a expectativa não correspondida podia ser negativa.

Diferentemente de Robson, que também é religioso e apegado a concepções mais tradicionais de gênero, Ludmila não manifesta quaisquer ressalvas quanto à pertinência ou não de suas concepções para a atuação como profissional da psicologia. Por outro lado, faz um pedido às pessoas LGBTQIA+: “Eu acho que eles tinham que procurar uma ajuda, assim, para estudar melhor as sociedades, entendeu; para que eles possam entender por que que essa sociedade não aceita essa... essa mudança”. Ao fazer tal afirmação, Ludmila parece estar querendo alguma ajuda para entender seu preconceito, colocando-se, sem querer, como objeto de estudo.

4.4.3 Uma construção, um “caldo” em que se está imerso

A noção de que gênero se refere a uma construção social também apareceu nas entrevistas. A ideia de que posturas, identidades e concepções são construídas ao longo da vida das pessoas em suas interações e em relação a um contexto é presente na formação das psicólogas de forma geral, principalmente devido à contribuição da psicologia social crítica, que, entre outras abordagens, colocou em xeque a noção estável, linear e essencialista de desenvolvimento. Com isto, pretendo apenas reforçar que a construção social é uma noção utilizada por teorias psicológicas para explicar fenômenos psicológicos, além de ser um recurso comum quando se pretende distinguir sexo e gênero, sendo este tomado como uma construção sobre um corpo sexuado (biológico).

Essa noção está bastante presente na entrevista concedida por Tatiana:

Entrevistadora: Quando você pensa em gênero, você pensa, principalmente, em que? A primeira coisa que você associa a essa ideia.

Tatiana: Uhum. Eu acho que estereótipos e construções sociais. (...) e como que isso impacta na nossa vida diária. Eu vejo a minha mãe se descabelando, tendo que ordenar a casa inteira, e aí com o meu

pai lá, tudo bom, né, de boa; e aí rola o discurso: “Não, mas ele ajudou” e tals. Né? E, não sei, eu acho que, pelas discussões que a gente acaba tendo aqui [na IES], eu acho que a gente vê de um jeito diferente e traz essa discussão para a família, e acaba com uma polêmica...

Entrevistadora: (...)você acha que a Psicologia teria um papel, no sentido de dar conta dessa realidade, enfim, para outras mulheres também, não só para a sua mãe?

Tatiana: Uhum. Eu acho que sim... eu acho que tem um papel bem importante. Porque, é, para além... para além de pensar nessas relações, é pensar em como que impacta na vida e na saúde psíquica das pessoas, né... que isso não fica só nas nossas relações; mas impacta, profundamente, em como que a gente se constrói, como que a gente se entende. Eu acho que isso tem tudo a ver com a psico, e ajudar nesse... nessa compreensão, em... nessa dimensão de qualquer sofrimento causado por essa temática, eu acho que é um papel importante da psico.

Entrevistadora: Nesse sentido, você acha que a sua formação te deu bagagem?

Tatiana: Acho que sim. Acho que sim. Para começar a pensar nessas coisas, né? É, me deu bagagem para pensar: Olha, as coisas não são tão naturais assim, tipo, começar a pensar em outras coisas. Mas eu acho que falta um pouco de bagagem no sentido de ir conhecer mais, ter contato com mais situações, sabe; apesar de ser uma coisa que atravessa todas as classes sociais, atravessa muitas culturas, eu sinto que eu acabo não tendo muito contato com algumas discussões importantes, enfim; porque, não sei, eu acabei vivendo com mulheres muito fortes, eu acho, que escapam, às vezes, um pouco, desse papel de mulher mais fragilizada, não tenho muito contato, assim. Mas eu acho que a base, do que a psico deu, foi mais essa, de abrir um pouco o olhar.

Tatiana se utiliza de uma situação de desigualdade em relação à responsabilidade pelas tarefas domésticas que observa em sua casa para explicar sua resposta. A partir deste exemplo, pode-se pensar que ao mencionar estereótipos, ela esteja se referindo especificamente aos estereótipos de gênero. Ela considera existir uma construção social dos modelos que regem o cotidiano das pessoas, modelos aos quais seus pais corresponderiam. Tais modelos parecem constituir para Tatiana algum tipo de padrão estrutural em relação à qual seus pais agem, corroborando-o. O conflito mobilizado por ela em sua casa decorre de que ela sugere à mãe que há outras formas de se relacionar com essa estrutura, transformando-a. Em contraposição, entende que para melhor compreender esses padrões, precisaria conhecer realidades distintas da sua e das mulheres a sua volta (que são “mulheres muito fortes” ou mulheres que não são fragilizadas), postura de ampliar do conhecimento que que ela atribui em alguma parte à formação em psicologia. Esse movimento exposto pela entrevistada faz lembrar as considerações de Connell e

Pearse (2015) acerca do gênero no âmbito estrutural e sobre como as pessoas se relacionam com essa estrutura.

A perspectiva estrutural do gênero emergiu em outras entrevistas com participantes da IES pública da capital. As entrevistadas desse grupo mobilizaram em suas explicações a presença constante do coletivo feminista intervindo na graduação das estudantes e essa presença parece ter feito alguma diferença quanto à problematização das questões de gênero para a formação em psicologia. É importante lembrar que parte das entrevistadas desse grupo foram justamente indicações de integrantes do coletivo, então seria esperada maior familiaridade com a temática de gênero.

Keila: É. Porque muito o que essa professora trouxe para a gente, eu lembro que a gente discutia extensamente, no Coletivo...

Entrevistadora: Tipo, quais, assim?

Keila: Ai, essa questão do estrutural.

Entrevistadora: Sei.

Keila: De reconhecer que a gente tem voz, e como é a nossa educação, como o gênero vai se configurando em relação com as nossas relações; então, o modo como a gente é criado desde pequeno, e como isso vai fazer com que a gente, bom, esteja no mundo agora. Como que a gente pode lidar com isso, agora? (...) É legal pensar agora, porque antes era muito... parecia muito teórico, e hoje é internalizado. A gente internalizar a desconstrução de gênero.

Entrevistadora: E você pensa que é um movimento importante da Psicologia, tentar dialogar com essa temática de gênero?

Keila: Nossa.

Entrevistadora: Pelo o que você está dizendo, correu meio paralelo, assim, não é. Mas você vê essa... essa importância de dialogar?

Keila: Sim, eu acho que é essencial. Não tem como fazer psicologia sem pensar nessas relações, eu acho. Porque a gente está lidando com pessoas e a gente está sempre recortado por essas questões sociais; então, não tem como pensar a psicologia, sem pensar o espaço geográfico que a gente está, relações de classe, relações de raça e etnia, relações de gênero, de sexualidade; você está pensando em pessoas, todo mundo tem essa subjetividade, mas a gente é recortado por isso tudo, tudo é permeado pelo social que a gente está imerso, não é?

Keila destaca a importância do movimento da psicologia no sentido de entender o ser humano em meio as suas relações e fala na internalização da desconstrução de gênero. A participante parece enfatizar o aspecto transitório e deslizante não só dos sentidos do gênero, mas de outras categorias como raça, sexualidade, classe etc. Tais elementos não são fixos, transformam-se ao longo do tempo e é justamente por isso que as psicólogas deveriam ter a habilidade de compreender e apreender seus

aspectos contextuais e históricos e como as pessoas são atravessadas por esses sentidos e interação com eles.

Ângelo utiliza uma metáfora para falar de gênero: “um caldo no qual a gente está imerso”. Ele conta que essa noção foi construída ao longo de sua formação, principalmente por meio de conversas com colegas feministas em detrimento de conteúdos abordados nas disciplinas do curso. O entrevistado diz que em outro momento de sua vida aderiu às concepções de gênero mais associadas a papéis masculino e feminino para tentar entender a si mesmo e sua homossexualidade, porém, sua perspectiva mudou e a compreensão do gênero como algo mais flutuante e não pertencente aos indivíduos, como características identitárias, lhe trouxe um alívio:

Ângelo: (...) sempre tive muita dificuldade, assim, com o meu, aspas, lado feminino, vamos dizer assim; (...) a própria ideia de que eu tenho um lado feminino é tosco; mas, tudo que me podia lembrar algo feminino, eu me assustava, era difícil; e, hoje em dia, não sei, parece que eu acredito menos no gênero como algo assim; não sei, isso é muito bom.

Marta, que não é da mesma IES que as entrevistadas anteriores, fala em construções sociais ligadas à ideia de desigualdade. Ela diz que percebeu mais claramente essa organização dos padrões e modelos na sociedade ao fazer um trabalho sobre pessoas transexuais na graduação. Para ela, alguém que se identifica ao gênero masculino ou ao feminino – e aqui fica clara uma associação do gênero também ao aspecto identitário – não manifesta uma essência, mas sim identifica-se a uma construção social. Essas construções mantêm relações de poder desiguais entre homens e mulheres.

Entrevistadora: Ah, você fez TCC sobre transexualidade?

Marta: Sim, sobre transexualidade. E questões de identidade, assim, por conta da forma como eu me identifico, porque se eu me considero do gênero feminino, é uma construção social também, né; se a forma como a mulher deve ser, ou que o homem deve ser, é construção, por isso que há tanta desigualdade. E a desigualdade por conta de tudo isso que eu já falei, de todos os direitos não serem semelhantes; ou então, não é nem semelhante, tinha que ser algo mais de equidade, porque... o que eu preciso, o homem não vai precisar igual; então, tem que ser equiparada as necessidades, e não... não totalmente igual.

4.4.4 Uma ótica

A entrevista concedida por Diane deixou evidente que a temática de gênero foi uma das mais presentes em sua formação de psicóloga. Seu envolvimento com o coletivo feminista de sua faculdade e com outros grupos militantes estudantis está intimamente imbricado - e parece até se sobrepor - às disciplinas cursadas e outras atividades acadêmicas curriculares onde, ela diz, não houve grandes oportunidades para uma abordagem mais aprofundada do conceito de gênero, resumindo-se a discussões teóricas distantes de seu interesse, marcadas em seu relato pela expressão “blá-blá-blá”. Ela retoma uma dessas experiências para explicar seu ponto de vista:

Entrevistadora: Quando você pensa em gênero, no conceito, ou na ideia de gênero, isso está relacionado, principalmente, a quê, para você?

Diane: Olha, se fosse uns tempos atrás, eu acho que eu ia falar assim: Ah, é uma construção social, bla-bla-bla. Mas, quando eu penso em gênero para a minha vida, para além da psicologia, eu acho que é uma ótica mesmo; da perspectiva epistemológica, e qual é essa perspectiva que você está partindo, porque na história da psicologia, quando se rompe com a ideia de que: Ah, então, a psicologia estuda o comportamento, bla-bla-bla, do homem. Não; a gente estuda toda a construção subjetiva de todas as coisas, inclusive do gênero, que está no meio disso tudo. Está no meio, não! Está em relação com isso e com outras coisas também. Teve uma matéria, Psicologia Social I, que a primeira atividade é aquela: qual foi a primeira vez que você se conheceu mulher. E aí foi bom, porque ela [a professora] introduziu toda a questão, de onde ela parte da Psicologia Social para discutir as coisas que ela queria discutir. Então, eu acho que esse seja um exemplo de como eu vejo, como eu entendo gênero. Para mim, hoje, ele é central; assim como a questão de ser asiática; assim como a questão de ser do interior; sabe, eu acho que parto daí, para pensar as outras coisas, não eu parto do conceito xis da psicologia para pensar gênero; eu acho que o caminho é o contrário, não acho que é só uma construção social que a gente precisa considerar também; eu acho que está numa outra perspectiva.

É muito interessante como Diane constrói seu argumento enquanto o enuncia. Se por um lado o gênero para ela constitui uma ótica, uma perspectiva epistemológica que pode ser utilizada para compreender a própria psicologia, por outro lado, ela afirma a existência de uma perspectiva psicológica que se dedica a compreender a construção subjetiva de todas as coisas em inter-relação, inclusive do gênero.

Ao exemplificar, Diane conta sobre a atividade da aula de psicologia social, em que para entender a construção social da mulher a professora pediu que as alunas dissessem quando foi que se reconheceram mulheres – um exercício de reflexão que foi do individual para o coletivo. De forma paralela, Diane não só assume a existência de construções sociais de gênero, de raça, de origem, mas considera também que tais construções são subjetivas, construídas e compreendidas a partir do lugar ocupado no mundo, portanto, não universais. No que se refere à escolha por uma perspectiva epistemológica, ela é categórica ao afirmar que não compreende o gênero a partir da psicologia, mas sim que compreende a psicologia por meio do gênero.

4.4.5 Desencontros entre as concepções das entrevistadas e as minhas

Identificar e analisar as concepções de gênero das participantes que emergiram num tempo relativamente curto de conversa e contato é um desafio que implica riscos. É possível que o material tomado como indicativo de uma concepção tenha sido apenas uma resposta pontual proferida mediante a situação em parte constrangedora que a entrevista promove; pode ser também que a entrevistada tenha recorrido a conceitos imprecisos, com os quais nem estaria de acordo caso a situação fosse outra. Alguns dos trechos reproduzidos nos itens anteriores apresentam ideias contraditórias, pensamentos e falas sequenciais, que as entrevistadas buscaram articular de um modo possível de serem comunicadas a mim. Pois, se em parte do tempo a comunicação entre mim e elas se fez fluir, em outros momentos se evidenciou um desencontro que fez emergirem as concepções que me acompanhavam. Abordarei duas dessas situações.

Jéssica tinha sido minha aluna no quinto semestre do curso na disciplina de Psicologia Escolar, uma das primeiras turmas para as quais lecionei naquela IES. Como havia alguma autonomia para acrescentar temas ao plano de ensino, propus uma aula sobre desempenho e queixas escolares que tinha como base um o texto de Carvalho (2004) chamado O Fracasso Escolar de Meninos e Meninas: Articulações entre Gênero e Cor/raça. Trata-se do relato de uma pesquisa que demonstrou que alunos que as professoras classificaram como negros, pobres e em maior número meninos eram também aqueles considerados por elas com pior desempenho escolar. Tais características compõem, em alguma medida, o perfil de crianças encaminhadas para serviços de orientação à queixa escolar oferecidos por clínicas escola de cursos

de psicologia (SOUZA, 2007; PROENÇA, 2002), sendo esse um dos propósitos para a abordagem desse tema na disciplina em questão, além de possibilitar uma reflexão acerca das causas dos encaminhamentos de crianças com queixas escolares para atendimento psicológico, atravessadas por discriminações de gênero, raça e classe, entre outras. A sala prontamente concordou com a inclusão do tema no plano de ensino. Esse momento foi relevante para mim, pois oportunizaria alguma aproximação entre a psicologia escolar e os estudos de gênero e eu esperava que a entrevistada o mencionasse ao se recordar, a meu pedido, da presença da temática de gênero em sua graduação. Contudo, ao longo de sua entrevista ela não mencionou essa aula e eu segui o roteiro, não trazendo a questão à tona.

Eu encerrava as entrevistas sempre do mesmo modo, perguntando se a entrevistada gostaria de adicionar algo que eu não tivesse perguntado, e Jéssica respondeu o seguinte:

Entrevistadora: Tá. Tem alguma coisa que eu não te perguntei, que você queira falar?

Jéssica: Não sei, eu acho que... Não. Eu acho que falar “eu nunca ouvi” essa questão de gênero na faculdade não é tanto verdade, né. Quando eu tive aula com você, a gente ouviu um pouco de gênero.

Entrevistadora: Escolar, não é?

Jéssica: É. E aí eu ficava falando: O quê que essa mulher está falando?

Entrevistadora: Foi no 5º Semestre, não?

Jéssica: Não lembro.

Entrevistadora: Acho que foi.

Jéssica: Mas, de: Por quê que ela joga o negócio e não termina, só fala sobre? Mas não dá, né? Eu acho que não. E você faria alguma coisa de...

Entrevistadora: Então, eu quando pude mexer no... no plano de aula, de Psicologia Escolar, Escolar II, principalmente, eu coloquei uma aula; a gente acordou entre os professores que teria pelo menos uma aula, para falar da intersecção entre essas duas áreas; ou para, pelo menos, falar um pouco de: Como é que os estudos de gênero ajudavam a gente a entender questões de escola, problemas escolares. Que era algo que eu conseguia pincelar quando eu dei aula para vocês.

Jéssica: Deu, é.

Entrevistadora: ...foi a primeira turma que eu peguei, eu acho. Eu conseguia pincelar umas coisas, e não tinha um espaço definido na disciplina para isso. Depois, durante um semestre, esse espaço existiu, a gente tinha uma aula para falar sobre; uma aula com começo, meio e fim.

O anúncio de que a entrevista estava no fim parece ter funcionado como um dispositivo de informalidade que permitiu a Jéssica rever o que tinha dito. Ao recordar

dessa aula de Psicologia Escolar, reconsidera a presença da temática de gênero nas disciplinas, que julgara ter sido ínfima. Contudo, apesar de se lembrar do tema da aula, deixou claro que o conteúdo não foi compreendido. Mais que isso, ela parece ter tampouco entendido, naquele momento, a pertinência do tema, o que derrubou minhas expectativas.

Tal fato, entre tantos motivos possíveis, pode ter se devido à minha inabilidade em conduzir a explanação sobre o tema (o que pensei na hora, por isso me defendi e expliquei), ou que para Jéssica a noção identitária do gênero, que atravessou sua entrevista, seja muito mais forte que quaisquer outras associações, mesmo que tenham sido abordadas em sua formação. Considero importante revelar e comentar o ocorrido para lembrar que as informações coletadas por meio de entrevistas são sempre parciais e revelam acima de tudo pontos de vista acerca de um assunto específico, no caso, a abordagem da temática de gênero na formação.

A outra situação aconteceu na entrevista com Robson. Ele foi um dos participantes que mais deixou clara a associação entre gênero e orientação sexual quando perguntado diretamente sobre gênero, e a todo momento mencionava pessoas LGBTQIA+. Uma das funções assumidas por Robson tinha sido de diretor de uma Organização Não Governamental (ONG) por dez anos. Eu quis saber mais sobre seu trabalho nessa ONG porque ele disse se tratar de um centro [que depois se transformou em Centro da Criança e Adolescente (CCA)] destinado a cuidar de crianças e adolescentes cujas mães precisavam sair de casa para trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família. Robson fez questão de ressaltar que a comunidade percebia a situação de desespero dessas mães de família e seu dilema por ter que sair para trabalhar e deixar os filhos em casa, então as pessoas se juntaram e fundaram a ONG justamente para acolher essas crianças e permitir às mulheres melhores condições de vida.

Para mim, estava posto que a ONG buscava intervir em uma desigualdade de gênero: dividir com as mulheres, chefes de família, a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e possibilitar oportunidades menos restritas a elas no mercado de trabalho. No entanto, fui surpreendida pela resposta do entrevistado quando perguntei sobre isso mais diretamente:

Entrevistadora: Legal. E você via alguma questão de gênero, enquanto você estava lá nesse trabalho da ONG?

Robson: Assim, que ressaltasse mesmo, eu só vi um caso. Eu acho engraçado, que era um menininho, um garoto, ele era dos menores, eu acho que ele tinha sete anos. Mas, de novo, assim, me causou muita estranheza, porque, ele, com certeza, aquele garoto, ele... hoje ele é homossexual; era uma menina no corpo de menino.

Entrevistadora: Entendi.

Robson: Ele adorava Aviões do Forró²⁷, ele era pequenininho, assim, mas você via ele totalmente feminino mesmo; aquilo me chamou atenção. Mas, assim, ele era criado com a mãe, avó e a tia, ele não tinha referência masculina, eu via assim. Talvez, até tenha lá algum fundo de verdade nisso, mas eu acho que ele está entre aquelas pessoas que são homossexuais, sei lá, em qual das siglas que ele vai se encaixar aí... é outra coisa também, eu me refiro a todos como homossexuais, né; ainda não sou tão bom em classificar, hoje é LGBTQI, é muito para a minha cabeça.

Entrevistadora: São muitas definições, não é? Com essas mulheres, você via alguma questão de gênero? Essas mulheres, mães dessas crianças, que deixavam as crianças lá?

Robson: Não, nunca percebi. Nunca percebi. Eu ouvia algum comentário ali, muito raramente: Ah, a fulana é gay; mas algo bem distante, nem registraria.

Perdi a oportunidade de perguntar mais e/ou explicar a Robson por que para mim a situação dessas mulheres era uma questão de gênero. Fato é que o entrevistado não fez essa associação sozinho, nem com minhas perguntas, deixando evidente o campo circunscrito por onde transitavam suas concepções. Não quero dizer com isso que Robson não refletia acerca da situação das mulheres da comunidade e nem que ignorava as causas de sua situação precária e solitária, mas sim que ele não mobilizou gênero para compreender essa situação da mesma forma como fez, recorrendo mais a seu aspecto identitário, para falar do menino afeminado e da mulher lésbica.

4.5 ESPAÇOS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO

Além das concepções de gênero que vieram à tona, as entrevistas também deram indícios de quais foram os caminhos percorridos para que tais concepções fossem assimiladas. Os trajetos passam pelo contato com conteúdos acadêmicos,

²⁷ Aviões do Forró é o nome de uma banda brasileira de forró eletrônico formada na cidade de Fortaleza e conhecida nacionalmente.

pelos efeitos das relações familiares em suas vidas e pelo envolvimento em coletivos e grupos de estudo por iniciativa própria.

4.5.1 Teóricas “populares” entre as entrevistadas

As participantes deram referências quando eu perguntei se elas se recordavam de ter lido algum texto ou estudado alguma teórica ou teórico que abordasse a temática de gênero. Algumas entrevistadas não se lembraram ou não souberam mencionar, apesar de afirmarem ter estudado ou lido esses autores e autoras. Obviamente o contato ou aprendizado sobre um determinado tema não ocorre por via única, mas conhecer quem são as autoras e autores de que as entrevistadas se lembravam, se não diz muito acerca do domínio da entrevistada acerca da teoria contida num texto, pode ser um indicativo de popularidade das referências que circulam nestes cursos de psicologia.

Entre as autoras e teóricas mais populares está a filósofa Judith Butler, especialmente seu livro *Problemas de Gênero*, obra de 1990 traduzida para o português em 2003. Ela foi citada por seis entrevistadas, de três das cinco IES²⁸. Foi apresentada como uma referência frequentemente utilizada em sala de aula, por professores(as) de disciplinas diferentes (psicopatologia, psicanálise, psicologia do desenvolvimento). Foi também uma leitura recomendada em estágios realizados ao longo do curso, principalmente estágios externos (ou de campo). A obra da autora também foi mote de discussões de grupos de estudo e de coletivos e houve quem a lesse por interesse próprio. Definitivamente, foi uma teórica bastante lembrada entre as entrevistadas, mesmo que suas concepções de gênero parecessem pouco consonantes com as da autora.

Em *Problemas de Gênero* (2003) Butler dialoga diretamente com autores da psicanálise, como Sigmund Freud e Jacques Lacan e como essa corrente da psicologia é preponderante em algumas das IES, como foi visto na discussão sobre os currículos, pode ser que ela acabe sendo também discutida com maior frequência. A despeito da relação mais direta de sua obra com a psicanálise, Maurício nos oferece uma explicação diferente. Para contextualizar seu comentário, é preciso lembrar que

²⁸ Mencionaram a autora: Keila e Ângelo (IES pública da capital), Maurício e Maíra (pública do interior), Jéssica e Catarina (privada de rede internacional).

a IES onde ele estudou (pública do interior) mantém disciplinas com ênfases em quatro correntes teóricas da psicologia ao longo de quase três anos do total da formação, o que pode favorecer uma visão mais ampla.

Entrevistadora: Legal. E a Butler foi uma referência que vocês tiveram em sala de aula, assim.

Maurício: Foi.

Entrevistadora: Tá. Eu ia te perguntar se ela foi bem recebida, se o pessoal leu, assim?

Maurício: Eu acho que lá, todo mundo tinha uma postura de... eu acho que uma outra coisa influente também, é que a gente tinha muito socio histórica, a abordagem socio histórica; e como ela já é um pressuposto dessa abordagem, muita gente gostava; a própria socialização, tudo é por apropriação e objetivação, e dessa forma, você vai fazendo se existir, né, virando um ser humano; eu acho que isso, estruturalmente, já estava na cabeça das pessoas; então, a gente já criticava tudo que estava enraizado. Então, quando entra Judith Butler, e fala: gênero é performance, gênero não é, simplesmente, nasceu com isso ou com aquilo; então, é homem ou é mulher. Não, gênero é construído. Então, vamos ver qual é a construção de gênero. Acho que foi bem recebido por isso, porque o curso já tem uma postura crítica.

Vimos que Maurício trabalhava a partir da abordagem psicanalítica, mas atribuiu a receptividade a Butler a uma maior familiaridade de sua sala de aula à postura crítica, aprendida no contato com a psicologia sócio histórica²⁹, corrente que desde os primórdios se apresenta como uma possibilidade de superação de visões dicotômicas que não assumem a contradição presente no fenômeno psicológico (BOCK, 2001).

Outra autora que se pode dizer popular entre as participantes, citada por Maria Gabriela, Robson e Marta, é Simone de Beauvoir, cuja obra mais lembrada foi *O Segundo Sexo*, escrita em 1949. Seguindo a lógica de Maurício, trata-se de uma autora que entende o gênero como construção, vide a conhecida citação segundo a qual ser mulher não é uma característica dada ao nascimento, mas é sim construída (“torna-se mulher”). Menos popular que Judith Butler, Beauvoir também perpassa a fala das entrevistadas em relatos de grupos de estudo, estágios, referência de trabalhos de conclusão de curso (TCC), seminários e leituras feitas por interesse próprio. Uma das possibilidades para essa popularidade pode ser sua parceria com

²⁹ A Psicologia Sócio Histórica, às vezes chamada de Psicologia Histórico-Cultural por ser esse o nome que lhe foi atribuído por seu criador, Lev Vigotski, estrutura-se sobre bases marxistas e adota como filosofia, teoria e método o materialismo histórico e dialético, concebendo o homem como ativo, social e histórico, além da sociedade como uma de suas produções (BOCK, 2001).

Jean-Paul Sartre, filósofo e um dos pilares da abordagem conhecida como fenomenologia, porém, essa associação não foi explicitada por nenhuma participante.

A socióloga Berenice Bento foi mencionada por duas recém-formadas, Marta e Jéssica, que fizeram TCCs sobre transexualidade cada uma em sua IES. Outras autoras e autores foram citados de forma pontual por algumas entrevistadas, sendo algumas delas docentes nos cursos onde estudaram ou se formaram. Em boa parte, essas autoras(es) eram de abordagens psicanalíticas.

Foram mencionadas também correntes de pensamento, como o feminismo interseccional citado por Débora e Diane, mas não sem críticas. Débora lembra de uma aula em que a professora de psicologia social segundo ela conduziu uma análise interseccional, mostrando “como a sexualidade é diferente em diferentes espaços, em diferentes zonas da cidade. Isso me marcou muito, (...) até o ato sexual é diferente, tem pessoas que têm dinheiro para pagar um motel, e quem tem que fazer rapidinho.” Para Diana a utilização da abordagem interseccional foi banalizada no Brasil: “Então, eu sempre fui mais para a questão do interseccional; principalmente porque eu sou asiática; porque, o feminismo asiático, não está nas correntes interseccionais. Mas não simpatizo muito com como ela é colocada no Brasil, sei lá, é meio que balaio de gato, né, tudo cabe lá”.

4.5.2 Mulheres e homens em sala de aula

Foram recorrentes relatos sobre debates em sala de aula gerados por questionamentos das alunas diante de algum conteúdo ou fala considerada machista, muitas vezes (mas não exclusivamente) proferidos pelo(a) professor(a). Foi sinalizado também que professores(as) em alguns casos não tomaram partido nem buscaram conduzir ou concluir esses debates em sala de aula, deixando as estudantes o fazerem (ou não) por si próprias.

Quanto às diferenças percebidas sobre ter uma professora ou um professor, chamaram a atenção certas expectativas direcionadas às professoras, de que elas abordariam aspectos de gênero em suas aulas ou que aprofundariam o debate pelo fato de serem mulheres. Houve crítica a comentários considerados óbvios (por exemplo, “homens ganham mais que mulheres”) quando foram proferidos tanto por docentes homens quanto por mulheres, mas parece ter havido certa frustração

quando não houve qualquer comentário, desse teor ou não, caso se tratasse da aula de uma professora.

Tal expectativa não pareceu recair sobre a aula de professores, de quem possivelmente não se esperava comentário algum. Isto pode ser explicado, talvez, por uma tendência a correlacionar gênero e mulheres, que traz consigo uma visão dualista na qual o grupo composto por todas as mulheres (em oposição ao grupo composto por todos os homens) é homogeneizado, imaginando que necessariamente haveria aspectos comuns entre elas, justamente o que problematizou Nicholson (2000), entre outras teóricas.

Quanto aos autores estudados ao longo do curso, é preponderante a afirmação de que foram, em sua grande maioria, homens. A constatação desse fato ao responder minha questão na entrevista causou certo espanto em algumas entrevistadas e por mais de uma vez foi imediatamente contraposto por elas à maior quantidade de alunas que de alunos nos cursos.

Já em relação ao que disseram quando perguntadas sobre ser aluna ou aluno do curso, as respostas também variam. Destacam-se passagens em que as entrevistadas, em sua maioria mulheres, disseram perceber uma certa tendência de professores(as) em reconhecer e valorizar mais as participações em aula quando foram feitas por alunos, mesmo quando, do ponto de vista das entrevistadas, não foram feitas afirmações muito relevantes para o conteúdo ensinado.

Os rapazes entrevistados, por sua vez, apontaram o fato de serem minoria numérica em suas turmas e reconheceram a psicologia como uma profissão feminina, seja por ter um maior número de alunas mulheres, seja porque requer habilidades de escuta e acolhimento, historicamente associadas ao trabalho de cuidar, exercido majoritariamente pelas mulheres em nossa sociedade. Maurício conta como sua percepção foi mudando desde que entrou no curso em 2013 em decorrência do convívio com suas colegas de graduação:

Maurício: (...)acho que agora isso está mudando, mas na quantidade de alunas que tinha, em comparação com alunos, sempre teve muito mais mulheres do que homens. Por exemplo, na minha sala eram trinta e duas meninas e três homens. E aí isso traz algumas considerações, assim; porque sempre que tinha alguma discussão de gênero, as pessoas quando estavam falando de homem, se referenciavam a gente; quando estavam falando das meninas, se referenciavam a elas. (...)E acho que faz bastante diferença, mas tem mudado, principalmente, por tudo isso que eu falei, da própria questão estrutural

da coisa, de verem a psicologia como uma profissão feminina... isso me fez pensar em questões de gênero, também: Pô, eu estou fazendo um curso, lá na minha cabeça de 2013, que mulheres fazem; porque mulheres fazem, e não homens? A gente não é um ser capaz de ser educado? Então, eu posso desenvolver também minhas habilidades, mas será que eu já não tinha antes? Então, só de ser aluno num curso, que diziam ser mais para mulher, já me fez pensar em questões relativas a gênero, já quando eu estava entrando, assim. Eu acho que fez diferença, sim.

4.5.3 Conciliações entre pressupostos familiares, da psicologia, e de gênero

A família parece ser uma das instituições para a qual as participantes conseguem olhar com uma lente diferente à medida que se apropriam de visões de mundo partilhadas ao longo da formação em psicologia, no contato com colegas ou participando de coletivos ou outros grupos de reflexão e/ou militância. O processo de formação em psicologia foi relatado por algumas participantes como mobilizador de conflitos familiares, pois fez com que enxergassem a realidade de um modo diferente e percebessem suas incoerências e injustiças. Ana Lia aborda esse processo de transformação da visão das futuras psicólogas da seguinte forma:

Ana Lia: (...) então, a gente vai vendo como essas relações vão se transformando, não é. Eu acho que é meio esse contato com o que já foi e com o que é, que faz com que a gente comece a criticar, por que que as coisas são assim? E não naturalizar. Eu acho que isso é uma coisa importante que eles estimulam bastante na gente. Eu acho que é isso.

Entender como eram as coisas e como são agora (e, por que não, como serão futuramente), parece situar as estudantes de psicologia quanto às inúmeras possibilidades de transformação da sociedade. Entender a sociedade como uma estrutura instável e, portanto, suscetível a desencaixes é um requisito para profissionais que idealmente terão a capacidade para apoiar e conduzir pessoas, grupos ou instituições em meio a processos de mudança, geradores de ansiedade, dor e sofrimento. Como atesta Maria Gabriela, “eu acho que a Psicologia é isso, é você ampliar o seu pensamento, é você olhar para todos os lugares, de várias formas. Você conseguir olhar para um lugar que não é tão agradável, mas você consegue olhar para ele de diversas formas”.

Tal habilidade de reflexão foi comentada por parte das entrevistadas como ferramenta para o redimensionamento das próprias condições de vida, o que levou a questionamentos que foram resolvidos por elas de variadas maneiras, exigindo concessões.

Cristina, que pratica a religião católica, diz ter dialogado com sua mãe para descobrir como faria para conciliar a abertura ao outro necessária para compreender o sofrimento humano e se manter fiel aos preceitos cristãos católicos, que também são praticados por sua família. Assim ela descreve as associações e conciliações necessárias entre, se assim podemos chamar, regimes de gênero de três instituições – família, igreja e psicologia – para a construção de sua compreensão negociada acerca da homossexualidade:

Cristina: E a homossexualidade, que, perante a igreja é pecado, isso não pode, e tudo mais; mas, perante a psicologia, é um meio que a pessoa se identifica; é como ela se vê. Então, eu vou julgar? Eu vou deixar a pessoa com um sofrimento psíquico por causa disso? Eu falei: Não. Então, eu consegui separar por causa disso. Enquanto eu estou na igreja, eu tenho um pensamento, quando eu saio, eu tenho outro totalmente diferente. Então, eu acho, que eu consegui conciliar bem; mas foi assim, pensando, eu falei: “Mãe, e agora? O que eu faço?” – “Ah, filha, é pecado”. Aí eu falei: “Mãe, mas...”.

Entrevistadora: A sua mãe é católica também?

Cristina: É católica. Aí eu falei: “Mãe, mas se a pessoa não consegue se envolver, isso está fazendo ela infeliz, está trazendo prejuízo psicológico para ela, se mantém pecado? Ela está sofrendo por uma decisão dela, e ela vai sofrer ainda mais por causa da sociedade que recrimina”. Falei: “E aí?” Aí a minha mãe falou assim: “Nossa, é verdade”. Então, eu converso muito com ela e aí a às vezes a gente consegue encaixar uns pontos. Tanto é, que, agora, a Igreja, o Papa Francisco, ele já falou que a igreja tem que aceitar, que ela não pode excluir; então, eu acho que depois dessa... mas foi uma coisa nova, o Papa falando isso, agora, em 2017. E daí eu acho que a Igreja começou a ver de um outro ponto de vista, também, está aceitando mais...

Pelo relato de Cristina se nota o quão são importantes as mudanças em estruturas que parecem rígidas e estabelecidas, como as que sustentam a Igreja Católica como instituição e a fé de católicos(as) e cristãos(ãs) de forma geral. É justamente a brecha cavada por setores da Igreja mais voltados à aceitação da homossexualidade que proporciona a Cristina encontrar uma posição relativamente coerente, sendo uma psicóloga que também é católica e filha.

Jéssica, sem perceber, cria uma palavra para se expressar quanto ao poder da psicologia em promover reflexões que levam ao questionamento sobre a sociedade e,

consequentemente, sobre si mesma. Ela diz que a psicologia é “conflituante”, palavra curiosamente certa que parece exprimir sua ação e efeito nas estudantes por meio do conflito constante. Essa participante conta sobre situações familiares em que se posicionou em defesa de pessoas transexuais que estavam sendo ridicularizadas por seus familiares e se questiona quanto aos valores que ela mesma está partilhando com sua filha pequena.

Diane diz que sempre percebeu o tratamento desigual que recebiam as mulheres e os homens em sua família, que mantém valores tradicionais da cultura oriental. Assim ela descreve a situação:

Diane: E aí na minha família é muito comum, e nas famílias orientais, os homens, eles são os caras que se reúnem para decidir coisas; e as mulheres são as que ficam na cozinha para resolver, de fato, as coisas; os caras fingem que resolvem, e a gente resolve de verdade. Tanto que era evidente isso, na minha casa, a sala era muito grande e a cozinha era muito pequena; e a cozinha era o lugar que todas as mulheres se encontravam; então, ficava abarrotado de gente na cozinha, e na sala ficavam os homens conversando, assistindo televisão...

É interessante perceber que Diane atribui o protagonismo da resolução dos problemas às mulheres, apesar de reconhecer que simbolicamente a responsabilidade pelas decisões é atribuição dos homens. O jeito como ela me falou de sua família soava como uma tentativa de (re)situar a tradição atribuindo o devido papel decisório e resolutivo às mulheres. O incômodo com as relações estabelecidas no âmbito familiar é apresentado como um dos fatores determinantes para que essa entrevistada tenha se envolvido com grupos políticos que militavam por direitos em sua cidade de origem, o que posteriormente viria a aproximá-la de grupos de militância feminista, já na capital do estado.

Ana Clara, ao falar sobre seu interesse em saber mais sobre gênero, que a levou a escolher disciplinas e estágios que lhe proporcionassem maior contato com essa temática, afirma que costuma levar informações a seus pais, que têm muitas dúvidas sobre o tema. Diferentemente de famílias apresentadas pelas entrevistadas como mais fechadas a novos pontos de vista trazidos pelas estudantes e psicólogas, a família de Ana Clara parece ter maior abertura ou suportar de modo mais sereno o conflito advindo do choque de valores e posicionamentos.

Iraci, cuja família de referência era a composta por seu marido e filhos (ela não falou de sua infância ou de seus pais), conta que a atitude de iniciar um curso universitário foi justamente a reação que ela teve diante uma organização familiar que a deixava consideravelmente insatisfeita. Exclusivamente a partir de sua entrevista, que nos oferece um número limitado de informações, é possível afirmar que a psicologia não foi escolhida por ela devido a uma identificação direta com o curso, mas sim com uma sobrinha, também estudante de psicologia, que o recomendou à Iraci. Devido ao fato de ela coordenar um grupo de ajuda mútua para familiares, imaginei que ela tivesse alguma outra formação, perguntando-lhe assim:

Entrevistadora: Que legal. Você tinha outra formação, quando você foi fazer psicologia?

Iraci: Não, eu era meio dona de casa, eu casei para ser esposa e dona de casa, fiquei 32 anos fora da facul... da escola, eu tinha só o Colégio; o meu marido não tem nem estudo, eu acho que ele tem o Ginásio, nem isso; então, aí ele se aposentou, sentou no sofá; de manhã, ele sentava; de noite, ele levantava. Aí você lava, passa, cozinha, e não acontecia nada, eu falei: A vida não pode ser só isso. Estou viva, eu preciso viver. Né? Eu falei: Eu vou fazer alguma coisa. Aí a minha sobrinha já estava fazendo, né? “Ah, tia, faz psicologia, é muito legal”. Eu falei: “Ah, está bom. Aí eu consigo ajudar um pouco mais as mulheres”. E, hoje em dia, eu vi, como eu mudei na minha visão das mulheres, e como eu falo hoje em relação a tudo.

Iraci é curiosamente contraditória ao falar sobre a abordagem da temática de gênero em seu curso de formação e o quanto a formação contribuiu para que pudesse desenvolver seu trabalho. Além de ser dona de casa e coordenar o grupo de ajuda mútua, ela também estagiou em uma delegacia atendendo mulheres em situação de violência doméstica no período da graduação. Ela diz não se lembrar de conteúdos relevantes de gênero que tenha visto em sala de aula – lembremos que para esta entrevistada gênero corresponde a uma questão de identidade ligada à orientação sexual, definida ao nascimento – a não ser por discussões promovidas por um professor ligado ao movimento LGBTQIA+. Entretanto, diz que após a graduação passou a compreender melhor tanto as mulheres quanto os homens, o que impactou sua forma de trabalhar. Possivelmente, o contato com visões distintas, em parte promovido pela formação em psicologia, tenha sido justamente o que permitiu a Iraci questionar o marido quando este emitiu opiniões discriminatórias, como o comentário sobre Thammy Miranda.

As contradições presentes na entrevista de Iraci parecem simbolizar o movimento constante de validação e negação das concepções de gênero no processo de formação e implicam também a ideia de que, independentemente de ter sido ou não enunciado, a psicologia (como instituição) tem (e partilha concepções de) gênero.

4.5.5 A formação oficial e a formação paralela

Ao contar sobre a abordagem da temática de gênero na formação em psicologia as participantes buscavam se recordar de aulas em que esse tema tivesse sido proposto por iniciativa de professores(as), aulas que não foram, todavia, abundantes. Em meio aos relatos, também se lembravam e contavam de experiências que oportunizaram o contato com a temática em que ficava evidente que a iniciativa tinha partido das próprias alunas ou recém-formadas quando eram universitárias ou já no exercício profissional. Como diz Tatiana,

Tatiana: Eu não sei, não sei muito o porquê, assim, acho que tinha tanta coisa [na formação], nunca me aproximei dessa temática; me parecia que entrava quem se interessava; ou quem entrava, é interessado, e procurava mais sobre, não é?

Para algumas entrevistadas, o interesse por assuntos de gênero era anterior ao ingresso na faculdade, enquanto para outras foi justamente a formação que despertou questionamentos relativos a gênero. Tais diferenças de perspectivas pareceram ajudar a delinear suas escolhas acadêmicas e profissionais.

Várias entrevistadas mencionaram que entre as disciplinas optativas (ou eletivas) ofertadas pelos departamentos de cada curso elas escolheram aquelas que tangenciavam algum aspecto do gênero, por ver aí uma oportunidade de discutir um tema de seu interesse. Keila e Diane chegaram a cursar durante a graduação disciplinas oferecidas pelos departamentos de outros cursos (antropologia e sociologia) que tratavam de gênero e feminismo. Ana Clara decidiu cursar uma disciplina de caráter teórico-prático em que faria visitas a um centro de referência para a diversidade³⁰. Marta e Paula fizeram, respectivamente, estágios entrevistando

³⁰ Centros de referência da diversidade são espaços de desenvolvimento social que oferecem acolhida, escuta especializada e atendimento a travestis e transexuais, profissionais do sexo, pessoas vivendo com HIV, gays e lésbicas que estejam em situação de vulnerabilidade e risco social.

familiares de mulheres encarceradas e trabalhando com a sexualidade feminina. Maurício e Elisângela desenvolveram projetos de educação sexual em escolas, com jovens. Débora, junto a professoras e colegas de curso, buscou instituir o atendimento a mulheres como uma das especificidades do plantão psicológico na clínica-escola de sua faculdade. Na mesma clínica-escola, Tatiana se deparou com desigualdades de gênero quando levantou números e características dos atendimentos feitos a crianças encaminhadas com queixas escolares. Jéssica faz aprimoramento em gênero e sexualidade e estagiou coordenando grupos de discussão em torno desses assuntos.

Keila e Ângelo, explicam, cada um a seu modo, a importância dessa formação paralela, incluindo o conhecimento partilhado entre as estudantes “nos corredores”:

Ângelo: (...)tudo o que acontece no meio, todas as atividades, os grupos que eu participei, coisa que eu li por fora, conversas, enfim...

Entrevistadora: É essa a via por onde, você falou no começo, que chega mais a discussão sobre gênero?

Ângelo: Não, nem tanto na via dos seminários... é mais na via do debate, aquela conversa de corredor, mas que é quente, assim, sabe? Tipo, aquilo que aconteceu, e que a gente precisa falar, precisa falar sobre aquilo.

Entrevistadora: Entendi. Na informalidade mesmo.

Ângelo: Na informalidade.

Keila: O quê que é a formação, não é? Muitos alunos colocaram que a formação não é só o que se dá na sala de aula, o quanto que esses projetos de extensão são importantes, e o próprio corredor; e não tem como a gente falar que isso não faz parte da formação, não é? Porque a gente estava no contexto da universidade, e eu não tinha contato com isso antes de entrar aqui; eu sinto muito que a universidade, pelo menos, esse curso, me propiciou ter mais contato com esse tema. E é difícil mesmo, quando você vai parar para pensar, separar o quê que eu aprendi na sala e o que eu aprendi fora; que acaba acontecendo ao mesmo tempo. E aí eu sinto que foi uma temática muito forte durante a minha formação inteira, gênero. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo que pessoas da minha mesma sala vão ter opiniões diferentes, por causa disso, não é, o interesse, o quê que a gente vai se encaminhando.

Tais experiências parecem corroborar os dados obtidos por meio do questionário, em que as participantes mencionaram seminários e palestras oferecidos por colegas de sala ou eventos externos, como congressos, entre as situações mais lembradas que propiciaram contato com a temática de gênero. Para comportar tantas associações, o “balaio”, representado pela expressão “temática de gênero” precisa ser amplo.

Ângelo afirma que se tivesse dado continuidade à formação não concluída em engenharia, provavelmente não teria pensado a respeito de si mesmo e de sua homossexualidade em termos de gênero, o que segundo ele foi propiciado pela psicologia e pelo contato, ainda que indireto, com o movimento feminista. Por outro lado, ele é bastante crítico quanto ao planejamento e conteúdo de algumas aulas, que considera tão desnecessárias que prefere faltar para estudar e ler livros de seu interesse. Vale lembrar que Ângelo integra um grupo de estudantes que trabalha por melhorias em seu curso, dialogando com docentes e outros representantes departamentais.

Críticas negativas similares, no sentido de quase invalidar a importância de uma ou mais disciplinas, foram feitas também por Diane, que estudou na mesma IES que Ângelo, a pública da capital. Além de possivelmente dizer algo sobre a configuração e organização das disciplinas e seus(uas) docentes nessa IES, a postura desse e dessa participante ao criticar dura e livremente seus cursos de formação e/ou seus(uas) docentes revela concepções sobre o que é ser aluno(a) significativamente diferentes da postura de Robson, por exemplo, que diz seguir o “script” da psicologia³¹.

Ao enfatizar esses relatos, tenho a intenção de valorizar o caráter autoral da formação que permitiu às estudantes traçarem caminhos distintos e, graças a essa possibilidade, incorporar temáticas de seu interesse ao processo de formação em psicologia como é o caso da temática de gênero.

4.5.6 Coletivos feministas e outros grupos de ação e reflexão

A existência e as ações de coletivos feministas e outros grupos organizados em torno de um objetivo comum são alvo de controvérsia entre as participantes. Elas os mencionaram como tendo influenciado a organização mais geral dos cursos de psicologia e em um dos casos até ocasionado mudanças estruturais.

Tatiana, Débora e Maíra, esta última da IES pública do interior e as outras duas da capital, narram experiências negativas com os coletivos, decorrentes de não terem se sentido acolhidas por terem algumas ideias diferentes das que defendiam suas organizadoras. A título de exemplo, uma das discordâncias citadas por Tatiana

³¹ Não descarto a possibilidade de Robson ter críticas ao seu curso de formação, mas essas críticas não foram apresentadas a mim ao longo da entrevista como ocorreu em vários momentos na conversa com Ângelo e Diane. Essa ausência também nos diz a respeito da postura de Robson.

e Maíra era quanto à participação exclusiva de mulheres, regra defendida pelas organizadoras e criticada pelas entrevistadas. Débora não comenta sobre critérios de participação, mas diz ter percebido que havia decisões tomadas sem a participação do coletivo, o que a desestimulou a continuar participando.

Apesar dessas críticas, os coletivos LGBT da IES filantrópica e o feminista da IES pública da capital, ambos organizados por estudantes do curso de psicologia, foram reconhecidos como tendo colocado em pauta entre as alunas e os(as) docentes discussões importantes, que de certa forma abalaram ou desestabilizaram as relações de gênero vigentes, das quais decorriam desigualdades. Keila, ativa no coletivo desde o início, comenta sobre os cargos de chefia departamental, que de acordo com ela eram ocupados majoritariamente por professores homens³² e passaram a ser questionados. Tatiana, que deixou de participar das reuniões, reconhece também o impacto que as ações do coletivo trouxeram para o curso:

Tatiana: (...) eu acho que o movimento que aconteceu aqui dentro já foi bem interessante; eu já senti uma diferença, os professores começaram a parar e pensar sobre isso. Eu me lembro que teve uma professora, que ela dava Freud, e aí o Coletivo também caiu em cima, quando ela começou a falar sobre Complexo de Édipo, do menino e da menina na identificação, e tal; eu não entendo muito disso, mas... E aí eu acho que ela começou a trazer, um pouco, também, para a aula dela. Isso foi um ano antes de eu ter a aula, aí ela já mudou o currículo [plano de aula] dela para a turma seguinte. Eu acho, que, hoje em dia, isso é uma coisa que ela traz na disciplina optativa dela.

Ana Lia, que diz participar de reuniões de vários coletivos em sua IES (inclusive me encontrou para a entrevista após sair de uma delas) se expressa de forma ambígua sobre os efeitos do coletivo no que diz respeito às relações estabelecidas em sala de aula. Ela assume que, por um lado, o coletivo fortaleceu especialmente algumas alunas de sua turma, que segundo ela agora se sentem seguras para se manifestar caso sintam que alguma fala ou conteúdo de aula as desrespeita; mas, por outro lado, entende que o modo como se manifestam pode soar agressivo e criar antipatia pelo coletivo. Vale lembrar que, apesar de participante de coletivos organizados diversos, Ana Lia parece não se incluir no coletivo composto por essas colegas de turma.

³² Essa informação não foi verificada por mim no departamento em questão.

Ainda sobre experiências com coletivos, Cristina e Robson, assim como as demais entrevistadas da IES privada familiar, assumem não participar de nenhum coletivo e nem de movimentos em torno de alguma causa. Para Robson, a ideia de um movimento social causa desconforto ao remontar à sua formação militar como algo a ser controlado e combatido: “a visão que a gente tinha é que os movimentos sociais eram um atentado à segurança da pátria, aquelas besteiras que, felizmente, a gente já superou”. Porém, em outro momento ele se refere à sua atuação na pastoral da igreja católica como um tipo de movimento, que talvez por ser ligado à igreja não seria alvo das mesmas críticas.

Cristina conta que sabia muito pouco sobre o movimento feminista – que congrega vários coletivos – até que um de seus professores, da disciplina Cidadania e Saúde Mental, deu uma aula sobre o movimento. Diz ela que até então o pouco que sabia sobre o feminismo era uma notícia que vira na internet em que mulheres ditas feministas praticavam atos obscenos em forma de protesto, o que desaprovou severamente. Quando me concedeu a entrevista, disse que depois da explicação desse professor estava entendendo o feminismo “mais ou menos”.

Concepções como essas, partilhadas por Robson e Cristina, por um lado resistiram ao processo de formação em psicologia, cujo pressuposto de acordo com as participantes é aprender a desconstruir. Por outro lado, talvez tenham até se fortalecido por ter encontrado argumentos poderosos e resistentes em meio às teorias psicológicas.

Outro ponto que merece atenção acerca dos coletivos e outros grupos de reflexão ao longo da formação em psicologia é que as possibilidades de organização e participação são provavelmente muito maiores entre as alunas das IES públicas devido ao fato de a maior parte não trabalhar muitas horas e assim poderem permanecer na faculdade por mais tempo do que as alunas das IES privadas, majoritariamente trabalhadoras, assalariadas ou não³³. Isto favorece o envolvimento com atividades extracurriculares, entre elas a participação em grupos diversos, que acabam mobilizando e efetivando a discussão sobre gênero ao longo da formação.

³³ Estou considerando que quarenta horas de trabalho, formal ou informal, acrescidas de vinte horas de aulas presenciais por semana, fora tempo de deslocamento, de estudo, e dedicado a tarefas domésticas, num total de 60 horas, é uma carga horária alta. Essa é aproximadamente a realidade das estudantes de curso noturno da IES privada familiar ou da de rede internacional.

Olhando por outra perspectiva, as estudantes trabalhadoras podem contar com outras formas de articulação e mobilização para reivindicar e promover mudanças em seus cursos de formação. Como boa parte delas pagam mensalidades que as instituições privadas não querem deixar de receber, elas podem ameaçar ou chegar a suspender o pagamento ou mesmo transferir-se para outras instituições. Há, por exemplo, relatos de situações nas quais a insatisfação de grupos de alunas com mudanças em seus cursos levou à transferência de muitas para outras IES.

4.6 CONSTATAÇÕES E SUGESTÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE A ABORDAGEM DA TEMÁTICA DE GÊNERO NA FORMAÇÃO

Dando sequência à reflexão iniciada anteriormente, as participantes também sugeriram, a partir de suas experiências acadêmicas e profissionais, alternativas para a abordagem da temática de gênero. A fim de nos valermos das opiniões e sugestões das participantes desta pesquisa para repensar a abordagem do gênero na graduação, considero importante ressaltar de início os motivos que, para as entrevistadas, justificariam o estreitamento do diálogo da psicologia com essa temática.

Majoritariamente, as entrevistadas consideram importante saber sobre gênero porque essa temática seria fundamental para a compreensão das problemáticas subjetivas das quais pode decorrer sofrimento psíquico. Em outras palavras, trata-se de um conhecimento chave para melhor entender pacientes em atendimento psicológico clínico. As causas desse sofrimento são associadas pelas participantes a crises de identidade no processo de aceitação de características individuais, como bem exemplifica Elisângela, a partir de seu trabalho em um coletivo de psicanalistas feministas:

Elisângela: (...)uma pessoa que eu atendi, assim. É, que eu faço parte de um Coletivo, que atende mulheres. E a gente atendeu algumas trans e essa semana mesmo, eu atendi um menino, e ele descobriu a transexualidade agora, e ele se identificou, assim. Então, eu acho que é importante, porque essas pessoas vão chegar até mim, sabe? E eu acho que saber sobre isso, me dá uma abertura para o manejo, para o meu trabalho... eu sabia o que ele estava dizendo, sabe; de não se reconhecer no corpo dele, de querer ser uma mina. Então, para mim, não é algo estranho, é algo que eu olho, por mais que eu não sei o que é sentir isso, eu sei que é possível sentir isso. Então, eu acho, que eu ter contato com a diversidade de gênero, faz com que eu consiga

acolher melhor não só trans, mas homossexuais, e tudo, no meu consultório; então, eu acho importante.

Além dessa importante justificativa, a necessidade de saber mais sobre gênero foi associada por várias participantes à possibilidade de compreender melhor os contextos produtores do sofrimento psíquico, não somente seus aspectos subjetivos. Keila, Maurício e Cristina comentam sobre diferentes campos de inserção profissional das psicólogas que demandariam um olhar de gênero no âmbito institucional, como escolas, organizações, hospitais.

Em relação às oportunidades para discutir esse âmbito da temática de gênero em seus cursos, essas participantes afirmam ter sido menos frequentes que as identificadas para abordar o aspecto identitário do conceito. Cristina, por exemplo, conta que foi chamada para dar uma palestra para crianças de uma escola e se sentiu insegura, pois sabia que se depararia com conflitos entre as crianças e seus familiares acerca de questões de gênero e sexualidade e não teria subsídios suficientes para mediar a situação.

Os trechos abaixo reproduzidos demonstram o que pensam essas participantes sobre as possibilidades de ampliação da discussão sobre gênero na formação em psicologia:

Entrevistadora: Das áreas da psicologia, a clínica é com o que você mais se identifica? Alguma outra área? Você acha que pensar sobre gênero, aprender sobre gênero, é importante para essa sua área de atuação?

Maria Gabriela: Acho. Eu acho, porque é estrutural; simplesmente por isso, porque é estrutural, você pensa dessa forma; e quando você entende o funcionamento da sociedade; então, você está entendendo não só a questão de gênero, tem todas as outras, é a questão da religião, que acaba mesclando com a questão de gênero, tudo isso; você consegue entender aquele indivíduo, porque aquele indivíduo é tudo isso, ele é a história dele, da casinha dele, mas ele também é todo um ambiente que ele foi criado, toda uma sociedade que ele foi criado; se ele fosse colocado, sei lá, no Japão, ele poderia ter um outro pensamento, porque a cultura dele ia ser diferente. Então, eu acho que é importante você entender da cultura, da relação de gênero, entender tudo isso, para você conseguir entender seja lá para quem for, dentro da clínica.

Keila: eu acho que é essencial. Não tem como fazer Psicologia sem pensar nessas relações, eu acho. Porque a gente está lidando com pessoas; e a gente está sempre recortado por essas questões sociais; então, não tem como pensar a psicologia, sem pensar o espaço geográfico que a gente está, relações de classe, relações de raça e etnia, relações de gênero, de sexualidade; você está pensando em

peças, não é... todo mundo tem essa subjetividade, mas a gente é recortado por isso tudo, tudo é permeado pelo social que a gente está imerso. Então, eu acho que se você está fazendo, pensando em psicologia, e não está pensando nessas questões, é complicado, sabe? Não, não tem como.

Maurício: Nossa, eu acho importantíssimo. Eu acho bem importante para todas as áreas, porque se a gente for pensar, pegando de exemplo a Psicologia Organizacional, Psicologia do Trabalho, tudo que está acontecendo nesse momento da nossa vida... toda a discussão de mulher receber menos, mulher receber mais, toda essa questão política. Pô, como que um psicólogo não vai discutir, por exemplo, as questões de gênero, dentro da Psicologia do Trabalho? Simplesmente... perde muito uma graduação que não tem esse tipo de discussão nessa área de atuação. Também, por exemplo, nas escolas, como funciona toda formação de gênero nas escolas. Na área Clínica, imprescindível, também. No Esporte. Acho, sim, muito importante em todas as áreas; e eu sou suspeito para falar, mas conversando com amigos, acho que faltou um pouco, sim, esse tipo de discussão em alguns outros estágios que eu via por aí... estágio de Clínica, não tanto, porque eu acho que isso já vem permeado, assim; mas acho que careceu, em alguns lugares, esse tipo de discussão.

As entrevistadas aventam a possibilidade de um espaço para se falar sobre gênero no curso de psicologia, seja na forma de uma disciplina, seja de modo transdisciplinar, ou combinando essas estratégias. Algumas sugerem que haja garantia de espaço em aulas em que possa ocorrer essa discussão articulada à temática da disciplina e outras sugerem que exista uma disciplina específica e obrigatória (não optativa) que aborde o tema, alegando ser essa a única forma de fazer com que todas as alunas acessem as reflexões que o tema suscita. O trecho abaixo, extraído da entrevista de Débora, é bastante representativo desta posição que é também sustentada por Catarina, Ana Clara, Ana Lia, Elisângela e Patrícia.

Débora: Eu acho que, com certeza tem que ter uma disciplina; eu sou muito a favor a disciplina obrigatória, porque se não vai ser igual a de raça, que eu fiz; pode estar esvaziada, ou vai ter um monte de menina, que eu acho que é maravilhoso; mas, vai continuar para aquelas pessoas que se interessam por isso, e que fariam a optativa, sabe; eu acho que as pessoas que talvez precisam mais estudar, não iriam; então, com certeza, eu colocaria uma matéria obrigatória, porque eu acho que tem que ser institucional, eu acho que tem que ser obrigatório no estudo de psicologia, falar sobre essa questão.

Como contraponto, Ângelo, Maíra, e Kátia acreditam que seria mais efetivo construir um diálogo transdisciplinar entre psicologia e gênero, de maneira que haja espaço nas disciplinas curriculares obrigatórias para se fazer questionamentos a partir

do gênero. Apesar de não identificarem de imediato a forma como se efetivaria esse diálogo desejado em todos os espaços e disciplinas da formação, as participantes ensaiaram soluções:

Kátia: É, acho que um diálogo das disciplinas; eu acho que seria até mais rico; porque eu acho, que se você falar uma disciplina para tratar disso, eu já não sei que disciplina poderia ser; mas eu acho que, entre as disciplinas, caberia; só não sei como estruturar e organizar isso; mas, um diálogo... porque é ruim também, quando você fecha muito; então, eu acho, um diálogo entre as disciplinas...

Maurício: Eu acho que ficar separando por disciplinas específicas, a gente corre o risco de... de passar aquela disciplina, e acabou a discussão. Ó, está aqui, no meu 1º Ano. Fiz uma disciplina sobre Gênero, vou discutir os gêneros nos mais diferentes espaços, e acabou. Não. Eu acho que, na verdade, as discussões de Gênero tinham que vir com mais força pelos próprios professores, e eles darem um jeitinho de colocar aquilo na disciplina que eles vão estar, no que eles ministram, sempre tentando atentar um pouquinho mais para esse tipo de discussão; e não de uma aula específica, mas durante uma aula, falar alguma questão relativa a isso, ou puxar para esse viés.

Maíra: Nossa, vai ser difícil. É, para começar, eu não sei, se eu deixaria uma disciplina de ensino; eu acho que isso tinha que estar transversal, em todas as áreas, assim. Não, não vejo sentido em você descolar isso e jogar em uma disciplina ali, que vai ser um semestre, e é isso. Eu acho que precisa ser discutida as bases, de como que essa questão de gênero permeou na formação das abordagens, em si. É que isso seria um esforço muito mais de desconstruir algo na cabeça de quem está passando, do que na grade, em si, não é? Na grade, em si, eu não sei, se eu mudaria... quer dizer, eu mudaria muita coisa, mas, nesse sentido, eu acho que não, eu acho que eu só incluiria nas disciplinas mesmo.

No mesmo rumo de Maíra, porém menos otimista, Diane é outra participante que enxerga o diálogo a ser construído como um dilema por considerar que o gênero impactou as próprias construções teóricas no campo da psicologia e que esta não está disposta a abrir espaço para discutir suas bases, arraigadas em desigualdades entre as quais as de gênero. Ela afirma:

Diane: É, eu acho que é um dilema. Porque eu acho que o curso não... a Psicologia, o curso da psicologia, não está disposto a esse movimento, não está disposto a rever as suas práticas, assim; ou, pelo menos, considerar que pode ser necessário pensar sobre isso, na ideia mesmo de cultura institucional, pensando: O quê que faz a cultura institucional ser desse jeito.

A resistência em fazer o que se poderia considerar um tipo de autocrítica não é particularidade, entre tantas outras áreas de formação e atuação, da psicologia. Esta área, porém, tem a vantagem de ter visto alguns de seus principais pressupostos e sua histórica vinculação aos interesses de uma elite postos em evidência por correntes que acreditam que uma outra psicologia, compromissada com as classes populares, é possível e a vêm praticando, instituindo-a também, portanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa foi muito gratificante, pois me permitiu compreender melhor as concepções de gênero que perpassam a formação de futuras psicólogas, assim como ficaram evidentes as negociações e concessões necessárias no sentido da conciliação de valores partilhados no âmbito da família, da religião e da psicologia como ciência e profissão.

Foi possível constatar que apesar de o diálogo entre psicologia e gênero ter sido considerado incipiente no que tange à produção científica em psicologia, na esfera das relações sociais ele está em pleno andamento. Isto se deve ao fato de o gênero ser um elemento organizador da sociedade e, portanto, ser apreensível ao olhar atento e direcionado.

Uma das inquietações mobilizadoras deste estudo – um certo descontentamento identificado em conversas informais com estudantes, corroborado pelos dados iniciais obtidos por meio do questionário, por ser a abordagem do gênero na formação escassa e superficialmente abordada – se revelou estar mais associado à inserção intencional da temática de gênero ao currículo e não aos acontecimentos cotidianos de um curso de formação, que implicam, sim, questões de gênero.

Quanto às reflexões sobre esses acontecimentos, abundantemente proporcionadas pelas entrevistas, as participantes pareciam recorrer tanto a conceitos considerados corretos e partilhados pelo senso comum quanto a correntes teóricas validadas pela psicologia, além de pressupostos religiosos e políticos em alguns casos, o que denota a fluidez e multiplicidade dos sentidos de gênero, construídos cultural e historicamente, em ação e transformação contínua nas diferentes sociedades, instituições e subjetividades.

Os instrumentos escolhidos para coletar as informações pareceram suficientes para se alcançar os objetivos inicialmente estabelecidos. Destacam-se as diferentes conclusões alcançadas a partir dos dados do questionário e das entrevistas, mostrando se pode acessar informações em diferentes níveis, utilizando ferramentas específicas. Entretanto, análises mais aprofundadas e mobilizando outros elementos do cotidiano podem ser conduzidas em estudos futuros com inspiração mais etnográfica, a partir da observação *in loco* de aulas, de reuniões de coletivos e outros grupos.

O levantamento das concepções de gênero permitiu que fossem aproximadas e agrupadas de forma didática. Contudo, as concepções podem se transformar ou mesmo ser interpretadas de modo distinto, dependendo de quem as venha acessar. Tendo esse princípio em mente, a forma como foram compreendidas neste trabalho permite fazer algumas considerações.

A noção de gênero (a palavra, o conceito, o campo de estudo) foi associada pela maior parte das entrevistadas a questões de identidade: uma qualidade da pessoa, um papel desempenhado, a marca de um grupo, uma posição assumida no mundo, uma característica presente desde o nascimento. Isso não quer dizer que essas mesmas entrevistadas não tenham uma visão de mundo para além de indivíduos ou grupos de indivíduos, pelo contrário, muitas demonstraram ter noção das condições estruturais e simbólicas condicionantes das desigualdades (do machismo e do racismo, por exemplo), mas o gênero pensado nas dimensões simbólica e estrutural, como um recurso para a compreensão da sociedade e da própria psicologia como instituição, não foi mobilizado com a mesma naturalidade com que foi empregado para falar de características individuais das pessoas.

Tal fato se deve também à ampliação e acessibilidade do conceito de gênero para a sociedade em geral e, possivelmente, às ênfases da psicologia ensinada nas graduações. A ciência psicológica voltada a questões individuais parece ainda dominar os cursos superiores, ditando uma tendência nitidamente percebida pelas estudantes e mencionada por algumas delas em tom de descontentamento, tal qual percebeu Espinha (2017) olhando para os projetos político-pedagógicos de cursos de psicologia.

A tônica da formação das psicólogas também é um assunto que divide opiniões, como foi demonstrado pelo processo de revisão das diretrizes curriculares (CFP, 2018). Nesse sentido, alguém poderia defender o ensino de uma psicologia centrada no indivíduo. Mesmo assim, as argumentações em torno da identidade, por exemplo, podem ser muito distintas. A identidade pode ser compreendida como um conjunto de atributos permanentes, inatos ou não; pode ser tomada pela ótica de Ciampa (1987), para quem identidade é um processo de construção constante de um modo de ser e estar no confronto entre igualdade e diferença; pode ser uma categoria política e estratégica nas relações de poder (SOUZA SANTOS, 1994), entre outras abordagens. Bader Sawaia (2014) oferece uma explicação para a importância da identidade que parece pertinente para a problemática explicitada:

Mas, se a identidade é a identificação em curso, é encontro da igualdade e diferença, por que multiplicam-se as indagações sobre ela? E mais, por que alguns perguntam e outros não? Essas indagações reforçam a tese de que identidade é uma categoria política disciplinadora das relações entre as pessoas, grupo, ou sociedade, usada para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico. (SAWAIA, 2014, p.125)

Apesar de algumas participantes terem chamado a atenção para a importância das discussões realizadas no curso para que repensassem suas posturas e opiniões, essas concepções não foram forjadas exclusivamente ao longo da formação em psicologia, ocorrendo paralelamente a outros processos formativos.

As concepções levantadas têm como um de seus referenciais autoras que conceituaram o gênero em distintas áreas de pesquisa, como a filosofia, algumas sendo mais lembradas que outras, mesmo que de forma imprecisa. Ao se recordarem desses referenciais, as entrevistadas também os interpretavam e conciliavam às suas próprias concepções e aos pressupostos de teorias psicológicas, mesmo que disso decorressem contradições. Foi justamente a busca e explicitação dessas contradições que permitiram identificar os diferentes sentidos de gênero contidos no material analisado.

Outro dado que vale a pena destacar é a importância da autonomia das estudantes para direcionar e matizar o currículo, pois foi isso que permitiu a algumas das entrevistadas passarem a olhar a psicologia e suas teorias com criticidade. Tal movimento favorece a efetiva incorporação de temáticas na formação, conforme se tornam mais relevantes para sociedade em geral. Ainda neste sentido, é bom considerar a relatividade dessa autonomia em que pesem as (im)possibilidades institucionais encontradas pelas estudantes para determinar os rumos de seus estudos, pois há diferenças estabelecidas entre faculdades privadas e públicas no oferecimento de disciplinas optativas, nas oportunidades de cursar disciplinas em outro(s) curso(s) (que podem implicar pagamento), de realizar iniciação científica, entre outras.

Considerando ainda essas atividades paralelas ao currículo obrigatório, destaca-se a participação em encontros, congressos, coletivos e outros grupos de reflexão em que as estudantes e recém-formadas puderam se apropriar de concepções de gênero distintas que, em certa medida, colocaram em xeque alguns dos pressupostos da psicologia e provocaram conflitos, nem sempre bem resolvidos,

entre diferentes perspectivas e em variados contextos, como sala de aula, consultório particular, família, igreja, etc.

A alternativa transdisciplinar para a abordagem da temática de gênero na formação em psicologia, que foi sugerida por parte das entrevistadas, parece uma tentativa de resolver o incômodo causado pelo ensino de abordagens teóricas da psicologia fora de contexto, de forma linear, lógica e sem contradições.

Diane, ao comentar sobre a psicanálise, assume que lhe é inerente o binarismo ao abordar o desenvolvimento sexual de meninos e meninas, mas considera que seria possível entender e situar tal perspectiva teórica compreendendo os padrões de gênero que vigoraram desde sua fundação e como se mantêm ou não até hoje. A sugestão de Diane pode, talvez, com ajuda dos(as) docentes, facilitar a familiarização das estudantes com análises de gênero em termos mais estruturais e menos individuais, independentemente da disciplina em questão.

Finalmente, tenho o desejo de que este estudo possa inspirar outras pesquisas acerca do tema e que estas possam diversificar tanto a compreensão do gênero na psicologia quanto a compreensão da psicologia em meio às relações de gênero vigentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200012&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200012>.
- AMANCIO, Lúgia. O gênero na psicologia: uma história de desencontros e rupturas. **Psicologia**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 9-26, jan. 2001. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492001000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2019.
- ANDRADE, Darlane Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos. (orgs) **Gênero na Psicologia: articulações e discussões**. Salvador: CRP-03, 2013, 196 p.
- ARTES, Amélia; RICOLDI, Arlene Martinez. Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 858-881, Dec. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400858&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143273>.
- AZERÊDO, Sandra. (2013). Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia. **Cadernos Pagu**, (11), 55-66. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634462>
- AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 175, jan. 2010. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000100011>>. Acesso em: 14 out. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 225p, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BORGES, Lenise Santana *et al.* Abordagens de gênero e sexualidade na Psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 730-745, 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000300016&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000300016>.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. **A miséria do Mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p.693-713.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Tensões eu/outro: na memória, no sujeito, na escola. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lucia Horta (orgs). **Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos**. Campinas: Mercado das Letras, p.151-170; 221-236, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.

CARONE, Renata Rodrigues. A atuação do movimento feminista no legislativo federal: caso da lei maria da penha. **Lua Nova**, São Paulo, n. 105, p. 181-216, Sept. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452018000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-181216/105>.

CARREIRA, Denise *et al.* **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais**. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016. 248p.

CARVALHO, Marília Pinto de *et al.* Cuidado e gerencialismo: para onde vai o trabalho das professoras. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 34, e203244, 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100188&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 jan. 2020. Epub 13-Dez-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698203244>.

CARVALHO, Marília. **No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã/FAPESP, 1999, 247 p.

CARVALHO, Marília. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 46 jan.|abr. 2011.

CARVALHO, Marília. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, n. 22, p.247-290, 2004.

CARVALHO, Marília. Teses sobre gênero e desempenho escolar: a contribuição da psicologia. In RAHME, Mônica Maria Farid; FRANCO, Marco Antônio Melo; DULCI, Luciana Crivellari (orgs). **Formação e políticas públicas na educação: tecnologias, aprendizagem, diversidade e inclusão**. Jundiaí: Paco Editorial. 2014. p. 109-134.

CHAVES, Adller Moreira; SOUZA, Eloisio Moulin de. Fazendo e desfazendo gênero na política: uma história de vida. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 31, e181899, 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822019000100219&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Jan. 2020. Epub Sep 02, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31181899>.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: Lane, Silvia T. M., Codo, Wanderley. (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1999. pp. 58-75. Primeira edição em 1984.

CONNELL, Raewyn.; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos. 2015. 335 p.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 27, n. 80, p. 09-20, Oct. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000300001>.

CONNELL, Raewyn. Glass ceilings or gendered institutions: Mapping the gender regimes of public sector worksites. **Public Administration Review** 66: 837-49, 2006.

CONNELL, Raewyn. Northern theory: the political geography of general social theory. **Theory and Society**, 35: 237-264, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia**. Conselho Federal de Psicologia, Associação Brasileira de Ensino de Psicologia e Federação Nacional dos Psicólogos. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Associação Brasileira de Ensino de Psicologia/Federação Nacional dos Psicólogos, 2018. 143 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres**. Brasília: CFP, 2013. 250 p.

CORNEJO-VALLE, Mónica; PICHARDO, J. Ignacio. La “ideología de género” frente a los derechos sexuales y reproductivos. El escenario español. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 50, 175009, 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000200501&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2019. Epub July 06, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500009>.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortês, 1994.

ESPINHA, Tatiana G. **A temática racial na formação em Psicologia a parti r da análise de Projetos Político Pedagógicos: silêncio e ocultação**. Tese (doutorado). Campinas: Faculdade de Educação-Unicamp. 2017.

FAGUNDES, Ana Luisa Marques; ALMEIDA, Alessandra Santos; ANDRADE, Darlane; MIRANDA, Helena. Gênero e psicologia: um debate em construção no CRP-03. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. Maceió/AL. **Anais...** Maceió. 2009. p.1-10.

FERREIRA, Victor. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde Soc**. São Paulo, v.23, n. 3, p. 979-992, 2014.

FIGUEREDO, Raiza Barros de; CRUZ, Fatima Maria Leite. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 803-828, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000200803&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p803>.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Revista Paideia**. Ribeirão Preto, v.14, USP, p. 139-142, 2004.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu [1913]. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIII, p.13-193.

GUIRADO, Marlene. Psicologia Institucional: O Exercício da Psicologia Como Instituição. **Interação em Psicologia**, 2009, 13(2), p. 323-333.

HAMLIN, Cynthia; VANDENBERGHE, Frédéric. Vozes do Sul: entrevista com Raewyn Connell. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 40, p. 345-358, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000100011>.

HARDING, Sandra G. **The science question in feminism**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. 42p.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 abr. 2020

LAGO, Mara Coelho de Souza; UZIEL, Anna Paula. Intersecções: Psicologia e Estudos de Gênero na Revista Estudos Feministas (2003-2014). **Labrys, Estudos Feministas**, n. 26, julho/dezembro 2014. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys26/psy/mara.htm>. Acesso em 4 maio. 2019.

LHULLIER, Louise A. (org.). **Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. 2013. 159p.

MATOS, Zainne Lima. **Disciplinas de Graduação: As questões de gênero e da mulher na USP**. São Paulo. 2016. Disponível em: <http://sites.usp.br/uspmulheres/wpcontent/uploads/sites/145/2016/10/Disciplinas-de-Graduac%CC%A7a%CC%83o-Asquesto%CC%83es-de-ge%CC%82nero-e-da-mulher-na-USP-.pdf>. Acesso em 14 out. 2018.

MELO, Rogério Amador de; BARRETO, Danielle Jardim. Formação em Psicologia: Discursos e Saberes sobre Experimentações de Gênero. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 34, n. 3, p. 676-689, Sept. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000300676&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000932012>.

MIRANDA, Helena; ANDRADE, Darlane; ALMEIDA, Alessandra. Gênero e Psicologia: um debate em construção no CRP-03. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010. Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis, 2010, p.1-9.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Soc. estado.**, Brasília , v. 32, n. 3, p. 725-748, Dec. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300725&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 53, e185300, 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200400&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 out. 2019. Epub 11-Jun-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800530000>.

MIZAEEL, Táhcita Medrado; GOMES, Ariane Rico; MAROLA, Paula Pizzirani. Conhecimentos de Estudantes de Psicologia sobre Normas de Atuação com Indivíduos LGBTs. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, e 182761, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100161&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Jan. 2020. Epub Jan 10, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003182761>.

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. Do original em inglês: *Understanding sex and gender*, in Tim Ingold (ed.), **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

MOSCOVICI, Serge (1981). *On social representations*. In J. P. Forgas (Ed.), **Social cognition: Perspectives on everyday understanding**. Londres: Academic Press.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, set./dez. 2007. pp. 216-223.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n.2, p.9-42, 2000. Publicado originalmente em inglês, em 1994.

NOGUEIRA, Conceição. O gênero na psicologia social e as teorias feministas: dois caminhos entrecruzados. In PORTUGAL, Francisco T.; JACÓ-VILELA, Ana Maria (orgs). **Clio-psyché: gênero, psicologia, história**. Rio de Janeiro: NAU, 2012. 336p.

OLIVEIRA Danielle Cristina de; SOUZA Lídio de. Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n. 2, 2º semestre de 2006.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMANCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 597-615, dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300002>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Livres e iguais. Pessoas transgênero. Nota informativa**. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/voce-sabe-o-que-e-identidade-de-genero/>. Acesso: 15 out. 2019.

PORTUGAL, Francisco T.; JACÓ-VILELA, Ana Maria (orgs). **Clio-psyché: gênero, psicologia, história**. Rio de Janeiro: NAU, 2012. 336p.

PROENÇA, Marilene. Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em psicologia. In OLIVEIRA, Marta Kohl de Oliveira; SOUZA, Denise Trento R. Souza; REGO, Teresa Cristina. (orgs.) **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso: 2 mai. 2019.

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção**. Número 5 \ 2019 • pags. 59 – 72.

ROSEMBERG, Fúlvia. Afinal, por que somos tantas psicólogas?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 6-12, 1984. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931984000100002>.

SALDANHA, Marília; NARDI, Henrique Caetano. Uma psicologia feminista brasileira? Sobre destaque, apagamento e posição periférica. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 16, n. 35, p. 35-52, abr. 2016. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jan. 2020.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 out. 2019.

SANTOS, Helena Miranda dos. A institucionalização da discussão de gênero no sistema de conselhos da psicologia. In: DENEGA, Alessa; ANDRADE, Darlene Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos. **Gênero na psicologia: saberes e práticas**. Salvador: CRP-03, 2016, pp16-39.

SANTOS, Luana Carola dos *et al.* GÊNERO, FEMINISMO E PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL: ANÁLISE DA REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE (1996-2010). **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 589-603, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000300589&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>.

SAWAIA, Bader (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 14ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. 157p.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n.20, v.2, jul/dez. p. 71-99. 1995

SCOTT, Joan Wallach. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)**, n. especial, p. 203-222, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1 jan. 2007.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 196p.

SOLIGO, Angela. A formação em psicologia no Brasil: em busca de novos olhares. In: Cuellar, Edgar Barrero. (coord.). **Formación en psicología: reflexiones y propuestas desde América Latina**. ALFEPSEI Editorial. Bogotá: Alternativa Gráfica LTDA. 2015. pp.169-178.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade. Porto, **Afrontamento**, cap. 6, p.119-137, 1994.

SOUZA, Beatriz de Paula. (org) **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SZYMANSKI, Heloísa. Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós**

Graduados em Psicologia da Educação da PUC/SP. São Paulo, v. 10/11, 2001, p. 193-215.

TRINDADE, Zeidi Araújo; SANTOS, Maria de Fatima de Souza; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. "Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos". In: _____ (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos.** Brasília: Technopolitik, 2011. p. 101-121.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014

WALTER Olga Maria Formigoni Carvalho. Análise de ferramentas gratuitas para condução de survey online. **Produto & Produção**, vol.14 n.2, jun. p. 44-58. 2013.

YANAGISAKO, Sylvia Junko; COLLIER, Jane Fishburne. Toward a unified analysis of gender and kinship'. In COLLIER, Jane Fishburne e YANAGISAKO, Sylvia Junko, eds., **Gender and kinship: essays toward a unified analysis.** Stanford, Stanford University Press, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO³⁴

Gênero no Ensino de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Gênero no Ensino de Psicologia
 Programa de pós-graduação: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FE/USP
 Pesquisadora Responsável: Ângela Esteves Modesto
 Orientadora: Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho
 Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (11) 99374-6977
 E-mail para contato: generonapsicologia@gmail.com

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer a visão de estudantes acerca da abordagem de gênero no ensino de psicologia. As informações serão coletadas por meio de questionário e entrevista. Você está sendo convidada(o) a participar da primeira etapa da pesquisa respondendo a um questionário com perguntas de identificação, alguns aspectos sobre a abordagem do gênero em sua formação e, caso queira, você poderá deixar seu contato para participar da etapa de entrevistas. A qualquer momento você pode pedir maiores informações, inclusive relativas a como o trabalho será realizado. A pesquisadora responsável garante o sigilo que assegure sua privacidade quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Seu nome não será revelado e os dados que você fornecer serão usados somente para a finalidade da pesquisa. Esta pesquisa envolve riscos mínimos e você tem o direito de se recusar a participar ou a retirar seu consentimento a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos a você. Por riscos mínimos se entende sensibilidade a algum aspecto abordado no questionário ou na entrevista. Se isto acontecer, você poderá informar a responsável pela pesquisa e receberá o apoio necessário, sendo encaminhada(o) a profissional devidamente preparada(o) para a(o) acolher. As informações obtidas só podem ser usadas para fins científicos, de acordo com a ética na pesquisa. Sua participação não será remunerada e ajudará a entender como o gênero está sendo abordado no ensino de psicologia.

Dúvidas referentes à ética desta pesquisa poderão ser encaminhadas ao:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEP

Telefone: (11) 3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br

Atendimento: Segunda à sexta-feira das 10h às 12h e das 14h às 16h

Localização: Rua Arlindo Bettio, 1000. CEP: 03828-000. Bairro: Vila Guaraciaba, São Paulo/SP. Prédio I1 | Sala T14

* Required

1. **Concordo em participar do estudo intitulado 'Gênero no Ensino de Psicologia'. Fui devidamente informada(o) e esclarecida(o) pela pesquisadora Ângela Esteves Modesto sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo para mim. ***

Mark only one oval.

- Sim
 Não

Algumas informações sobre você e sua relação com a Psicologia

As questões a seguir buscam obter algumas informações sobre você e sua relação com a Psicologia. Responda-as, assinalando a alternativa que mais bem expressar sua situação ou opinião acerca de você e de seu curso de Psicologia.

2. **Em qual faculdade ou universidade você cursa graduação em Psicologia? ***

³⁴ Para apresentar o questionário neste trabalho ele foi adaptado e extraído da plataforma original (*Google Forms*), portanto perdeu algumas de suas características originais. Dependendo das configurações do navegador de quem acessa a pesquisa algumas palavras não aparecem em português, mas em inglês, como por exemplo "other" em vez de "outros". Mesmo com essa restrição, não houve manifestações das participantes no sentido de apontar algum problema que tenha decorrido disso.

3. Em que período (semestre) do curso você está? **Mark only one oval.*

- 1º semestre
 2º semestre
 3º semestre
 4º semestre
 5º semestre
 6º semestre
 7º semestre
 8º semestre
 9º semestre
 10º semestre
 11º semestre em diante
 Já concluí o curso de graduação

4. Você é: **Mark only one oval.*

- Homem
 Mulher
 Other: _____

5. Quantos anos você tem? *

6. Sua cor ou raça é: **Mark only one oval.*

- Branca
 Preta
 Amarela
 Parda
 Indígena
 Other: _____

7. Qual a sua renda mensal, aproximadamente? **Mark only one oval.*

- Nenhuma renda
 Até 1 salário mínimo (até R\$ 678,00)
 De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 678,01 até R\$ 2.034,00)
 De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.034,01 até R\$ 4.068,00)
 De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.068,01 até R\$ 6.102,00)
 De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 6.102,01 até R\$ 8.136,00)
 De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 8.136,01 até R\$ 10.170,00)
 Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 10.170,01)

8. Qual é sua principal fonte de renda? *

Mark only one oval.

- Não tenho renda
- Trabalho remunerado exercido por mim
- Bolsa (de iniciação científica, de apoio à pesquisa, etc.)
- Ajuda de familiares, parentes e/ou outras pessoas
- Other: _____

9. Você tem alguma formação complementar, além da Psicologia (graduação ou pós-graduação)? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não

10. Se sim, qual é sua formação complementar?

11. Qual é a área de atuação em Psicologia com que você mais se identifica? (Marque quantas alternativas quiser) *

Check all that apply.

- Psicologia Clínica
- Psicologia do Trabalho
- Psicologia do Trânsito
- Psicologia Escolar / Educacional
- Psicologia Jurídica
- Psicologia do Esporte
- Psicologia Social
- Pesquisa e/ou Ensino de Psicologia (nível Fundamental e/ou Superior)
- Other: _____

Gênero no ensino de Psicologia

As perguntas a seguir buscam obter algumas informações sobre o ensino de Psicologia e questões de Gênero a partir de seu ponto de vista. Responda-as, assinalando a alternativa que mais bem expressar sua situação ou opinião.

12. Para você, Gênero se refere principalmente a: (Marque quantas alternativas quiser) *

Check all that apply.

- Relações entre meninos, meninas, homens, mulheres
- Relações de poder
- População LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros)
- Sexualidade
- Feminismo
- Diversidade
- Papéis sexuais
- Questões de identidade
- Mulheres negras
- Desigualdade
- Violência
- Other: _____

13. Houve alguma aula ou discussão em que o tema Gênero tenha sido abordado ao longo de sua graduação em Psicologia? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Não sei

14. Você saberia dizer em que momento ocorreu essa aula ou discussão? (Marque quantas alternativas quiser) *

Check all that apply.

- Não houve aula ou discussão sobre gênero
- Em disciplinas/matérias cursadas
- Em supervisão de estágio
- Em trabalho de campo
- Em grupos de estudo
- Em congressos, seminários, simpósios, palestras
- Em movimentos sociais, grupos militantes
- Other: _____

15. Você poderia contar brevemente como foi essa aula ou discussão em que o tema Gênero foi abordado?

16. Você participa ou já participou de algum movimento social? *

Mark only one oval.

- Sim
- Não
- Não sei

17. Se sim, de qual ou quais movimento(s) você participou?

18. Qual é a principal causa defendida pelo movimento do qual participa ou participou?

Participação na fase de entrevistas

Caso seja de seu interesse participar como entrevistada(o) para dar sua opinião e/ou ponto de vista de forma mais detalhada sobre a abordagem do Gênero no ensino de Psicologia, por favor, deixe seu contato abaixo. Agradeço imensamente e entrarei em contato oportunamente!

19. Você gostaria de participar da segunda etapa desta pesquisa, concedendo uma entrevista? Se sim, por favor deixe seu nome, telefone e/ou e-mail para que eu possa entrar em contato.

Muito obrigada por sua participação! Clique abaixo para concluir e enviar o formulário.

Sua participação é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa sobre a abordagem do Gênero no ensino de Psicologia! Grande abraço!

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA: GÊNERO NO ENSINO DE PSICOLOGIA

Identificação

Nome

*Idade

*Sexo

*Cor/Raça

*IES

*Semestre que está cursando

*Trabalha (tipo de trabalho e carga horária)

*Tem outra formação (qual)

*Participa de movimento social (qual, causa, há quanto tempo)

(*dados já coletados caso a participante tenha respondido ao questionário)

Local de nascimento

Religião

Estado Civil

Filhos (quantos e qual idade)

Mora com quem

Escolaridade da mãe e do pai

Profissão da mãe e do pai

Gênero no Ensino de Psicologia

Eu convidei você para esta entrevista porque você respondeu a um questionário sobre gênero no ensino de Psicologia, certo? Eu tenho suas respostas anotadas aqui, mas gostaria principalmente de conversar sobre elas, de aprofundá-las. Você topa?

1. Por que você escolheu a Psicologia?
2. O tema do questionário que você respondeu é gênero no ensino de Psicologia. Essa é uma questão relevante para você? Por quê?
3. Como foi/tem sido para você discutir e aprender sobre gênero (com exemplos):
 - Em seu dia-a-dia?
 - Em seu curso de Psicologia?
 - Em outros momentos acadêmicos (supervisão, congressos, etc.)?
4. Você se lembra de ter visto ou discutido a temática de gênero em sala de aula/supervisão?
 - Qual?
 - Qual era o assunto?
 - Qual era o texto?
 - E qual era a disciplina?
 - Você gostou da forma como o tema foi trabalhado?

5. Para você faz/fez alguma diferença ser:
 - Aluno ou aluna?
 - Professor ou professora?
 - Autor ou autora da Psicologia?

6. Você participa de algum movimento social?
 - Desde quando?
 - Qual é o mote do movimento?
 - Como você participa?
 - Sua participação interfere em sua formação em Psicologia? Como (exemplo)?

7. Você disse no questionário que as áreas da Psicologia que mais lhe interessam são x, y e z. Você acredita que seu curso te preparou/preparará para atuar nessas áreas? Por quê?

8. Você acredita que discutir e aprender sobre gênero no curso foi/seria importante para sua atuação nessas áreas? Por quê?

9. Você acredita que discutir e aprender sobre gênero no curso foi/seria importante, independentemente da área de atuação em Psicologia que se decida seguir? Por quê?

10. Em sua opinião, como essa discussão sobre gênero no curso de Psicologia deveria acontecer (disciplina, seminários, etc.)?

11. Você disse no questionário que gênero para você se refere principalmente a x, y e z. Poderia comentar um pouco sobre o porquê dessas escolhas?

APÊNDICE III – RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS E SEUS DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome fictício	IES	Período de formação	Identifica-se como	Idade (anos)	Cor/raça	Onde nasceu	Religião	Estado civil	Filhos
Ana Clara	Privada Filantrópica	10º semestre	Mulher	22	Branca	Interior do estado de São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Ana Lia	Privada Filantrópica	8º semestre	Mulher	21	Branca	São Paulo	Criada em igreja católica, mas não segue nenhuma religião específica	Solteira	Não tem
Angelo	Pública da capital	8º semestre	Homem	25	Branca	São Paulo	Não tem	Solteiro	Não tem
Catarina	Privada de rede internacional	8º semestre	Mulher	22	Branca	São Paulo	É espiritualizada (acredita em várias coisas)	Solteira	Não tem
Cristina	Privada familiar	10º semestre	Mulher	27	Branca	São Paulo	Católica	Solteira	Não tem
Débora	Pública da capital	10º semestre	Mulher	23	Branca	São Paulo	Judaica	Solteira	Não tem
Diane	Pública da capital	Recém-formada (concluindo a Licenciatura)	Mulher	25	Amarela	Interior do estado de São Paulo	Sincretismo religioso	Solteira	Não tem
Elisângela	Pública do Interior	Recém-formada	Mulher	23	Branca	Interior do estado de São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Iraci	Privada familiar	Recém-formada	Mulher	58	Branca	Interior do estado de São Paulo	Não tem	Casada	Dois

Nome fictício	IES	Período de formação	Identifica-se como	Idade (anos)	Cor/raça	Onde nasceu	Religião	Estado civil	Filhos
Jéssica	Privada de rede internacional	10º semestre	Mulher	24	Parda	São Paulo	Não tem	União estável	Um
Kátia	Privada de rede internacional	Recém-formada	Mulher	31	Negra	Litoral do estado de São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Keila	Pública da capital	10º semestre	Mulher	25	Amarela	São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Ludmila	Privada Filantrópica	8º semestre	Mulher	47	Branca	Interior do estado de Minas Gerais	Católica	Solteira	Não tem
Maíra	Pública do Interior	Recém-formada	Mulher	24	Branca	Interior do estado de São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Maria Gabriela	Privada de rede internacional	Recém-formada	Mulher	28	Branca	São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem
Marta	Privada familiar	Recém-formada	Mulher	25	Parda	São Paulo	Agnóstica	União estável	Não tem
Mauricio	Pública do Interior	Recém-formada	Homem	24	Branca	Interior do estado de São Paulo	Não tem	Solteiro	Não tem
Patrícia	Privada familiar	Recém-formada	Mulher	33	Branca	São Paulo	Kardecista	Casada	Dois
Robson	Privada familiar	Recém-formada	Homem	54	Branca	São Paulo	Católica	Casado	Um
Tatiana	Pública da capital	10º semestre	Mulher	22	Amarela	São Paulo	Não tem	Solteira	Não tem

APÊNDICE IV – RELAÇÃO DAS ENTREVISTADAS E INFORMAÇÕES SOBRE RENDA E ESCOLARIDADE DOS PAIS

Nome fictício	IES	Renda e participação na renda	Escolaridade pai; ocupação	Escolaridade mãe; ocupação	Vive com
Ana Clara	Privada Filantrópica	De R\$ 2.000,00 a R\$ 4.000,00 (renda familiar; ela declarou não ter renda própria)	Superior completo; publicitário	Fundamental ou Ensino médio completo; produtora de moda	Pai, mãe e irmão
Ana Lia	Privada Filantrópica	Mais de R\$ 10.000,00 (renda familiar)	Superior Completo em Economia e MBA em finanças e em economia do setor financeiro	Superior Completo em administração e pós graduação em arquitetura da paisagem	Pai, mãe, irmão
Angelo	Pública da capital	Mais de R\$ 10.000,00 (renda familiar; ele é bolsista iniciação científica)	Superior completo	Superior completo	Amigos
Catarina	Privada de rede internacional	De R\$ 600,00 a R\$ 2.000,00 (renda familiar;ela faz pão de mel e trabalha num bar às noites, eventualmente)	Fundamental completo ou Ensino Médio completo (Supletivo)	Pós-graduação; neuropsicopedagoga	Mãe
Cristina	Privada familiar	Não tem renda (conta com ajuda de familiares e não informou a renda familiar)	Fundamental completo; operador de máquina, motorista de trator e caminhão. Trabalhava na prefeitura (falecido)	Fundamental incompleto; cozinheira	Mãe e primas
Débora	Pública da capital	De R\$ 600,00 a R\$ 2.000,00 (ajuda de familiares)	Superior; médico	Superior; arquiteta (não exerce)	Pai, mãe e dois irmãos
Diane	Pública da capital	De R\$ 4.000,00 a R\$ 6.000,00 (ajuda de familiares; atende em clínica particular)	Superior completo; engenheiro agrônomo - têm empresa de distribuição de orgânicos no interior	Superior completo; economista doméstica - têm empresa de distribuição de orgânicos no interior	Tia (irmã do pai)
Elisângela	Pública do Interior	Mais de R\$ 10.000,00 (renda familiar; atende em clínica particular)	Superior completo; gerente de grande loja de departamentos	Ensino médio completo; dona de casa	Pai e mãe
Iraci	Privada familiar	De R\$ 2.000,00 a R\$ 4.000,00 (renda familiar; dá aula de pintura, atende em clínica e coordena grupo para familiares de dependentes químicos)	4ª série do ensino fundamental, eletricista	4ª série do ensino fundamental (Mobral), enfermeira	Marido e um dos filhos
Jéssica	Privada de rede internacional	Não tem renda (conta com ajuda de familiares e não informou a renda familiar)	Ensino médio completo; Superior incompleto; eletricista	Fundamental incompleto (parou na 8ª série, quando a entrevistada nasceu); trabalha em Clínica de Limpeza	Companheiro e filha

Nome fictício	IES	Renda e participação na renda	Escolaridade pai; ocupação	Escolaridade mãe; ocupação	Vive com
Kátia	Privada de rede internacional	De R\$ 6.000,00 a R\$ 8.000,00 (renda familiar; ela é funcionária pública)	Ensino fundamental, motorista de ônibus	Ensino médio, auxiliar de enfermagem	Companheiro
Keila	Pública da capital	Mais de R\$ 10.000,00 (renda familiar; ela não tem renda)	Superior completo - aposentado	Superior completo - aposentada	Pai, mãe e irmã
Ludmila	Privada Filantrópica	De R\$ 600,00 a R\$ 2.000,00 (é Auxiliar de Coordenação; faz bolo e pão de mel para vender)	Analfabeto, trabalhou na roça, porteiro, faxineiro	Analfabeta, empregada doméstica, babá, cozinheira	Sozinha (dois irmãos moram no mesmo terreno, em outras casas)
Maíra	Pública do Interior	De R\$ 8.000,00 a R\$ 10.000,00 (renda familiar; ela não tem remuneração)	Superior completo; sócio de construtora	Mestrado completo; psicologia	Pai e mãe
Maria Gabriela	Privada de rede internacional	De R\$ 4.000,00 a R\$ 6.000,00 (renda familiar; atua como Acompanhante Terapêutica)	Superior; fotógrafo	Ensino médio - Magistério; aposentada	Companheiro (namorado)
Marta	Privada familiar	De R\$ 600,00 a R\$ 2.000,00 (principal fonte é sua bolsa de aprimoramento)	Fundamental incompleto (até 8º ano); metalúrgico aposentado	Fundamental incompleto (até 6º ano); trabalhava como vendedora de telemarketing e agora é dona de casa.	Com companheiro
Mauricio	Pública do Interior	Não tem renda (conta com ajuda de familiares e não informou a renda familiar; trabalha como psicólogo clínico)	Superior completo; bioquímico	Ensino médio completo - Magistério; é dona de casa, mas deu aula por um tempo, até se tornar mãe	Amigos
Patrícia	Privada familiar	De R\$ 6.000,00 a R\$ 8.000,00 (renda familiar; atende em clínica e faz avaliação psicológica)	Ensino médio completo; taxista (falecido)	Ensino médio completo; aposentada, Dona de casa. Trabalhou como costureira em fábrica.	Marido e duas filhas
Robson	Privada familiar	De R\$ 4.000,00 a R\$ 6.000,00 (renda familiar; militar da reserva/aposentado; atende em consultório particular)	Primeiro grau (talvez até 5ª ou 6ª série; eletricista)	Primeiro grau (talvez até 2ª ou 3ª série); dona de casa	Esposa
Tatiana	Pública da capital	Mais de R\$ 10.000,00 (renda familiar; ela não tem renda própria)	Superior - veterinário	Superior - arquitetura	Família (não especificou membros)

APÊNDICE V – RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS, PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS SOCIAIS OU COLETIVOS, AFINIDADES NA PSICOLOGIA E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Nome fictício	IES	Participação em movimentos sociais ou coletivos	Área e/ou abordagem da psico com que se identifica e/ou trabalha	Formação complementar
Ana Clara	Privada Filantrópica	Não	Clínica	Não
Ana Lia	Privada Filantrópica	Não sabe	Gosta de Behaviorismo, Psicodrama; Clínica e Psicologia do Trabalho	Não
Angelo	Pública da capital	Movimento estudantil para reivindicar mudanças na formação	Psicanálise - Lacan; Filosofia relacionada à Psicologia; Linguagem; Etologia	Iniciou a graduação em Engenharia, mas não concluiu (cursou por 3 anos)
Catarina	Privada de rede internacional	Diz-se feminista e participa de protestos e rodas de conversa, mas não é vinculada a um grupo específico	Escolar/Educacional, Social, Pesquisa e Esporte	Não
Cristina	Privada familiar	Não	Neuropsicologia, Hospitalar e Clínica. Gosta de Social e Cognitivo-comportamental (Clínica)	Não
Débora	Pública da capital	Não, mas participou da primeira reunião do Coletivo feminista de seu curso.	Clínica, escolar e social	Não
Diane	Pública da capital	Movimentos estudantil e do campo da saúde	Queria trabalhar em Social ou Área da Saúde	Não
Elisângela	Pública do Interior	Coletivo de psicanalistas feministas	Clínica	Não
Iraci	Privada familiar	Não	Atende pautada pela Cognitivo-comportamental e gosta de Psicologia Social	Não
Jéssica	Privada de rede internacional	Sim (Ele Não)	Social, Saúde e Escolar.	Não
Kátia	Privada de rede internacional	Não	Social e Jurídica e clínica psicanalítica.	Graduação em História

Nome fictício	IES	Participação em movimentos sociais ou coletivos	Área e/ou abordagem da psico com que se identifica e/ou trabalha	Formação complementar
Keila	Pública da capital	Coletivo Feminista do curso de psicologia	Gestão (políticas públicas), Escolar, Saúde. Acha Jurídica interessante	Técnica em Produção de Eventos (2 anos) e 2 anos de Editoração (graduação não concluída)
Ludmila	Privada Filantrópica	Pastoral da igreja católica	Clínica, educacional, do esporte e social	Pedagoga e Psicodramatista (pós-graduação)
Maíra	Pública do Interior	Não. Foi apenas uma vez em um “movimento feminista”	Clínica e pesquisa (carreira acadêmica)	Iniciou curso de Design, mas não concluiu
Maria Gabriela	Privada de rede internacional	Projeto de atendimento social (gratuito) que beneficia mulheres	Clínica	Não
Marta	Privada familiar	Não (mas se considera feminista)	Clínica, jurídica, hospitalar e pesquisa (carreira acadêmica). Gosta de Psicanálise e de Cognitivo-comportamental	Não
Mauricio	Pública do Interior	Não diretamente, mas se declara defensor das causas da educação sexual	Gênero e Sexualidade, Educação Sexual, Clínica, Saúde Mental, Hospitalar	Não
Patrícia	Privada familiar	Não	Sexualidade e Psicossomática	Não
Robson	Privada familiar	Não, mas participa das Pastorais da igreja católica	Clínica; mescla teorias, mas usa principalmente a psicanálise	Militar da força aérea (na reserva)
Tatiana	Pública da capital	Não	clínica; escolar	Não

